

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO EDUCACIONAL**

GLAUCO FÉLIX TEIXEIRA LANDIM

**A EDUCAÇÃO HUMANÍSTICA NA PROPOSTA PEDAGÓGICA INACIANA:
UMA DISCUSSÃO FRENTE AOS DESAFIOS DA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA**

São Leopoldo/RS

2021

GLAUCO FÉLIX TEIXEIRA LANDIM

**A EDUCAÇÃO HUMANÍSTICA NA PROPOSTA PEDAGÓGICA INACIANA:
Uma discussão frente aos desafios da sociedade contemporânea**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão Educacional, pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Artur Eugenio Jacobus

São Leopoldo/RS

2021

L257e Landim, Glauco Félix Teixeira.
A educação humanística na proposta pedagógica inaciana:
uma discussão frente aos desafios da sociedade contemporânea /
Glauco Félix Teixeira Landim. - São Leopoldo, 2021.
144 f. : il. ; 30cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional, São
Leopoldo, RS, 2021.
Orientador: Prof. Dr. Artur Eugenio Jacobus.

1. Projeto Político-Pedagógico. 2. Pedagogia Inaciana.
3. Currículo. 4. Gestão Participativa. I. Autor. II Título

CDD 377.8

Dedico este trabalho para a pessoa que sempre me apoiou, com o seu afeto e dedicação, desde o primeiro dia de minha vida: à minha querida mãe, Glória Maria Teixeira Landim, que junto de Deus seguramente está muito feliz com mais esta grande e significativa conquista.

AGRADECIMENTO

A primeira gratidão sempre é dirigida a Deus, pela vida e pelos dons que ele proporciona de forma rica e diversa para cada ser humano, proporcionando que todos possam cruzar o caminho de suas vidas buscando constantemente a sua realização no serviço ao próximo e no cuidado do mundo, a nossa Casa Comum. De forma pessoal, agradeço por ter me permitido viver essa experiência e por tudo que pude aprender e crescer nessa significativa etapa de minha vida acadêmica.

Agradeço à minha família, por ter assumido junto comigo a missão de realizar este mestrado, dando-me a força e o incentivo durante toda a trajetória do curso, especialmente nos momentos de maiores dificuldade. E que souberam compreender cada renúncia e cada sacrifício realizado nesse período, em vista da realização desta pesquisa.

Um agradecimento especial ao Colégio São Francisco Xavier e à Rede Jesuíta de Educação, que me oportunizaram esta qualificação. Sou grato pelo reconhecimento de meu trabalho, por acreditarem na possibilidade de meu crescimento profissional e acadêmico e por proporcionarem um espaço para investigação e estudo que provocou a problemática que motivou esta pesquisa e as principais proposições que a compõem.

Também agradeço aos orientadores desta pesquisa: o Prof. Dr. Pe. João Batista Storck e, posteriormente, o Prof. Dr. Artur Jacobus. A eles meu respeito por todo o empenho e dedicação que prestaram ao acompanhamento deste trabalho.

RESUMO

A principal motivação desta pesquisa foi a necessidade de se buscar pistas para que o Colégio São Francisco Xavier, da Rede Jesuíta de Educação básica, atento ao seu contexto e a partir dos desafios atuais, possa seguir em seu caminho de inovação, buscando que sua prática educativa seja efetivamente integral e integradora, segundo a tradição educativa jesuítica. O objetivo geral foi compreender como se manifesta o aspecto humanístico nos documentos da área educacional da Companhia de Jesus bem como na percepção dos docentes, alunos e dos egressos, de modo a proporcionar uma reflexão que possibilite ao Colégio São Francisco Xavier construir um caminho que seja coerente com esses princípios e ao mesmo tempo em diálogo com o contexto educacional atual. Em termos metodológicos, o trabalho se identifica como qualitativo, tendo utilizado questionários com professores, estudantes e egressos do Colégio São Francisco Xavier, além da pesquisa documental como instrumentos de coleta de dados. A partir do desenvolvimento deste trabalho, percebe-se que a instituição se encontra em um caminho promissor no cumprimento de sua missão. Um exemplo disso é o seu empenho em implementar as orientações do PEC – Projeto Educativo Comum (RJE, 2016), o que possibilitou uma ampla renovação das práticas educativas, do currículo e até mesmo dos ambientes físicos do colégio. Entretanto, também se concluiu que existem aspectos pertinentes a serem observados com atenção para que o colégio permaneça avançando em sua proposta de aprendizagem, como promover uma gestão cada vez mais participativa, realizar uma reflexão séria e aprofundada sobre o currículo escolar, e operacionalizar, de modo cada vez mais efetivo, a articulação entre as dimensões acadêmica e pastoral no colégio jesuíta. Por fim, a presente pesquisa oferece à equipe gestora do Colégio São Francisco Xavier, como proposta de intervenção, um conjunto de recomendações que visam contribuir com o processo de construção de seu projeto político-pedagógico.

Palavras-chave: Projeto Político-Pedagógico; Pedagogia Inaciana; Currículo; Gestão Participativa.

ABSTRACT

The main motivation for this research was the need to seek indications so that Colégio São Francisco Xavier, of the Jesuit Network of Basic Education, attentive to its context and the current challenges, can follow its path of innovation, seeking that its educational practice is effectively integral and integrative, according to the Jesuit educational tradition. The general objective was to understand how the humanistic aspect is manifested in the documents of the educational area of the Society of Jesus, as well as in the perception of teachers, students and graduates, in order to provide a reflection that enables the school to build a path that is coherent with these principles and at the same time in dialogue with the current educational context. In methodological terms, the work is identified as qualitative, having used questionnaires with teachers, students and graduates of Colégio São Francisco Xavier, in addition to documentary research as data collection instruments. From the development of this work, it is clear that the institution is on a promising path in carrying out its mission. An example of this is its commitment to implementing the guidelines of the PEC – Projeto Educativo Comum (RJE, 2016), which enabled a broad renewal of educational practices, curriculum and even the structural environments of the school. However, this study shows that there are relevant aspects to be carefully observed so that the school continues to advance in its learning proposal, such as promoting an increasingly participatory management, carrying out a serious and in-depth reflection on the school curriculum, and operationalizing it in an increasingly effective way, the articulation between the academic and pastoral dimensions in the Jesuit college. Finally, this research offers to the management team of Colégio São Francisco Xavier, as an intervention proposal, a set of recommendations that aim to contribute to the construction process of its political-pedagogical project.

Keywords: Political-Pedagogical Project; Ignatian Pedagogy; Curriculum; Participative management.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Segmento aos quais os docentes pertencem.....	84
Gráfico 2 – Tempo de trabalho dos docentes no Colégio São Francisco Xavier.....	85
Gráfico 3 – Grau de motivação dos docentes em trabalhar em um colégio de inspiração humanística e cristã.....	86
Gráfico 4 – Importância da ação do setor de Formação Cristã e Pastoral no colégio.....	87
Gráfico 5 – Domínio da pedagogia inaciana por parte dos docentes.....	88
Gráfico 6 – Educação para os 4Cs: Competência, compromisso, consciência e compaixão.....	89
Gráfico 7 – Importância do Projeto Político-Pedagógico.....	90
Gráfico 8 – Grau de realização dos docentes em sua missão educativa inaciana.....	91
Gráfico 9 – Importância da dimensão humanística na proposta educativa.....	93
Gráfico 10 – A importância da dimensão humanística na escolha do colégio.....	94
Gráfico 11 – Participação dos estudantes nas atividades da Formação Cristã e Pastoral.....	95
Gráfico 12 – Valores e princípios do colégio assimilados pelos docentes e demais educadores.....	97
Gráfico 13 – Contribuição do Sanfra para a escolha da área profissional.....	98
Gráfico 14 – Impacto da formação humanística.....	100
Gráfico 15 – Ano de conclusão da educação básica do Sanfra.....	101
Gráfico 16 – Tempo de permanência do Sanfra.....	102
Gráfico 17 – Influência de o colégio ser humanista na escolha sobre onde estudar.....	104
Gráfico 18 – Participação dos egressos nos projetos da Formação Cristã e Pastoral.....	105
Gráfico 19 – Valores e princípios da educação jesuíta vivenciados pelos educadores.....	106

Gráfico 20 – Grau de influência do colégio na escolha acadêmica e profissional dos egressos.....	108
Gráfico 21 – Objetivo do Regimento Escolar do Sanfra.....	109

SUMÁRIO

AGRADECIMENTO	4
RESUMO	5
ABSTRACT	6
LISTA DE GRÁFICOS	7
1 INTRODUÇÃO	12
1.1 TEMA	16
1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	17
1.3 PROBLEMA	17
1.4 OBJETIVOS	17
1.4.1 Objetivo Geral	17
1.4.2 Objetivos Específicos	17
1.5 JUSTIFICATIVA	18
1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO	22
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	24
2.1 DE ONDE VEM O TERMO HUMANISMO?	25
2.1.1 As diversas compreensões de humanismo a partir da filosofia da educação	28
2.1.2 Que ser humano se pretende formar?	30
2.2 O HUMANISMO SOCIAL CRISTÃO	32
2.3 HUMANISMO SOCIAL CRISTÃO NOS DOCUMENTOS DA IGREJA CATÓLICA: A DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA	35
2.4 HUMANISMO SOCIAL CRISTÃO NOS DOCUMENTOS DA COMPANHIA DE JESUS.....	41
2.4.1 Fontes primárias da pedagogia inaciana	41
2.4.2 As Congregações Gerais	43
2.4.3 Documentos pedagógicos da Companhia de Jesus	47
2.4.4 SQGE – Sistema de Qualidade na Gestão Escolar	50
2.4.5 Documentos da Companhia de Jesus de referência no âmbito do Brasil	51

2.4.6 Algumas ideias-chave	53
2.5 DOCUMENTOS DO COLÉGIO SÃO FRANCISCO XAVIER	54
2.5.1 O Projeto Político-Pedagógico do Colégio São Francisco Xavier	57
2.5.1.1 Em que consiste um Projeto Político-Pedagógico?	57
2.5.1.2 O que deve guiar a construção do Projeto Político-Pedagógico	62
2.5.1.3 A estrutura do projeto político-pedagógico	64
3 METODOLOGIA	69
3.1 O QUE É UMA PESQUISA QUALITATIVA	69
3.2 POR QUE UM ESTUDO DE CASO?	70
3.3 TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS	71
3.3.1 Questionário	71
3.3.2 Pesquisa documental	73
3.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS ADOTADOS	74
3.6 A OFERTA DE UM SUBSÍDIO PARA A CONSTRUÇÃO DO PPP DO COLÉGIO SÃO FRANCISCO XAVIER COMO PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	75
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	76
4.1 PESQUISA DOCUMENTAL	76
4.1.1 As Características da Educação da Companhia de Jesus	77
4.1.2 PEC	78
4.1.3 Princípios comuns	81
4.2 QUESTIONÁRIOS	83
4.2.1 Professores	83
4.2.2 Estudantes	92
4.2.3 Egressos	101
5 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DA PESQUISA	110
5.1 SOBRE A FINALIDADE DO COLÉGIO	111
5.2 A BUSCA DE UMA GESTÃO PARTICIPATIVA	112
5.3 UM CURRÍCULO INTEGRADO E INTEGRADOR, QUE EDUQUE PARA COMPETÊNCIAS.....	113
5.4 A NECESSÁRIA ARTICULAÇÃO ENTRE O ACADÊMICO E A PASTORAL	116

5.5. A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS EDUCADORES.....	117
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS.....	124
APÊNDICE I - CARTA DE ANUÊNCIA	130
APÊNDICE II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO / PROFESSORES	131
APÊNDICE III - CARTA DE ACEITE / PROFESSORES.....	133
APÊNDICE IV - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS E RESPONSÁVEIS PARA PARTICIPAÇÃO DE MENORES NA PESQUISA.....	134
APÊNDICE V - CARTA DE ACEITE PARA PAIS E RESPONSÁVEIS DOS ESTUDANTES.....	136
APÊNDICE VI - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO DE MENORES NA PESQUISA	137
APÊNDICE VII - CARTA DE ACEITE PARA MENORES DE IDADE	139
APÊNDICE VIII - QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES	140
APÊNDICE IX - QUESTIONÁRIO PARA OS ANTIGOS ALUNOS	142

1 INTRODUÇÃO

Educar, ao mesmo tempo que é uma missão honrosa e sublime, também é um imenso desafio para aqueles que se dedicam a essa tarefa.

Como coordenador de Formação Cristã e Pastoral do Colégio São Francisco Xavier, localizado em São Paulo/SP e pertencente à Rede Jesuíta de Educação, tenho a responsabilidade de gerenciar programas e projetos que contribuem com a formação integral de nossos estudantes, em sinergia com o setor pedagógico da Instituição. Assim como preconiza o PEC - Projeto Educativo Comum, documento que orienta a ação pedagógica das escolas jesuítas no Brasil, devemos fomentar processos formativos que explicitem

os principais aspectos da identidade institucional, suas raízes fundacionais, aquilo que se espera da missão da Companhia de Jesus e, em especial da missão educativa, com vista ao crescimento e amadurecimento pessoal, à luz da visão cristã de mundo, contemplando a valorização e a formação para a Justiça Social e a Sustentabilidade. (RJE, 2016, p. 67).

O PEC (RJE, 2016, p.15) ainda diz que os colégios da Companhia de Jesus devem formar e educar pessoas “conscientes, competentes, compassivas e comprometidas”. Entretanto, cumprir essa tarefa educativa de formar integralmente as pessoas exige os conhecimentos, habilidades e atitudes necessários para tal fim (LÜCK, 2014). Além disso, não são suficientes essas competências sem um conhecimento adequado do tempo em que se vive e do contexto no qual as instituições educativas estão imersas.

Dentre os grandes pensadores que tratam sobre a natureza da educação, dois são muito importantes e possuem definições e concepções sobre a educação muito próximas daquelas que queremos trabalhar nesta pesquisa.

O primeiro deles é o filósofo **Immanuel Kant**, que pensa o gesto de educar como algo que conduz o ser humano à liberdade. Sendo o homem e a mulher as únicas criaturas no mundo com possibilidade de serem educados, estes são provocados a pensar, estimulando sua autodeterminação crítica, de modo que possam escolher o que é melhor para si, ou seja, o mais justo e o mais correto. É este conceito expresso na obra “Sobre a Pedagogia”, uma coleção de palestras publicada em 1803.

Para Kant, é a educação que torna a pessoa habilitada a viver socialmente de forma civilizada: “o homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação, ele é aquilo que a educação faz dele” (KANT, 1996, p. 18). Em síntese, para o pensador alemão, a felicidade humana consiste em aprender – pela disciplina e pela instrução – a saber direcionar a vontade pela força da razão, e assim adquirir autonomia e liberdade para fazer boas escolhas.

Outra grande pensadora com grande reconhecimento é a também filósofa **Hannah Arendt**. De origem alemã, ela percebe a profunda crise na educação norte-americana no final dos anos 60, no século XX. A partir desse estudo, Arendt expõe a sua ideia acerca da natureza da educação:

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda de novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos as nossas crianças o bastante para não expulsá-las do nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tão pouco arrancar de suas próprias mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum (ARENDR, 2011, p. 247).

Em sua visão, as crianças são a principal esperança no mundo. Por meio da educação, elas logram sentir e entender o mundo em que vivem como o seu próprio lar, assumindo o compromisso de cuidá-lo e conservá-lo. Uma vez que este mundo está em constante mudança, também o processo educativo precisa ser continuamente refletido e renovado, a fim de ser uma proposta interessante para as novas gerações. Na visão arendtiana, o educador também tem grande importância, uma vez que deveria assumir o seu encargo de educar, antes de qualquer coisa, pelo seu desejo de cuidar do mundo e querer que ele se perpetue, por meio do convívio saudável das novas gerações com o ambiente e a sociedade onde se vive.

Por isso, na visão da filósofa alemã, é impossível dissociar a educação da política, uma vez que o ato de educar possui uma forte incidência sobre a vida e o compromisso social das nações.

Entre os estudiosos que se dedicaram a entender os desafios da cultura e da sociedade contemporânea, temos Zygmunt Bauman (2001). Este sociólogo polonês tornou-se uma referência na análise das muitas mudanças que se estabeleceram nos últimos anos e que configuraram o modo como as pessoas passaram a entender o mundo, a sociedade e a si mesmas.

Bauman (2001, p. 9) define o tempo em que estamos vivendo como uma “modernidade líquida”, fazendo uma referência ao modo fluido pelo qual as pessoas se relacionam nos dias de hoje. Segundo o autor, ficou no passado o tempo da “modernidade sólida”, no qual as relações sociais eram solidamente estabelecidas, tendendo a serem mais fortes e duradouras, seguindo determinados padrões convencionados, que eram claramente conhecidos e praticados pelas pessoas. Os parâmetros concretos de classificação se dissolvem. A subjetividade, própria da modernidade, faz com que as pessoas se sintam livres para buscarem ser o que querem, lutando com as suas próprias forças. A liquidez deste tempo se define exatamente pela inconstância e incerteza que é gerada pela falta de pontos de referência socialmente estabelecidos.

O filósofo jesuíta Henrique Cláudio de Lima Vaz também faz uma abordagem pertinente a respeito da especificidade dos tempos em que vivemos, apropriada para a discussão desta pesquisa. Na compreensão da relação entre natureza e cultura, a civilização ocidental passou por algumas etapas de mudança de paradigma, a partir principalmente da era cristã. A natureza, antes entendida e valorizada a partir de si mesma, passa a ser compreendida como Criação do Deus Todo-Poderoso, que unifica em si a razão e o sentido de tudo o que existe no universo. Com o advento da técnica e da ciência experimental, no entanto, a secularização torna-se uma realidade e abrem-se os horizontes para um período que alguns pensadores arriscam chamar de “pós-cristão”. Lima Vaz traz a questão que anos depois Bauman iria sistematizar em sua teoria da modernidade líquida, quando afirma que “o Cristianismo não é mais o centro organizador das constelações simbólicas que orientam os rumos do devir social” (VAZ, 1992, p. 154). É o grande paradoxo da humanidade, percebido de modo claro na educação: “Sem Deus e sem Natureza, e arrastado na dialética sem fim da necessidade e da satisfação, onde irá ele buscar uma fonte objetiva de normas e valores capazes de regular e orientar o fluxo vertiginoso da sua atividade cultural?” (VAZ, 1992, p. 155). Estamos em um tempo, seguindo ainda o pensamento do filósofo jesuíta, em que o ser humano nunca produziu tanto, mas que, em contrapartida, nunca teve tão definida a sua capacidade de contemplar, ou seja, de olhar o mundo, as pessoas e as situações para mais além do que elas parecem ser.

Todo esse câmbio no modo de pensar das pessoas afeta também o ambiente escolar. Essa incerteza do mundo presente provoca as instituições educativas a inovarem as suas práticas pedagógicas, respeitando o modo de ser de seus alunos e

superando os desafios que o tempo presente traz aos processos de ensino e de aprendizagem. Urge que a prática educativa dialogue de forma concreta com as crianças, adolescentes e jovens de hoje. Pedagogos, filósofos, psicólogos, neurocientistas e uma vasta gama de estudiosos têm trabalhado para avaliar e projetar as melhores formas de se educar nos tempos hodiernos.

A fluidez de nossos tempos tem feito as pessoas pagarem um preço alto, que por muitas vezes custa a realização pessoal e até mesmo a própria vida. São muitos, por exemplo, os casos de suicídio de jovens em idade escolar. Não é difícil encontrarmos nos ambientes escolares jovens infelizes, que se sentem incompreendidos, incapazes e sem perspectiva de futuro, em um tempo em que a depressão é a doença do século.

Como fazer para superar uma visão de educação que supervaloriza o aspecto cognitivo e técnico, em detrimento de todas as outras dimensões da pessoa que precisam igualmente serem consideradas na sua formação? Como atingir o objetivo de formar pessoas competentes, conscientes, comprometidas e compassivas, que não se isolam em sua própria subjetividade, mas que se importam com a justiça e com o bem comum e se põem a serviço de uma sociedade melhor para todos? Como colaborar para a aceitação de que as pessoas e a natureza estão conectadas de maneira indissolúvel e que é urgente o cuidado com a Casa Comum?

A gestão educacional “visa, em última instância, a melhoria das ações e processos educacionais, voltados para a melhoria da aprendizagem dos alunos e sua formação” (LÜCK, 2014, p. 15), de modo que desenvolvam as competências necessárias para exercerem a justiça socioambiental da qual cada cidadão é responsável. E esse caminho é feito não só com os docentes, mas com todos os agentes da tarefa educativa: também os pais, colaboradores, gestores e os próprios alunos, que se responsabilizam em colaborar com a própria formação e a de seus colegas.

É clara a percepção de que o atual modelo de ensino tem muitas dificuldades em responder às demandas da educação e da juventude. A própria Rede Jesuíta de Educação, no PEC, percebe que há muito o que inovar para superar as dificuldades que a realidade atual impõe.

Percebemos professores cansados e desanimados, embora empenhados na busca de estratégias de interação e construção que sejam mais atraentes à aprendizagem; verificamos alunos desmotivados e chateados, muitas vezes

dormindo em sala de aula: crianças, adolescentes e jovens que amam seus colégios, mas se encontram desencantados com o lugar sagrado da aprendizagem, ainda muito restrito às quatro paredes da sala de aula. (RJE, 2016, p. 15).

Para tudo isso, a identidade específica da escola jesuíta se dirige e busca atender. Busca ser fiel, portanto, à identidade específica da instituição educativa, seguindo os princípios de Santo Inácio de Loyola como um caminho para encontrar uma forma viável de se educar no mundo de hoje com as suas demandas.

Dois documentos norteadores deste caminho são “Características da Educação da Companhia de Jesus” (GRACOS, 2015) e “Pedagogia inaciana: uma proposta prática” (ICAJE, 1993) que descrevem, respectivamente, a pedagogia e a didática das instituições jesuítas de hoje. O Pe. Luiz Fernando Klein reforça que os dois documentos podem ser definidos por duas metas consagradas: uma é “formar homens e mulheres para os demais”, de autoria do Pe. Pedro Arrupe; e a outra é “formar pessoas conscientes, competentes, compassivas e comprometidas”, expressão do Pe. Peter-Hans Kolvenbach (KLEIN, 2014, p. 3).

Mais recentemente foi lançado o documento “**Colégio jesuítas: uma tradição viva no século XXI – um exercício contínuo de discernimento**”, que visa dar continuidade e atualidade à reflexão sobre a identidade cristã e inaciana dos colégios jesuítas e a busca constante de fidelidade criativa à pedagogia que nasce da experiência dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola.

Pensar nessa problemática implica também revisar a forma de se elaborar currículos e programas. Por isso, nesta pesquisa, também se pretendeu verificar o quanto a formação humanística tem sido o diferencial na educação dos alunos da RJE diante das orientações da Igreja, dos documentos da Companhia de Jesus e da reflexão de pensadores ligados à educação humanística.

1.1 TEMA

A EDUCAÇÃO HUMANÍSTICA NA PROPOSTA PEDAGÓGICA INACIANA: uma discussão frente aos desafios da sociedade contemporânea.

1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

O campo de estudo para esta pesquisa foi o Colégio São Francisco Xavier, unidade da Rede Jesuíta de Educação localizada no bairro do Ipiranga, em São Paulo, para compreender a maneira como se manifesta a educação humanística nos documentos da área educacional da Companhia de Jesus no Brasil e como ela está presente na proposta formativa do Colégio São Francisco Xavier.

1.3 PROBLEMA

Quais princípios e critérios devem nortear a construção de um Projeto Político-Pedagógico que possa contribuir com o avanço e o desenvolvimento da oferta do Colégio São Francisco Xavier de uma educação que seja integral e integradora, de inspiração humanística e pautada na pedagogia inaciana?

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo Geral

Compreender como se manifesta o aspecto humanístico nos documentos da área educacional da Companhia de Jesus bem como na percepção dos docentes, alunos e dos egressos, de modo a proporcionar uma reflexão que possibilite ao Colégio São Francisco Xavier construir um projeto político-pedagógico que seja coerente com esses princípios e ao mesmo tempo em diálogo com o contexto educacional atual.

1.4.2 Objetivos Específicos

- Compreender os princípios da educação jesuíta e da pedagogia inaciana, com base nos documentos da Companhia de Jesus e nas suas principais fontes.
- Estudar a proposta curricular do Colégio São Francisco Xavier para compreender a forma pela qual a dimensão humanística é contemplada.

- Entender de que forma a proposta educativa da pedagogia inaciana é assumida pelos docentes e assimiladas pelos estudantes e egressos do Colégio São Francisco Xavier.
- Oferecer um subsídio que contribua para a construção do Projeto Político-Pedagógico do Colégio São Francisco Xavier, fortalecendo a sua identidade educativa humanística e inaciana.

1.5 JUSTIFICATIVA

Vive-se um momento histórico marcado por muitas controvérsias e realidades que ferem a dignidade do ser humano e ameaçam a sustentabilidade do planeta. Um modelo de educação que se diz humanístico não permanece alheio a situações tão duras que os povos do mundo enfrentam.

É importante olhar com coragem para a realidade presente para que o gestor educacional possa oferecer uma proposta educativa inaciana, de cunho humanístico e inspiração cristã, que possa ser compreendida e assimilada no contexto atual, pelas crianças e jovens de hoje.

Por meio da análise da realidade do Colégio São Francisco Xavier, fundamentado em pesquisa bibliográfica, procurou-se refletir acerca da gestão das instituições educativas jesuítas e buscar novos métodos de ensino e de aprendizagem que levem em conta a centralidade e a subjetividade do aluno, proporcionando uma formação verdadeiramente integral, na linha do humanismo social cristão.

O Colégio São Francisco Xavier não possui, no momento da realização desta pesquisa, um projeto político-pedagógico atualizado e em vigência. Ele começou a ser construído em 2019, com a animação da direção acadêmica e o envolvimento das lideranças intermediárias para que, juntamente com as suas equipes, pudessem desenvolver os passos necessários para a reflexão sobre esse material. Esse caminho não pôde ser concluído, sobretudo por conta da pandemia do novo coronavírus, que impôs a política de distanciamento social e de ensino a distância, fazendo com que todos trabalhassem e estudassem em suas próprias casas, para cuidado e preservação da saúde. O processo de construção do projeto político-pedagógico deverá ser retomado em 2022, com a participação de toda a comunidade educativa.

Sendo assim, esta pesquisa pretende oferecer um subsídio para a construção do Projeto Político-Pedagógico do Colégio São Francisco Xavier, de modo a avaliar o trabalho realizado até o momento e fortalecer o seu compromisso pedagógico humanístico e inaciano, consolidando a tradição conquistada em seus 93 anos de missão educativa.

Tendo atuado por 18 anos na área educativa, estou por completar três anos no Colégio São Francisco Xavier. Reservo algumas linhas para contextualizar a minha caminhada acadêmica e profissional até o momento.

Como Coordenador de Formação Cristã e Pastoral, tenho buscado reforçar a sintonia prevista no modelo educativo cristão entre a dimensão acadêmica e a dimensão pastoral. O desafio de fazer estes dois aspectos curriculares dialogarem entre si existe na maior parte das instituições educativas católicas.

Comecei minha missão educativa há 22 anos. Apesar de uma breve experiência em uma escola de educação infantil no ano de 1999, quando trabalhei como monitor do laboratório de informática, tornar-se voluntário de uma obra social no ano de 2002 foi uma grande reviravolta em minha vida profissional e acadêmica. E assim deveria ser já que, como técnico programador, após quatro anos de trabalho, resolvi seguir outro projeto de vida, em uma congregação religiosa, para dedicar a minha vida e todas as minhas energias pela educação da juventude.

Nessa obra social, localizada na cidade de Pindamonhangaba/SP, realizei seis meses de voluntariado, dando aulas no contraturno escolar para crianças e adolescentes da rede pública da cidade. As disciplinas que assumi eram as aulas de inglês, de música e de formação humana. Nesta última, muitas vezes, permitia que os educandos levassem suas tarefas escolares para fazermos juntos e poder dar o apoio e o suporte necessário. Afinal, sentia que a presença educativa e amiga, que incentiva o crescimento e se coloca como apoio, era o mais importante deste processo.

No ano seguinte iniciei a faculdade de Filosofia. Durante todo o período do curso, não descuidávamos da ação social. Ela continuava presente nos trabalhos de final de semana quando, na cidade de Lorena/SP, cuidávamos de centros esportivos e comunitários nos quais os jovens se dirigiam para jogar e se divertir. Era uma oportunidade para nos aproximarmos deles, de dizer uma palavra amiga, de saber se estavam frequentando a escola, se não faltava nada do essencial para uma vida digna em suas casas.

O curso de Filosofia foi a minha primeira licenciatura. Foi o momento em que fundamentei o meu caminho como educador e em que ampliei a percepção de que a educação ou é integral, ou não é efetiva. Não há como formar o ser humano apenas em uma de suas dimensões. Na época, pesquisei, no trabalho de conclusão do curso, o papel da religião na modernidade (LANDIM, 2006), fundamentando-me sobretudo na teoria do agir comunicativo do filósofo alemão Jürgen Habermas (HABERMAS, 1989).

Terminada a Licenciatura, realizei um ano de trabalho na obra social dos Salesianos em São Carlos/SP e, em seguida, o Bacharelado em Teologia. Durante essa graduação, entre 2009 e 2010, fui convidado também a cursar pós-graduação em Catequese, na mesma Universidade (UNISAL), como uma forma de qualificar também a graduação que realizava na época.

Findado este período de formação inicial da Vida Religiosa, trabalhei em três diferentes instituições: em 2012, retornei a Pindamonhangaba, a mesma na qual fiz a experiência de voluntariado, agora na condição de vice-diretor. Entre 2013 e 2015, trabalhei na sede provincial como Delegado para a Animação Vocacional e para a Animação Missionária. Foi um período muito forte de experimentar o quanto o acompanhamento pessoal é uma parte importante do processo de descoberta de si mesmo e de amadurecimento, bem como do processo educativo como um todo da pessoa. Por fim, trabalhei no biênio 2016-2017 na Direção Geral da Obra Social São João Bosco, na cidade de Campinas, cujos 170 colaboradores animavam os oito núcleos que compunham a obra, em quatro bairros diferentes da cidade. Desses núcleos, três eram Centros de Educação Infantil conveniados com a Prefeitura Municipal de Campinas e cinco eram núcleos socioassistenciais que, juntos, atendiam a cerca de 2800 crianças e adolescentes por dia.

Foi ao final de 2017, no mês de dezembro, que cheguei ao Colégio São Francisco Xavier, para assumir a coordenação do setor de Formação Cristã e Pastoral. Ao chegar, logo no primeiro diálogo com o Diretor Geral, fui imediatamente apresentado ao PEC e contextualizado da sua importância na garantia da identidade inaciana do colégio, bem como na sintonia com o projeto construído e proposto para toda a Rede Jesuíta de Educação no Brasil.

Algumas semanas depois, tive acesso ao livro “Educação jesuíta e pedagogia inaciana”, organizado pelo Pe. Klein, que contém o documento “Características da Educação Jesuíta”, através do qual pude fazer uma primeira grande viagem aos

princípios que fundamentam o modo próprio de educar da Companhia de Jesus. A leitura desse texto me motivou a aprofundar ainda mais meus conhecimentos sobre os princípios da pedagogia inaciana e o desenvolvimento histórico da educação jesuíta, sempre com o intento de aperfeiçoar o meu trabalho diário no Colégio São Francisco Xavier.

Um momento também importante nesse caminho foi o 1º Encontro de Diretores Acadêmicos e de Pastoral, realizado em Puebla, no México, em setembro de 2019. Organizado pela FLACSI – *Federación Latinoamericana de Colegios de la Compañía de Jesús*, o evento proporcionou um diálogo aberto e consciente acerca dos principais desafios enfrentados para realizar um trabalho educativo verdadeiramente integral, com as dimensões acadêmica e pastoral dos colégios jesuítas empenhadas no mesmo propósito e no mesmo movimento educativo.

Ouvimos muito nessa ocasião o quanto um projeto pedagógico bem construído, com a participação de toda a comunidade educativa e bem fundamentado na pedagogia inaciana, é uma chave para garantir a integração necessária nos colégios da Companhia de Jesus na América Latina. O processo de construção do Projeto Político-Pedagógico é oportunidade ímpar de se fazer a discussão sobre o aspecto humanístico da educação jesuíta, para que seja conhecido com profundidade por toda a comunidade educativa e para que seja garantida a sintonia entre as dimensões acadêmica e pastoral nos projetos pedagógicos do colégio.

Além disso, é a forma mais garantida de permitir que o colégio, enquanto ambiente de aprendizagem, seja construído a partir da sensibilidade e da contribuição de cada membro da comunidade educativa. É a maneira mais efetiva e produtora de se permitir que o currículo extravase a sala de aula e possa ser “respirado” nos corredores escolares porque é uma vivência diária de cada educador ou estudante da unidade. E, por ser um caminho conhecido e compartilhado também pelas famílias, torna-se um caminho contínuo de crescimento e amadurecimento para cada um dos estudantes, centro da ação educativa do SANFRA.

Por isso, esta pesquisa buscou, além de aprofundar as bases teóricas da educação humanística e da pedagogia inaciana, fazer uma análise crítica do momento histórico em que nos encontramos, levando em conta o contexto do Brasil e, especificamente a realidade na qual o Colégio São Francisco Xavier está imerso. Isso foi feito não só a partir da pesquisa bibliográfica, mas também a partir da contribuição e da participação no processo de construção do Projeto Político-Pedagógico, em

conjunto com a direção acadêmica do SANFRA. Tal processo, ao partir da colaboração de todos os agentes da comunidade educativa – estudantes, colaboradores e famílias –, permitirá ter uma visão ampla a respeito dos grandes desafios e problemáticas a serem enfrentados. É a partir desse contexto que se poderá desenvolver uma proposta de educação que leve em conta a singularidade de cada pessoa, possibilitando um caminho possível de conhecimento e desenvolvimento para todos, no modo inaciano de se educar.

1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

A fundamentação teórica desta pesquisa, presente no segundo capítulo deste trabalho, se inicia tratando da origem e do desenvolvimento do termo “humanismo”. O que se quer dizer quando se fala em “educação humanística”? Busca-se responder a esta pergunta a partir do conceito grego de Paideia, que traz em si a premissa da formação do ser humano de maneira completa, em todas as suas principais dimensões. Após essa abordagem, chega-se à discussão sobre a proposta humanística com a qual a educação jesuíta está mais em sinergia, o humanismo social cristão. Apresenta-se a sua definição baseando-se em alguns documentos da Igreja Católica e em documentos da Companhia de Jesus. Por fim, o segundo capítulo trata ainda dos documentos próprios do Colégio São Francisco Xavier. São considerados os documentos já existentes e a perspectiva do seu Projeto Político-Pedagógico – para o qual este trabalho pretendeu oferecer subsídios para a sua construção.

O terceiro capítulo é dedicado à metodologia. Nele são explicadas as técnicas para coleta e análise dos dados que fundamentaram este trabalho, além da natureza qualitativa desta pesquisa (embora se tenha utilizado uma abordagem quantitativa em uma das técnicas de coleta de dados). Também se comenta sobre os procedimentos éticos utilizados nesta pesquisa e a entrega a ser realizada, a partir deste trabalho, para a unidade educacional que serviu de referência para este estudo.

Passando para o capítulo seguinte, o quarto, é feita a análise dos dados que foram coletados pelos dois instrumentos escolhidos para esta investigação: a pesquisa documental e os questionários. Para o primeiro, os documentos analisados foram as “Características da Educação da Companhia de Jesus” (GRACOS, 2015) e o Projeto Educativo Comum – o PEC (RJE, 2016). Já os questionários analisados são

os que foram submetidos aos estudantes, educadores e egressos, sobre questões ligadas aos aspectos desenvolvidos no trabalho.

Avançando para o capítulo quinto, são elencados os pontos que compõem a proposta de intervenção da presente pesquisa. Ou seja, as linhas de ação que partem das proposições e dos princípios que foram analisados e discutidos.

Por fim, as considerações finais trazem uma síntese de todo o caminho percorrido na composição desta pesquisa e traçam alguns horizontes que dela decorrem, visando consolidar a proposta de educação humanística do Colégio São Francisco Xavier e estruturá-la, a partir da elaboração do seu projeto político-pedagógico.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Companhia de Jesus, desde Santo Inácio de Loyola, construiu um formidável caminho educativo nos países em que está presente, de modo que a sua percepção e pensamento acerca da educação seja uma contribuição importantíssima não só para que os colégios jesuítas pudessem manter a sua fidelidade criativa a esse legado, como também para inspirar processos e iniciativas em outras instituições educativas, sejam elas públicas ou privadas, baseadas, influenciadas ou até mesmo inspiradas pelos princípios jesuíticos e inacianos.

Afinal, não é de hoje que a Companhia de Jesus participa ativamente do desenvolvimento da história da educação mundial, tendo inclusive iniciado o projeto escolar em alguns países, como é o do Brasil.

A tradição humanística cristã encontra os seus fundamentos em uma corrente filosófica da Grécia Antiga, berço do pensamento ocidental, que gestou a concepção de *Paideia*. Essa visava à formação do cidadão por completo, levando em conta todas as suas dimensões constitutivas, não se preocupando apenas em transmitir um conteúdo que precisava ser assimilado.

É importante compreender o conceito de humanismo e entender o seu desenvolvimento histórico para que possamos situar os documentos da Companhia de Jesus em sintonia com esse movimento, que pretende pensar a educação de forma integral.

O presente capítulo, que busca fundamentar as bases desta pesquisa, se iniciará com a conceituação de humanismo e as formas pelas quais ele foi visto por diversos pensadores. Em seguida, se explicará o que se entende por humanismo social cristão, que é assumido pela educação jesuíta como seu valor primordial. Esta apresentação se estenderá aos principais documentos da Companhia de Jesus, desde os mais antigos até os contemporâneos, para se elucidar as bases nas quais se ancoram o projeto educativo jesuíta. Por fim, o foco será dedicado aos documentos norteadores do Colégio São Francisco Xavier e, especificamente, sobre a identidade, a natureza e a estrutura de um Projeto Político-Pedagógico, o qual se pretende construir a partir dos princípios discutidos nesta pesquisa.

2.1 DE ONDE VEM O TERMO HUMANISMO?

Antes de iniciar a apresentação do conceito de humanismo, é importante dizer que, nesta pesquisa, usaremos os termos “humanismo” e “humanística” como sinônimos. Tal uso é avalizado por autores tais como Abbagnano (2012, p. 602) e, no campo da Língua Portuguesa, também por reconhecidos autores como Hoauiss, que defende ser possível utilizar tanto o termo humanista quanto humanística (HOUAISS, 2014).

Seguindo estas fontes, apura-se que a palavra “humanismo” tem sua origem na língua portuguesa a partir do idioma italiano (“umanista”). Já a palavra “humanística” tem sua origem no alemão “Humanistisch”, tendo sido incorporado ao espanhol e ao português já no século XX, as únicas línguas latinas que possuem esse vocábulo (HOLZER, 2016).

Falando especificamente do termo “humanismo”, sabe-se que ele não é novo e tampouco possui significado unívoco. Segundo Reale,

O termo "Humanismo" foi usado pela primeira vez no início do 800 para indicar a área cultural coberta pelos estudos clássicos e pelo espírito que lhe é próprio, em contraposição ao âmbito das disciplinas científicas. A palavra *humanista*, porém, já era empregada pela metade do 400, e deriva de *humanitas*, que em Cícero e Gélío significa educação e formação espiritual do homem, na qual tem papel essencial as disciplinas literárias (poesia, retórica, história, filosofia). (REALE, 2005, p. 3).

Era um movimento que, gradualmente, resgatou a relevância dos “estudos das *litterae humanae* e a considerar a antiguidade clássica, grega e latina, como um ponto de referência para as atividades espirituais e a cultura em geral” (REALE, 2005, p. 3). Sua grande influência no pensamento ocidental foi ter trazido um novo modo de se entender o ser humano e os seus problemas, que resultou na conclusão da dignidade que este possui perante toda a ordem restante do mundo. O ser humano é extraordinário e precisa ser visto e estudado como tal.

Esta definição, no entanto, é ampla. De fato, é difícil delimitar de forma objetiva as características do Humanismo, pois não há unanimidade entre os estudiosos que buscaram entender esse período da história do conhecimento. Também porque não foi apenas a partir da sua compreensão filosófica que o ser humano viu a realidade se transformar, mas também sob os aspectos sociais, políticos, morais, literários, artísticos, científicos e religiosos.

O humanismo passou a ser compreendido como uma área cultural e por um espírito próprio a partir do trabalho do filósofo e teólogo alemão F. I. Niethammer (1766-1848). Já o termo “humanística”, no sentido que se compreende hoje, começou a ser cunhado por volta do século XV, “para indicar os professores e cultores de gramática, retórica, poesia, história e filosofia moral” (REALE, 2005, p. 5).

Para os antigos autores latinos Cícero e Gélio, “*humanitas* significa aproximadamente aquilo que os helênicos indicavam com o termo *paideia*, ou seja, educação e formação do homem”. (REALE, 2005, p. 5). O ser humano, segundo os gregos, precisava desenvolver todas as suas virtudes, tendo como meta alcançar o que é belo e bom. “Portanto, *humanitas* significa, inicialmente, tanto a educação formal do jovem até a vida adulta quanto a finalidade e o produto desta educação, o ser humano plenamente realizado” (AQUINO, 2000, p. 68).

A ideia de *paideia* foi consolidada na cidade grega de Atenas, quando esta vivia um período de reconstrução após a sua queda, antecedida por uma guerra que durou quase 30 anos. “É destes tempos dolorosos que parte a volta para interioridade que o espírito grego faz nos séculos seguintes” (JAEGER, 1961, p. 483). A meta principal nesse momento era recompor o Estado e a vida inteira das pessoas sobre sólidos fundamentos. É nesse contexto que a ideia de *paideia* se desenvolve, se a entendemos a partir do ponto de vista “do despertar de um ideal consciente de educação e de cultura” (Ibid., p. 484).

Para Platão, filósofo importante para a constituição da filosofia grega, o saber é essência de toda a verdadeira educação ou *paideia*, pois “enche o homem do desejo e da ânsia de se tornar um cidadão perfeito, e o ensina a mandar e a obedecer, sobre o fundamento da justiça” (Ibid., p. 147).

A *paideia*, portanto, é um conceito que abrange muito mais do que a mera preparação para a vida adulta ou da assimilação de conhecimentos importantes para a futura vida profissional de sucesso, mas a transmissão de uma “cultura entendida no sentido perfectivo que a palavra tem hoje entre nós: o estado de um espírito plenamente desenvolvido, tendo desabrochado todas as suas virtualidades, o homem tornado verdadeiramente homem” (MARROU, 1966, p. 158).

A tradição educativa grega foi assimilada pelos romanos e, por meio deles, chegou ao cristianismo. Nesse contexto, Jesus é colocado como o grande mestre de vida, e a Escritura como o compêndio educativo essencial (JAEGER, 1961). A literatura cristã se desenvolve alimentada com muitos elementos da cultura grega,

mas buscando construir um novo modelo de pensamento e de civilização, pautado nos princípios do Evangelho.

Passados alguns séculos na história, surge de forma estrita o conceito de humanismo, como “o movimento literário e filosófico que nasceu na Itália na segunda metade do século XIV, difundindo-se para os demais países da Europa e constituindo-se a origem da cultura moderna” (ABBAGNANO, 2012, p. 602). Configura-se como um pilar do Renascimento, mais especificamente no “reconhecimento do valor do homem em sua totalidade e a tentativa de compreendê-lo em seu mundo, que é o da natureza e da história” (Ibidem).

Abbagnano (2012, p. 602) cita quatro bases fundamentais do Humanismo, nessa perspectiva histórica:

- Superando a visão predominante do período medieval de que a alma possui a proeminência em relação ao corpo, o humanismo resgata a perspectiva aristotélica de unidade entre ambos, compreendendo o indivíduo.
- A historicidade do homem é reconhecida na sua importância, com a valorização do seu passado como elemento fundante da construção da sua identidade. A Idade Média não havia desvalorizado a História, mas a Modernidade trouxe a necessidade de olhar a Antiguidade e os textos clássicos com uma nova sensibilidade, que tem o ser humano como principal foco de atenção nesse estudo.
- Mantendo o olhar no âmbito da literatura clássica, verifica-se a grande contribuição que ela trouxe para a construção do que Cícero e Varrão já chamavam de *humanitas*, ou seja, a educação do homem como tal (ou a *paideia*, conforme já explicitado anteriormente).
- Compreensão do ser humano como um ser natural, absolvendo-o do desejo de querer aprofundar o seu conhecimento sobre a natureza, qualificando essa intenção como algo indispensável para a vida e para o sucesso.

Em síntese, o conceito de humanismo no léxico filosófico atual é relacionado com as doutrinas que verificam o centro da realidade e do saber no homem (e não fora dele) e com as teorias que objetivam salvaguardar a dignidade do ser humano frente às correntes que a ameçam.

2.1.1 As diversas compreensões de humanismo a partir da filosofia da educação

O humanismo pode ser fundamentado a partir de diferentes áreas. “Pode ser de matriz cristã ou secular, religiosa ou filosófica” (BRAKEMEIER, 2000, p. 172). O ponto em comum será sempre a busca por um mundo e um modo de conviver mais “humano”, onde a dignidade de cada pessoa seja respeitada e promovida: “todo humanismo deve resistir à instrumentalização do ser humano para fins que lhe são alheios, negando-lhe o ‘preço’ e afirmando-lhe a ‘dignidade’” (BRAKEMEIER, 2000, p. 172).

A partir do século XX, inúmeros filósofos trazem à tona a discussão sobre a pessoa, resgatando a importância dessa temática. Apenas para trazer à mesa a reflexão de alguns destes pensadores, temos a contribuição de Martin Buber (1878-1965), jornalista e teólogo, que atribuía ao diálogo um importante papel pedagógico na elaboração de um projeto educativo humanístico. Para ele, o diálogo deve buscar a verdade que traz a razão e o sentido de viver.

Buber, portanto, dá grande importância ao encontro entre o professor e o aluno. E deixa claro o quanto, para ele, a docência transforma a vida de quem assume essa missão, quando diz (BUBER, 1978, p. 266) que “uma pessoa vive e implementa em sua própria existência aquilo que gostaria de ensinar”. Segundo ele, todos nessa relação estão aprendendo, seja o aluno, seja o professor. E tornam-se explícitos, nesse diálogo, os valores e as crenças inerentes ao contexto de vida dos interlocutores.

Outro autor, dentre os citados, que traz uma contribuição muito interessante para esta presente pesquisa é Paul Ricoeur. Para ele, a educação é um processo que está em contínua busca pela verdade, especialmente a verdade de cada pessoa: a sua identidade. Reconhecer a própria identidade e a identidade do outro é caminho para a convivência pacífica entre todos. Nessa busca da realização consigo e com os outros, a dimensão ética é importante. Trabalha a categoria do “educador político”, levando em conta a responsabilidade social que a educação possui. A pessoa encontra a verdade própria do saber e do reconhecimento de si mesmo e, a partir desses dados, contribui com a coletividade. Essa contribuição se dá, sobretudo, na luta pela justiça.

Ora, devemos aprender a nos conduzir num mundo que será, cada vez mais, o teatro de decisões tomadas em escala coletiva. A tarefa do educador, então parece-me dupla: primeiro, tornar visível a significação da ética de toda escolha de aparência puramente econômica; em seguida, lutar pela construção de uma democracia econômica. (RICOEUR, 1995, p.154-155).

É interessante destacar também Max Scheler, filósofo alemão, para quem educar significa humanizar. Apesar da temática não ser um tema central na reflexão de Scheler, ele trata sobre a ética, especialmente no campo dos valores, algo muito importante a ser pensado no âmbito do humanismo. Segundo o pensador, o saber pode ser classificado em três espécies: o saber de dominação ou de realização, o saber da essência ou cultural e o saber metafísico ou de salvação (SCHELER, 1986, p. 07-19). A primeira tem a ver com a técnica, necessária sem dúvida, mas que não pode ser a principal. Na segunda espécie, segundo Scheller, está o caminho para a reconstrução da educação em vista de uma maior humanização, em detrimento de uma formação demasiadamente utilitarista. Aqui se busca a formação do ser, da vocação maior do ser humano. O terceiro nível é o mais alto que o saber pode alcançar, colocado no mais alto grau da hierarquia da sabedoria humana. Nessa perspectiva, a pessoa se torna mais humana à medida que conhece mais de si mesma e aperfeiçoa a sua relação com o outro.

Por fim, vale também recordar o filósofo Jacques Maritain, que, em sua obra clássica (MARITAIN, 1962), propôs, em seu título – Humanismo Integral –, a definição que depois a *Populorum Progressio* (IGREJA CATÓLICA, 1967), de Paulo VI, colocou como central na doutrina social da Igreja. No pontificado de São João Paulo II, o termo seria enriquecido e depois retomado com o papa Bento XVI, quando este fala de desenvolvimento humano integral, na encíclica *Caritas in veritate* (IGREJA CATÓLICA, 2009). O Prof. Francisco Borba Ribeiro Neto sintetiza o humanismo integral de Maritain em cinco aspectos (RIBEIRO NETO, 2020):

- O primado da pessoa sobre as coisas e sobre os processos sociais;
- A pessoa só pode ser compreendida a partir da sua integralidade, não podendo ser reduzida a uma de suas dimensões (econômica, cultural etc.);
- Todas as ações sociais devem objetivar o bem comum, que coincide com a realização total da pessoa;

- Não se pode prescindir da dimensão ética ao se pensar em questões que envolvam a vida humana, mesmo em situações que envolvam o progresso, desenvolvimento ou justiça social.
- São as pessoas as protagonistas das ações na vida social e na construção do bem comum, não o Estado. Este tem o dever de garantir a possibilidade de realização destas ações.

2.1.2 Que ser humano se pretende formar?

O humanismo, da forma como é compreendido por todos esses pensadores, é uma temática mais do que pertinente e atual, sobretudo se pensamos no campo da educação. Brotam por todos os lados propostas educativas que não levam em conta de forma plena a dignidade do ser humano, mas sim a sua “utilidade” na manutenção da sociedade e da economia.

[...] a modernidade desmistificou o ser humano. Reduziu-o a porção desprezível do megacosmo científico, tecnológico e geopolítico, ameaçando-o transformá-lo em máquina, mercadoria, objeto descartável. (BRAKEMEIER, 2000, p. 171).

Esse fenômeno que o autor chama de “crise do humanismo” se manifesta por algumas situações que negam diretamente a dignidade humana, tal como encontramos nas seguintes expressões:

- A adoção dos princípios naturalistas que defendem a ideia de que apenas os mais fortes sobrevivem. É a ideia base do neoliberalismo. Defende-se que competitividade é o que mantém o equilíbrio social e econômico. “O livre mercado, não sujeito a nenhuma disciplina, desconhece a dignidade humana” (BRAKEMEIER, 2000, p. 174).
- A tecnocracia, que atropela a ética, não permitindo o diálogo entre aquilo que é factível e aquilo que é permitido. Brakemeier cita o exemplo da biotecnologia, que, motivada por interesses econômicos, não mede esforços para avançar, sem pensar nas consequências das suas pesquisas para a vida humana.

- O uso maldoso da defesa de um pluralismo social que visa relativizar compreensões de mundo que não entendem a dignidade humana como algo válido ou racional¹.

Como se pode perceber, são situações permeadas de muito debate e discussão e que, para muitas pessoas, não representam necessariamente um perigo. Pelo contrário: enxergam essas formas de entender a realidade como libertadoras, como as únicas maneiras de permitirem o progresso e o desenvolvimento econômico e político das nações.

No entanto, como nessas compreensões a dignidade da vida humana não ocupa o centro das preocupações, faz sentido perguntar: esse progresso e esse desenvolvimento irão necessariamente beneficiar todas as pessoas? Às custas de quantas vidas esse progresso e desenvolvimento serão alcançados?

Nesse sentido é que o ato de educar torna-se um tema vivo, por necessitar de constante reflexão. A reflexão sobre que seres e que sociedade desejamos para nossa geração e para as gerações futuras. Essa era a questão da *Paideia* grega, uma vez que, na Grécia Antiga, educava-se para um ofício, mas educava-se para a vida em comunidade, em todas as suas nuances. É preciso indagar se nossas práticas educativas têm ajudado para nos tornarmos seres melhores, posto que o ato de educar pode ser o motor da construção de sujeitos éticos dotados de responsabilidade, solidariedade e de caráter para dar novos rumos à história humana. (DINIZ, 2014).

Muitas respostas podem ser dadas a essas interrogações, sendo que todas estão relacionadas à maneira como se compreende a dignidade da vida humana. Pode-se ter respostas altamente altruístas e positivas, mas também respostas deturpadas e assustadoras para quem reconhece o valor e a dignidade da vida humana. Por isso, ao se buscar construir um projeto educativo que visa à construção de um mundo melhor para todos, que seja inclusivo e atento à dignidade humana, faz-se necessário pensar esse plano com um viés humanista, seguindo o modelo dos gregos, que pensavam a formação da pessoa de modo integral.

Resta o desafio de realizar essa tarefa em meio à grande competitividade do ramo educacional, colonizado por empresas e tornado fonte de grandes lucros, em

¹ O mesmo autor afirma que é, diante de problemas como este, que se torna necessária uma ética global, fruto de um consenso universal acerca de determinados princípios que devem ser inegociáveis, como, por exemplo, a dignidade da vida humana. Nesse aspecto, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, pelas Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948, é uma grande vitória para a humanidade.

detrimento da centralidade da ação educativa e da importância da formação da pessoa de modo integral.

2.2 O HUMANISMO SOCIAL CRISTÃO

O Padre Pedro Arrupe, Superior Geral dos Jesuítas de 1965 a 1983, questionava: “*Qué significa el mundo si no se le pone al servicio de la humanidad?*” (MARGENAT, 2011, p. 81). Colocar o mundo a serviço do ser humano é uma tarefa na qual a educação pode dar uma grande contribuição. Trata-se de transformar a liberdade em responsabilidade, o dom em tarefa, o amor em oferenda.

A “verdadeira humanidade (*humanitas*) é o pressuposto da paz e, portanto, a vocação comum de todos os povos desta terra” (BRAKEMEIER, 2000, p. 175). Os jesuítas, apesar de não terem tido originalmente a intuição de realizar a sua missão por meio da educação, foram aos poucos descobrindo as grandes possibilidades que seriam abertas por meio dessa ação, sobretudo entre 1542 e 1548. A partir desse direcionamento, pode-se dizer que a tradição educativa jesuíta se dirigiu, desde as suas origens, ao desenvolvimento e transmissão de um autêntico humanismo cristão (MARGENAT, 2011).

Dada a complexidade e a amplitude da discussão acerca da definição e do desenvolvimento histórico do humanismo, delimitamos o estudo desta investigação à corrente com a qual o projeto educativo da Companhia de Jesus identifica-se: o humanismo social cristão.

Segundo Storck,

o humanismo social cristão, propriamente dito, estrutura os seus fundamentos a partir dos Evangelhos que apresentam a pessoa de Jesus Cristo como Filho de Deus encarnado, que assume a condição humana, vivendo entre nós e como nós, comprometido com os homens e mulheres do seu tempo (STORCK, 2016a, p. 62).

Ou seja, o humanismo social cristão mantém o seu interesse centralizado na pessoa humana, cuja dignidade tem sua origem no fato de ter sido criada por Deus, para que se desenvolvesse de modo integral, em todas as suas dimensões.

O sacerdote jesuíta Johan Konings, analisando sinteticamente o histórico da reflexão humanística citado no tópico anterior, afirma que

a expressão humanismo social cristão indica uma tentativa de repensar o humanismo cristão à la Maritain e a doutrina social cristã das grandes encíclicas e da *Gaudium et Spes*, num contexto novo, marcado pela radicalização do pensamento social de inspiração cristã, tanto na Europa (a partir de Mounier) como no Terceiro Mundo (teologia da libertação) (KONINGS, 2000, p. 39-40).

Cita também as realidades conhecidas ora por globalização, ora por neoliberalismo, que mudaram a forma de perceber o ser humano, substituindo o seu protagonismo pelo do mercado e do lucro, colocando no centro não a pessoa, mas as suas relações políticas e econômicas, causando não pouco dano à vida humana, especialmente aquelas que se encontram em situação de maior fragilidade.

Essas mudanças não passam despercebidas também no contexto cultural, incluindo no tocante à questão ética, ligada ao comportamento e aos sistemas de valores que são cultivados e transmitidos. Partindo desta premissa, Konings prossegue: “a busca de um humanismo social cristão pode ser uma tentativa de esboçar um *ethos* e comportamento que procuram valorizar o ser humano em sua totalidade (não só o *homo economicus*), a partir da inspiração cristã” (KONINGS, 2000, p. 40).

Destrinchando o termo, entende-se:

- Humanismo: porque se interessa em cultivar os valores e em pensar o ser humano de modo integral;
- Social: porque está preocupado com as relações socioeconômicas da pessoa, bem como sua participação na sociedade;
- Cristão: porque tem a referência na pessoa de Jesus Cristo, levando em conta os seus gestos e ensinamentos.

Nessa forma de distinguir o humanismo, funde-se uma dimensão constitutiva do ser humano – a sociabilidade – com uma experiência fundadora de sentido – o ser cristão.

Jesus, em seu tempo, buscou ser o profeta de novos tempos, que exigiam novas posturas e comportamentos. O “Reino de Deus” é o grande tema dos seus discursos, presente na maior parte deles. Tratava-se da implantação de um novo modo de pensar e de se relacionar com Deus, com as pessoas e consigo mesmo. Deus é entendido como Pai, criador de todos. E os seres humanos são, conseqüentemente, irmãos... Membros de uma única família, a família de Deus e, portanto, responsáveis uns pelos outros para o seu crescimento e realização pessoal.

Com os seus ensinamentos, “Jesus superou fronteiras nacionais, culturais e religiosas. Acolhe os religiosamente excluídos, os pecadores, os endemoninhados” (KONINGS, 2000, p. 49). Reestabelece o amor como princípio fundamental de todas as relações, o ordenamento jurídico mais importante a se obedecer. Interpreta as Escrituras, esclarecendo como o amor a Deus acima de todas as coisas não pode ser desassociado do amor ao próximo (Lc 10, 25-37). Fazer o bem ao irmão ou à irmã, especialmente quem mais precisa, é como fazer o bem ao próprio Cristo (Mt 25, 31-46). Não cria uma teoria social, mas, insistindo no cuidado mútuo, reforça que viver em comunidade, em espírito de partilha, permite que ninguém passe necessidade, mas que todos sejam socorridos em suas urgências pelos irmãos que estão sempre por perto. Este é o *ethos* social cristão que, progressivamente, vai tomando forma na mente daqueles que seguiam a Jesus. A fraternidade e a solidariedade são os grandes princípios desse modo de viver humanístico ensinado por Cristo, que recoloca o ser humano em um lugar devido de atenção e de cuidado.

No decorrer da história, a corrente humanística ganha forças após a Idade Média, dando início à era Moderna. Se a revolução copernicana colocou o Sol no centro do universo, o humanismo colocou o Ser Humano, no intento de superar a visão de mundo anterior que entendia que Deus ocupava esse lugar. Pensadores cristãos, motivados por esse novo impulso, buscaram renovar a reflexão teológica para esses novos tempos. A retomada da cultura da antiguidade, especialmente a grega, é uma característica dos tempos modernos. No âmbito cristão, esse tempo pode ser visto de duas formas. Por um lado, não tão positivo, em uma emancipação humana que fez com Deus fosse cada vez mais marginalizado do mundo, até chegar à compreensão do “super-homem de Nietzsche e na proclamação da boa nova da morte de Deus” (KONINGS, 2000, p. 56)². Por outro lado, de forma mais promissora, foi permitida uma grande e importante renovação racional da fé cristã, expressa tanto na reforma protestante como na reforma católica, realizada no Concílio de Trento.

É nesse período histórico também que surge “a grande obra educacional iniciada pelos jesuítas e depois desenvolvida em toda a rede de escolas cristãs fundamentalmente baseada na tradição humanística” (KONINGS, 2000, p. 56). A

² Ao afirmar que Deus está “morto”, Nietzsche busca trazer presente o espírito da sua época, expondo o niilismo presente na Europa na qual vivia. O filósofo não discute a existência de Deus em si, tampouco a necessidade de prová-la. Mas quer demonstrar como a religião exerce uma influência cada vez menor na vida das pessoas do seu tempo.

chamada “Fórmula do Instituto”, a partir da qual ocorreu a aprovação papal da fundação da Companhia de Jesus já preconizava a finalidade para a qual ela é iniciada:

Esta foi instituída principalmente para o aperfeiçoamento das almas na vida e na doutrina cristã, e para a propagação da fé, por meio de pregações públicas, do ministério da palavra, dos Exercícios Espirituais e obras de caridade, e nomeadamente pela formação cristã das crianças e dos rudes. (GIULIANI, 1991, p. 292 apud STORCK, 2016b, p. 141).

Essa retomada histórica é importante para que, ao voltar os olhos para os dias atuais, se possa pensar como resgatar de maneira renovada este *ethos* cristão em uma sociedade marcada pelo individualismo e pelo hedonismo, excessivamente preocupada com o poder e com o lucro. Um processo educativo pensado a partir do princípio do humanismo social cristão deve ajudar a gerar uma ética de solidariedade, “num *ethos* voltado para o outro humano” (KONINGS, 2000, p. 59), buscando a realização pessoal de cada indivíduo.

2.3 HUMANISMO SOCIAL CRISTÃO NOS DOCUMENTOS DA IGREJA CATÓLICA: A DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

O Magistério da Igreja ensina que cada ser humano é a imagem viva do próprio Deus. Nele, os homens e as mulheres encontram o sentido de suas existências, a partir do mistério de Cristo. Essa união divina dá dignidade à vida humana e apresenta a sua maior vocação: viver e buscar continuamente progredir nessa comunhão profunda com o seu Criador. A Igreja entende que esta é a sua maior missão: fazer com que os seres humanos não só tenham consciência dessa vocação, mas tenham todas as possibilidades de realizá-la.

Deus, que por todos cuida com solícitude paternal, quis que os homens formassem uma só família, e se tratassem uns aos outros como irmãos. Criados todos à imagem e semelhança daquele Deus que “fez habitar sobre toda a face da terra o inteiro género humano, saído dum princípio único” (At. 17,26), todos são chamados a um só e mesmo fim, que é o próprio Deus. (IGREJA CATÓLICA, 1965a, 24).

Por isso, a vida em sociedade também é tema de reflexão da comunidade eclesial, pois é ali que vive a pessoa humana, que é o coração e a alma do ensinamento social católico. Consciente das múltiplas interpretações que coexistem

acerca do valor e da dignidade da vida humana, a reflexão da Igreja busca “tutelar a dignidade humana em face de toda tentativa de se voltar a propor imagens redutivas e distorcidas” (PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, 2011, p. 72). Esta prerrogativa leva também a considerar a inviolabilidade e a integridade da vida humana, que não diminui ou aumenta de acordo com as posses financeiras, grau de instrução ou cor da pele. Todas as vidas humanas possuem a mesma dignidade e nada justifica considerar que uma seja mais importante do que a outra.

Sendo “Imago Dei”, o ser humano – assim ensina a Doutrina Social da Igreja – traz em si um forte impulso que o direciona para o encontro com Deus. “Toda a vida do homem é uma pergunta e uma busca de Deus” (PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”, 2011, p. 73). Essa ideia leva à compreensão de que a relação do ser humano com a sua dimensão transcendente não só é natural, como também faz parte do seu caminho de realização pessoal. É algo que, no contexto da sua integralidade, compõe o ser humano, como um de seus aspectos indissociáveis.

Ainda seguindo a interpretação que o Magistério da Igreja faz das Sagradas Escrituras, não se pode esquecer a responsabilidade de cuidado que os homens e as mulheres possuem em relação ao mundo em que vivem e aos outros seres com quem o compartilham. O mundo e toda a criação, chamada pelo Papa Francisco de “Casa Comum” (IGREJA CATÓLICA, 2015), não deve ser “dominada” pelo ser humano para que este esgote todos seus recursos ou a coloque à disposição de seus interesses econômicos e de poder. Como parte de um complexo e maravilhoso meio ambiente, o ser humano se beneficia de todos os bens da natureza, mas também deve trabalhar pela sua preservação, evitando que o desenvolvimento e o progresso sejam motivo para destruição ou aniquilamento dos recursos naturais do planeta ou da vida animal.

Todos esses princípios estão muito bem fundamentados pelo Magistério da Igreja em um “corpus” específico que passou a se chamar de “Doutrina Social da Igreja”. Trata-se do conjunto de escritos, mensagens, cartas, encíclicas, exortações, pronunciamentos e declarações que compõem o pensamento do magistério católico a respeito da chamada “questão social”. Esta começou a ser discutida no final do século XIX, com a Revolução Industrial e com todas as mudanças acarretadas por ela no contexto econômico, político e social. O surgimento de uma massa de proletários assalariados determina fortes mudanças na organização social, fazendo com que a relação capital x trabalho se torne uma questão decisiva, de um modo até então

desconhecido. As estruturas de produção e o capital, nas mãos de poucos, tornaram-se um novo poder. As massas operárias eram privadas de seus direitos.

Sensível a esse cenário, o papa Leão XIII lança a Carta Encíclica “Rerum Novarum” (IGREJA CATÓLICA, 1891), fazendo com que a Igreja se aproxime formalmente desse cenário, a fim de promover um olhar humanístico, à luz da Sagrada Escritura e dos ensinamentos cristãos.

É por isso que a Igreja tem uma palavra a dizer, hoje como há vinte anos e também no futuro, a respeito da natureza, das condições, das exigências e das finalidades do desenvolvimento autêntico e, de igual modo, a respeito dos obstáculos que o entram. Ao fazê-lo, a Igreja está a cumprir a missão de evangelizar, porque dá a sua primeira contribuição para a solução do urgente problema do desenvolvimento, quando proclama a verdade acerca de Cristo, de si mesma e do homem aplicando-a a uma situação concreta. (IGREJA CATÓLICA, 1987, 41).

Diante das preocupações sociais de seu tempo, Leão XIII propõe uma solução baseada em um acordo entre as partes. Propõe que, por um lado, os pobres fossem tratados com mais dignidade e que os ricos não fossem tão cruéis; por outro lado, defende o direito à propriedade privada. Interessante notar que ambas as questões que norteiam essa primeira encíclica, a dignidade da vida humana e a justiça social, são elementos fundantes do ensinamento da fé cristã, com precedentes em grande parte da Sagrada Escritura, de modo especial na vida e nas palavras de Jesus Cristo.

Até os dias atuais, muitos outros documentos foram escritos para dar continuidade à reflexão social da Igreja, deixando cada vez mais clara a sua visão humanística-cristã, que deve marcar as relações sociais, políticas e econômicas das pessoas e dos Estados.

Em todos esses documentos, o humanismo social cristão é retomado e reinterpretado de modo a responder às questões impostas perante a vida humana.

O objetivo fundamental do humanismo social cristão, portanto, é levar as pessoas a construírem responsabilmente a sociedade humana considerando os princípios e valores fundamentais do cristianismo, que são, entre outros: o princípio do respeito e da dignidade da pessoa humana na sua integralidade, como criatura à imagem de Deus, e por isso a igual dignidade de todas as pessoas; respeito à vida humana; a consecução de uma ordem social justa, garantindo que cada pessoa tenha uma vida digna; opção preferencial pelos pobres; o princípio da solidariedade; princípio da subsidiariedade; princípio da destinação universal dos bens; o destino universal dos bens da natureza e cuidado com a sua preservação e defesa do ambiente; o desenvolvimento integral de cada pessoa e dos povos; o primado da justiça e da caridade. Todos esses princípios estão expressos nos Evangelhos e na longa tradição humanista da Igreja Católica [...] (STORCK, 2016a, p. 64).

O humanismo social cristão busca também libertar as pessoas do individualismo, um dos grandes males dos tempos atuais, levado ao extremo pela influência do mercado neoliberal e da razão tecnocientífica. Nesse contexto, as pessoas nem logram entender-se adequadamente a si mesmas. Muitas acabam desorientadas, correndo atrás de uma felicidade paradoxal, o que normalmente acaba gerando frustração, depressão e outros males que afetam a sua saúde e a sua realização pessoal.

O desenvolvimento não se reduz a um simples crescimento econômico. Para ser autêntico, deve ser integral, quer dizer, promover todos os homens e o homem todo, como justa e vincadamente sublinhou um eminente especialista: "não aceitamos que o econômico se separe do humano; nem o desenvolvimento, das civilizações em que ele se incluiu. O que conta para nós, é o homem, cada homem, cada grupo de homens, até se chegar à humanidade inteira" (IGREJA CATÓLICA, 1967, p. 14).

A reflexão gerada pela Igreja em todos esses anos, somado ao grande impacto do Concílio Vaticano II nos anos 60, deu uma grande contribuição para que os cristãos se sentissem mobilizados a lutarem pelos valores do humanismo, entendendo essa causa como parte integrante de sua missão evangelizadora.

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história. (IGREJA CATÓLICA, 1965a, p. 1).

O Concílio Vaticano II foi um esforço da Igreja de realizar um "aggiornamento", ou seja, uma verdadeira abertura para as questões que envolvem a vida humana no mundo, abandonando uma postura solipsista voltada apenas para as questões estritamente religiosas e espirituais. É certo que esse movimento já vinha sendo preparado desde o final do século XIX e sobretudo na primeira metade do século XX. Mas também é correto dizer que foi o Concílio Vaticano II o grande marco dessa renovação.

Os documentos conciliares, no tocante ao humanismo, seguem a esteira dos documentos já existentes da Doutrina Social da Igreja, reafirmando o compromisso de buscar construir uma sociedade que respeite e promova a dignidade da pessoa

humana. A referência sempre é a pessoa de Jesus Cristo, modelo de humanidade e mestre na busca da realização e da felicidade.

Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura do futuro, isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime. (IGREJA CATÓLICA, 1965a, p. 22).

O Concílio Vaticano II foi composto de quatro sessões, entre os anos de 1962 a 1965, e teve como resultado 16 documentos. Realizou uma verdadeira mudança a partir de dentro no ambiente eclesial e na sua reflexão acerca de sua missão pastoral. A Igreja passa a ser compreendida não mais uma estrutura hierárquica e perfeita, mas como Povo de Deus a caminho: o Corpo de Cristo, do qual cada pessoa igualmente faz parte e contribui com a sua vocação e ministério. O chamado comum a todos é o da comunhão, com Deus e com a humanidade.

A *Gaudium et Spes* critica determinada forma de compreender o humanismo: a que conclui que “a liberdade consiste em ser o homem o seu próprio fim, autor único e demiurgo da sua história; e pensam que isso é incompatível com o reconhecimento de um Senhor” (IGREJA CATÓLICA, 1965a, p. 20). E aponta essa questão como sendo uma das raízes do ateísmo moderno, que não só leva o ser humano a se afastar da fé em Deus, mas que também implica conseqüentemente outros males, como a ganância pelo dinheiro e pela sede obstinada pelo poder.

No entanto, ao apontar esse fenômeno, a Igreja não está se divorciando do humanismo. É justo o contrário: o documento ajuda a trazer presente o aspecto humanístico presente vivamente na essência do cristianismo. A própria motivação da realização do Concílio Vaticano II comprova isso, assim como o próprio Paulo VI afirmou em seu discurso de encerramento da última sessão conciliar:

Com efeito, um imenso amor para com os homens penetrou totalmente o Concílio. A descoberta e a consideração renovada das necessidades humanas — que são tanto mais molestas quanto mais se levanta o filho desta terra — absorveram toda a atenção deste Concílio. Vós, humanistas do nosso tempo, que negais as verdades transcendentais, dai ao Concílio ao menos este louvor e reconhecei este nosso humanismo novo: também nós — e nós mais do que ninguém somos cultores do homem. (IGREJA CATÓLICA, 1965b).

É claro que o Cristianismo nunca será um humanismo puro. Afinal a concepção de Deus ultrapassa os limites da razão e da imanência humana. O humanismo cristão

não é apenas um modelo de humanismo entre outros, já que a sua contribuição poderá ser vista também em outros modelos e perspectivas humanísticas. Entretanto, o que não pode ser deixado de lado é que o Humanismo Cristão valoriza o homem protagonista da sua história, em um caminho que o leva a Cristo, o modelo de homem perfeito e fim último de toda a vida humana.

A Igreja defende que o reconhecimento de Deus de modo algum se opõe à dignidade do homem, uma vez que esta dignidade se funda e se realiza no próprio Deus. Com efeito, o homem inteligente e livre foi constituído em sociedade por Deus Criador; mas é sobretudo chamado a unir-se, como filho, a Deus e a participar na sua felicidade. Ensina, além disso, a Igreja que a importância das tarefas terrenas não é diminuída pela esperança escatológica, mas que esta antes reforça com novos motivos a sua execução. (IGREJA CATÓLICA, 1965a, p. 21).

Olhar para os documentos da Igreja, especialmente ao seu Magistério Social e ao Concílio Vaticano II, é importante para fundamentar o Humanismo Social Cristão como uma opção da Igreja que não nasce de uma decisão qualquer, mas de uma opção de fidelidade criativa às origens do Evangelho e da Missão em Jesus Cristo. A atividade da Igreja, entendida como “evangelização”, não está de modo algum restrita à tarefa de instruir e educar para a assimilação de uma doutrina. Evangelizar significa levar a boa nova do Evangelho em vista de uma promoção integral da pessoa humana que, identificando-se com Jesus Cristo, encontra nele o sentido da sua existência e a força para, de forma solidária e fraterna, levar essa mesma vida para outros, especialmente aqueles que mais sofrem.

Nesta pesquisa, para ampliar a compreensão acerca do humanismo social cristão, serão comentadas a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* e as Encíclicas *Populorum Progressio* e *Laudato Si'*. Sobre o primeiro citado, além do que já foi dito neste texto, é importante estudar o seu alcance enquanto divisor de águas, por trazer um modo renovado de a Igreja interpretar o humanismo em sua ação apostólica. Todos os documentos eclesiais a partir dele se basearão, até este momento, nessa concepção. A *Populorum Progressio*, escrita apenas dois anos depois do final do Concílio Vaticano II, irá prolongar a discussão trazida pela *Gaudium et Spes*, falando especificamente do desenvolvimento da humanidade, perante tantas chagas existentes no mundo, tais como a fome, a miséria, as doenças endêmicas e a ignorância (STORCK, 2016a, p. 67). Já a *Laudato Si'*, escrita pelo Papa Francisco, é o mais recente documento do Magistério Social da Igreja. Amplia a noção de cuidado

para além da pessoa humana, mas também para a sua Casa Comum. Tudo está conectado, não é possível pensar na promoção da humanidade, descuidando das questões que envolvem o meio ambiente onde ele vive.

2.4 HUMANISMO SOCIAL CRISTÃO NOS DOCUMENTOS DA COMPANHIA DE JESUS

Neste tópico serão apresentados os principais documentos da Companhia de Jesus que fundamentam a inspiração humanística da educação jesuíta. Essa análise se inicia com as fontes primárias da pedagogia inaciana, passando pelas declarações das Congregações Gerais da Ordem e pelos documentos que orientam a ação das instituições educativas do ensino básico e superior no mundo e no Brasil.

2.4.1 Fontes primárias da pedagogia inaciana

Seguindo uma ordem cronológica, apresentam-se primeiro os **Exercícios Espirituais**. A primeira versão foi publicada em 1548 e é resultado da profunda experiência espiritual realizada por Santo Inácio de Loyola desde a sua conversão, passando pelos fatos que viveu em seguida, especialmente o tempo de meditação e de isolamento em Manresa. O próprio escrito traz em si a definição a respeito do que se trata:

Por esta expressão, Exercícios Espirituais, entende-se qualquer modo de examinar a consciência, meditar, contemplar, orar vocal ou mentalmente, e outras atividades espirituais, de que adiante falaremos. Porque, assim como passear, caminhar e correr são exercícios corporais, também se chamam exercícios espirituais os diferentes modos de a pessoa se preparar e dispor para tirar de si todas as afeições desordenadas, e, tendo-as afastado, procurar e encontrar a vontade de Deus, na disposição de sua vida para o bem da mesma pessoa. (LOYOLA, 2015, p. 11-12).

O grande mérito dos Exercícios Espirituais encontra-se no fato de se constituir um guia prático no qual Santo Inácio de Loyola compartilha a experiência que, em primeiro lugar, ele mesmo fez para vencer a si mesmo e saber organizar a própria vida em torno de bons e construtivos propósitos. Vontade e a liberdade são exercitadas para poderem ser aliadas no processo pessoal de desenvolvimento humano. Não se pode negar a influência que os Exercícios Espirituais tiveram na estruturação da

Companhia de Jesus e, por sua vez, no pensar pedagógico dos jesuítas em suas instituições educativas, desde as primeiras até as contemporâneas.

Uma segunda fonte são as Constituições da Companhia de Jesus, cuja primeira edição data de 1539. É um documento legislativo, que objetiva organizar a vida e ação dos jesuítas. Ele se divide em 10 partes e, nos mais diferentes âmbitos da instituição, expressa os aspectos essenciais que compõem a identidade jesuítica, base para a formulação da pedagogia inaciana. Especialmente na quarta parte, intitulada “Como instruir nas letras e em outros meios de ajudar o próximo e os que permanecem na Companhia”, temos orientações preciosas sobre como os jesuítas organizaram e se projetaram em vista de sua ação nos colégios e nas universidades. É uma fundamentação pedagógica robusta, que traz elementos importantes que reforçam a dimensão humanística da educação jesuíta.

Em seguida encontra-se a **Ratio Studiorum**. Construída a partir dos Exercícios Espirituais e das próprias Constituições, situada ainda no século XVI, versa sobretudo do método e do agir educativo que é próprio dos jesuítas. Como documento norteador dos colégios e universidades da Companhia, foi vigente oficialmente por 150 anos. Mas é um escrito atemporal, pois ainda hoje é um documento de referência para o estudo da pedagogia inaciana, por trazer as inspirações originais da missão educativa da Companhia de Jesus, tendo muito claros os princípios do fundador e de seus primeiros companheiros. Ampliando o horizonte de visão, o documento também é um marco para a história da educação em geral, por ter inspirado (e continuar inspirando) muitas pessoas que dedicam a sua vida e o seu trabalho na formação de outras pessoas, a partir da perspectiva humanística. Aprofundar o conhecimento da Ratio contribui para prover uma base importante para pensar uma pedagogia humanística em nossos tempos de hoje, com fidelidade criativa ao tesouro da tradição inaciana.

É importante observar, no entanto, que nesses documentos não existe uma referência ao termo humanismo social cristão, já que o termo foi cunhado de forma específica a partir do Concílio Vaticano II. Muito embora já com a encíclica *Rerum Novarum* publicada em 1891 pelo Papa Leão XIII se falasse sobre as questões sociais, assim como a Encíclica *Quadragesimo Anno*, publicada em 1931 por Bento XV, que abordava o bem comum da sociedade, foi somente com o a eleição do Papa João XXIII, em 1958, que aparece com força o termo humanismo social cristão, principalmente em dois documentos que ele havia publicado anteriormente à convocação do Concílio, que foram as encíclicas *Mater et Magistra* (1961) e *Pacem*

in Terris (1963), baseando-se na revelação e no Evangelho para falar de direitos humanos, deveres dos indivíduos e dos deveres dos Estados.

2.4.2 As Congregações Gerais

A Congregação Geral 32 da Companhia de Jesus, logo no início do seu texto, faz uma retomada da identidade jesuítica e a sua missão no mundo. Os tempos pós-conciliares demandavam um movimento duplo: a de renovação que adequasse a sua ação para responder às inquietações dos tempos atuais, reforçando a fidelidade às origens de cada ordem ou instituto religioso. Essa reflexão nasce a partir da escuta dos religiosos presentes na Congregação Geral e de sua sensibilidade aos sinais dos tempos em relação com o carisma inaciano vivido no tempo presente. A pergunta central era: o que significa ser jesuíta hoje? Não se pretendia uma resposta jurídica, tampouco um reagrupamento de conceitos já conhecidos. Mas sim, a partir da diversidade cultural expressa na assembleia da Congregação Geral, encontrar aqueles pontos comuns que, integrados, compõem o DNA da Companhia de Jesus no mundo.

Todos os que levam à frente a missão da Companhia de Jesus foram chamados pelo próprio Cristo e seguem com o grande objetivo de buscar a “glória de Deus”, concretizada no anúncio evangélico que traz justiça a toda a humanidade. “¿Qué significa hoy ser compañero de Jesús? Comprometerse bajo el estandarte de la cruz en la lucha crucial de nuestro tiempo: la lucha por la fe y la lucha por la justicia que la misma fe exige” (COMPANHIA DE JESUS, 1975, p. 45). Segundo o documento, essas lutas são o ponto focal que identifica, hoje, o que os jesuítas fazem e são.

O problema do secularismo nas sociedades em que o cristianismo já é tradicionalmente estabelecido é mencionado no documento. É um fenômeno que faz com que a dimensão divina e religiosa não seja levada em conta no pensamento coletivo, o que gera, por um lado, um desconhecimento da visão cristã da realidade ou, por outro lado, um rechaço a essa forma de entender o mundo. O secularismo é especialmente presente nas sociedades e nas instituições econômicas, sociais, e políticas, que ganham força e domínio sobre a vida e a cultura das pessoas. São realidades, conseqüentemente, em que também as injustiças vão ganhando cada vez mais espaço. Em um mundo injusto, torna-se mais difícil para as pessoas acreditarem na existência de um ente divino.

La mutación cultural y socioestructural no deja de tener repercusiones considerables sobre la vida personal de cada uno, al mismo tiempo que sobre la vida colectiva y sus implicaciones. Las escalas de valores tradicionales y los símbolos familiares se han desintegrado, poco a poco, con la eclosión de nuevas aspiraciones que tratan de articularse en proyectos, programas y realizaciones concretas. (COMPANHIA DE JESUS, 1975, p. 25).

Também a Congregação Geral 34 fala sobre a realidade desafiadora em que a vida humana é ameaçada nos tempos atuais. Em consonância com o magistério de São João Paulo II, menciona a existência de uma “cultura de morte” que acaba por promover males como o aborto, o suicídio e a eutanásia; a guerra, o terrorismo, a violência e a pena de morte; o consumo de drogas, a fome e a pobreza. O fenômeno da pobreza, de modo especial, causado entre outros motivos pelo ritmo crescente de urbanização, traz também problemas de ordens culturais, especialmente daqueles que saem de seus lugares de origem para buscar uma vida mais digna.

É a partir desse contexto que a Congregação Geral 32 afirma que “el servicio de la fe y de la promoción de la justicia no puede ser para nosotros un simple ministerio más entre otros muchos. Debe ser el factor integrador de todos nuestros ministerios” (COMPANHIA DE JESUS, 1975, p. 9). São milhares as pessoas no mundo que carecem dos recursos mais básicos, consequência das discriminações social, racial e política. A tecnologia avança a cada dia, mas não se consegue impedir que a vida humana seja ameaçada em todos os lugares do mundo. Percebe-se que uma parcela importante da humanidade não deseja pagar o preço para se viver em um mundo realmente justo e pacífico.

El hombre puede hoy día hacer el mundo más justo, pero no lo quiere de verdad. Su nuevo señorío sobre el mundo y sobre él mismo sirve frecuentemente más, de hecho, para la explotación de los individuos y las colectividades y los pueblos que para un reparto equitativo de los recursos del planeta; desencadena más rupturas y divisiones que comunión y comunicación; más opresión y dominación que respeto de los derechos individuales y colectivos en una real fraternidad. Las desigualdades y las injusticias no pueden ya ser percibidas como el resultado de una cierta fatalidad natural: se las reconoce, más bien, como obra del hombre y de su egoísmo. (COMPANHIA DE JESUS, 1975, p. 27).

Neste mundo secularizado em que a atualidade está imersa, os novos deuses são o dinheiro, o progresso, o prestígio e o poder.

A 35ª Congregação Geral, ao analisar a realidade, volta a atenção para outra característica: “vivemos em um mundo global” (COMPANHIA DE JESUS, 2008, p. 110). É verdade que a Congregação Geral 34, em 1995, já dizia o quanto se tornava

mais clara para as pessoas a interdependência das culturas dos povos, mas, sobretudo com os avanços da tecnologia, essa consciência aumentou consideravelmente, de modo que todas as áreas da vida humana são hoje impactadas “por estruturas culturais, sociais e políticas interrelacionadas, que afetam o núcleo da nossa missão de fé e de justiça e todos os aspectos do nosso diálogo com a religião e com a cultura” (COMPANHIA DE JESUS, 2008, p. 111).

Alguns outros aspectos que espelham as tensões e os paradoxos contemporâneos recordados são: de um lado uma inclinação para o individualismo e para o tempo presente, mas de outro um grande número de pessoas dispostas a serem solidárias; meios de comunicação mais avançados em uma sociedade que ainda não venceu estruturas de isolamento e de exclusão; uma pequena parte que goza de muitos privilégios em detrimento da maioria que passa por imensas dificuldades financeiras; progressos científicos fantásticos enquanto a dignidade da vida humana permanece sendo continuamente ameaçada.

A globalização acelerou a expansão de uma cultura dominante. Essa cultura proporcionou a muitos um amplo acesso à informação e ao conhecimento, um sentido acentuado do indivíduo e da liberdade para escolher e a abertura a novas ideias e valores em todo o mundo. Ao mesmo tempo, essa cultura dominante é marcada pelo subjetivismo, pelo relativismo moral, pelo hedonismo e pelo materialismo prático, levando a “uma visão errada ou superficial de Deus e do homem” (COMPANHIA DE JESUS, 2008, p. 116).

A missão da Companhia de Jesus, especialmente em seus esforços no âmbito educativo, visa promover a justiça e a libertação das pessoas partindo da raiz do problema, que está no coração humano. É necessário, pois, “trabajar en la transformación de las actitudes y tendencias que engendran la injusticia y alimentan las estructuras de opresión” (COMPANHIA DE JESUS, 1975, p. 82).

Urge promover a cultura da vida. Também educar para a preservação da integridade do meio ambiente. Não basta a “transformação das estruturas políticas e econômicas, pois elas têm suas raízes em valores e atitudes socioculturais”. A Companhia de Jesus (COMPANHIA DE JESUS, 1996, p. 70) propõe que o desenvolvimento de “comunidades de solidariedade tanto no âmbito popular e não governamental como no nível político” é a forma mais efetiva de buscar a libertação humana, em vista do seu maior desenvolvimento.

O mesmo documento afirma que a missão jesuítica não dissocia a justiça do diálogo e do que o magistério da Igreja chama de “evangelização da cultura”. De forma

simplificada, trata-se de contribuir na busca dos sinais da presença de Deus no mundo, fazendo com que se torne claro o seu amor e cuidado em relação à humanidade.

Nosso diálogo deve brotar do respeito pelas pessoas, especialmente dos pobres; nele tomamos parte em seus valores culturais e espirituais e oferecemos nosso próprio tesouro cultural e espiritual com o fim de criar uma comunhão de povos, instruídos pela Palavra de Deus e vivificados pelo Espírito como em Pentecostes (COMPANHIA DE JESUS, 1996, p. 84).

No trabalho educativo com a juventude, a Companhia de Jesus orienta que, especialmente nestes tempos modernos, todos os projetos sejam pensados com discernimento e cuidado. Com os jovens podemos aprender da sua generosidade e da sua paixão. É citado o voluntariado como uma das formas mais excelentes de promoção e educação para a solidariedade. De fato, é uma das iniciativas que mais agrada a juventude, que, tocando o chão da realidade, entende concretamente a realidade do outro e sente como, de fato, possui o poder de transformar o mundo.

Os próprios meios de comunicação da atualidade, cada vez mais poderosos, podem transformar-se em grandes aliados para a educação e para a promoção da vida humana. É inegável o impacto que essas mídias possuem na vida das pessoas e dos jovens, de forma especial. No campo educativo, as metodologias ativas chegaram com toda a força para trazer a tecnologia a serviço do aprendizado. Não é possível, no contexto do século XXI, pensar uma iniciativa humanística que prescindia desses recursos.

Por fim, não se pode deixar de lado uma preocupação muito querida para o coração dos jovens: o cuidado do mundo, da imensa “casa comum” em que a humanidade vive. O próprio Santo Inácio de Loyola recorda esse ponto quando fala do cuidado do meio ambiente nos Exercícios Espirituais (LOYOLA, 2015, p. 28).

Diante dos grandes perigos aos quais o planeta está exposto, em geral por conta da ganância e da ambição dos poderosos, vemos muitos jovens se mobilizarem e se engajarem como ativistas pela causa da preservação do meio ambiente e dos animais. Uma educação humanística também é preocupada com o ecossistema no qual a vida se desenvolve e não deve poupar esforços para estudar, agir e se colocar ao lado dos que trabalham pelo meio ambiente, dos refugiados e dos mais vulneráveis e empobrecidos.

2.4.3 Documentos pedagógicos da Companhia de Jesus

Entre os documentos jesuítas contemporâneos, encontramos primeiramente o intitulado “Características da Educação da Companhia de Jesus”. Não exatamente da mesma forma que a *Ratio Studiorum*, pretendeu-se estabelecer um modelo educativo comum adaptado para os tempos atuais. Essa iniciativa atende ao movimento de renovação gerado pelo Concílio Vaticano II, que orientou as Ordens e Congregações religiosas a se atualizarem voltando às suas fontes primeiras. O documento descreve as características pedagógicas da Companhia, esclarecendo o sentido e a finalidade da educação jesuítica. Foi lançado em 1986 e estabelece as principais características referentes aos fins dessa proposta educativa:

a importância da dimensão religiosa, o estilo personalizado da educação jesuítica, a importância dos valores, a orientação para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna, o serviço à Igreja e à sociedade humana, a busca de excelência e a colaboração entre leigos e jesuítas (STORCK, 2016a, p. 76).

O documento confirma o aspecto humanístico da proposta educativa jesuítica quando afirma que esta “investiga a significação da vida humana e se preocupa com a formação integral de cada aluno como indivíduo pessoalmente amado por Deus” (GRACOS, 2015, p. 52). O mesmo item afirma que “o objetivo da educação jesuítica é ajudar o desenvolvimento mais completo possível de todos os talentos dados por Deus a cada indivíduo como membro da comunidade humana”.

Nessa formação, o amor e o serviço ocupam um espaço privilegiado, uma vez que “o verdadeiramente humano se encontra unicamente em relações com o próximo” (GRACOS, 2015, p. 54). A educação jesuítica busca, portanto, propiciar que o ambiente de aprendizagem seja um espaço de sadio convívio e de exercício pleno da solidariedade e do respeito, de modo que todos se sintam incluídos e parte importante desse processo.

Estudar as “Características” permite trazer as reflexões das origens da Companhia de Jesus para os dias de hoje e assim poder fazer o confronto com os dias de hoje. É um passo necessário para esta pesquisa, que pretende justamente verificar como tem sido concretizado o projeto humanístico de educação da Companhia de Jesus com todos os desafios que fazem parte da realidade atual – dos quais Inácio e seus primeiros companheiros sequer poderiam imaginar. Afinal, são

notáveis os avanços nos diversos campos da ciência e daquelas ligadas à prática educativa. O campo da didática, sobretudo com as pesquisas no campo da aprendizagem, recebeu novos olhares e tornou-se um eixo importante de estudos para se educar melhor nas diferentes idades, contextos e níveis de desenvolvimento. Os currículos, conseqüentemente, também foram atualizados de acordo com esses mesmos avanços. E o cuidado para que a dimensão humanística não seja colocada em segundo plano torna-se cada vez mais importante frente aos encantos que todos os avanços científicos trouxeram para a sociedade e para a escola, em particular.

Sete anos depois, diante da necessidade de se expor de uma forma prática os grandes princípios da educação jesuíta esmiuçados nas “Características”, chega às mãos dos educadores de toda a Companhia de Jesus o documento “Pedagogia Inaciana: uma proposta prática” (ICAJE, 1993). É nesse material que são apresentadas as cinco etapas do **Paradigma Pedagógico Inaciano**: contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação.

Mais do que apenas um texto, o documento traz em si também uma proposta de formação docente, de modo a capacitar os professores a tornar mais proveitosos os princípios que estão dispostos nas “Características” e a “incorporar os ideais inacianos numa pedagogia prática que, na aula, concorra para a interação entre professores e alunos” (ICAJE, 1993, p. 12).

Não é mais possível pensar, como sucedeu nos primeiros anos da Companhia de Jesus, em um currículo universal para as escolas e universidades jesuítas de todo o mundo, tal como se pretendeu com a *Ratio Studiorum*. Os tempos atuais demandam que se proponha “uma pedagogia sistematicamente organizada, cujas substâncias e métodos implementem a visão explícita da missão educativa contemporânea dos jesuítas”. (ICAJE, 1993, p. 17)

O Paradigma Pedagógico Inaciano é inspirado na experiência de Santo Inácio de Loyola sintetizada nos Exercícios Espirituais, na quarta parte das Constituições da Companhia de Jesus e na *Ratio Studiorum*. Está direcionado de forma especial aos professores, pois compreende-se que é justamente no trabalho que eles realizam que se podem alcançar as metas e os objetivos da Companhia de Jesus:

como se relaciona o professor com seus alunos, como concebe a aprendizagem, como desafia seus alunos a buscar a verdade, o que espera deles, a integridade e os ideais do professor – fatores que têm todos um tremendo efeito formador no desenvolvimento do aluno. (ICAJE, 1993, p. 21).

Esse destaque ao papel do professor de modo algum diminui a importância da ação dos diretores, coordenadores, colaboradores e todos os demais membros da comunidade educativa. Todos contribuem para “criar o ambiente e processos de aprendizagem que possam favorecer os objetivos da pedagogia inaciana” (ICAJE, 1993, p. 21).

Mais recentemente, seguindo esse progressivo desenvolvimento da reflexão sobre a pedagogia inaciana, a Comissão Internacional do Apostolado Educativo da Companhia (ICAJE) lançou o documento **“Colégio jesuítas: uma tradição viva no século XXI – um exercício contínuo de discernimento”**. Ele continua o esforço de renovar e atualizar a proposta da pedagogia inaciana para os tempos atuais. É um trabalho muito pertinente, haja vista a velocidade e a intensidade das mudanças ocorridas nos últimos tempos, nos aspectos social, político e tecnológico. Oferecendo aos jesuítas e leigos de todo o mundo uma reflexão orgânica e contextualizada, o documento quer provocar a investigação por novos modelos criativos que possam proporcionar aos estudantes jesuítas uma experiência educativa que seja pautada na espiritualidade de Santo Inácio de Loyola.

Esquemáticamente, a obra está organizada em torno de dez identificadores globais que intentam congregar todas as instituições educativas jesuítas espalhadas pelo mundo na mesma missão educativa, dando força a um robusto corpo universal e formando cada estudante para ser um verdadeiro cidadão global, conhecedor de si mesmo e solidário com o seu próximo e com o mundo onde habita.

O documento deixa clara a sua preocupação humanística da educação jesuíta no seu nono identificador: “os colégios jesuítas estão comprometidos com a excelência humana”. Afirma o seu compromisso em educar para o reconhecimento da dignidade da mulher, para o combate contra o racismo e para o respeito à diversidade sexual. Diz o documento que, “fundamentados no princípio da *cura personalis*, o cuidado com a pessoa, os colégios devem prezar pela dignidade e pelo valor de cada um de seus membros” (ICAJE, 2019, p. 262).

Em continuidade com as “Características”, esse novo documento não substitui os seus antecessores. Ele “os complementa e atualiza como um exercício contínuo de discernimento” (ICAJE, 2019, p. 6). Portanto, prossegue o Pe. Arturo Sosa, Superior Geral da Companhia de Jesus, que “os três devem ser tomados em conjunto como o marco contemporâneo da Educação Jesuíta” (ICAJE, 2019, p. 6). O propósito continua sendo o de formar homens e mulheres para os demais, tendo em vista

sempre o diferencial da formação humanística como grande articulador tem todo o projeto educativo.

2.4.4 SQGE – Sistema de Qualidade na Gestão Escolar

A FLACSI (Federação Latino-Americana de Escolas da Companhia de Jesus) pertence à CPAL (Conferência de Provinciais dos Jesuítas da América Latina) e faz parte da ICAJE (Comissão Internacional para o Apostolado da Educação Jesuíta). Seguindo dados de 2019 disponibilizados em seu site institucional³, a FLACSI tem sob seus cuidados a articulação de 12 redes provinciais de educação, uma região (Porto Rico) e 91 escolas. Entre essas redes, está a Rede Jesuíta de Educação Básica do Brasil.

Sua missão é “promover, a partir de uma identidade compartilhada, acordos de políticas, estratégias e ações a serviço da transformação educacional e social”⁴ dos países latino-americanos.

É a FLACSI que propõe para as escolas jesuítas de sua região o SQGE – o **Sistema de Qualidade em Gestão Escolar**. Seu grande objetivo é promover a melhoria na gestão educativa dos colégios, disponibilizando ferramentas que avaliam os resultados e as práticas institucionais, para gerar uma cultura permanente de avaliação, reflexão e aperfeiçoamento, com foco na aprendizagem integral dos estudantes.

Algumas contribuições importantes (FLACSI, 2021, p. 5) que a implantação do SQGE proporciona ao colégio que o adota:

- Capacita e acompanha os educadores na autoavaliação dos processos com uma ferramenta técnica especializada e na confecção e implementação de projetos;
- Desenvolvimento de uma cultura avaliativa e de reflexão para a melhoria contínua das práticas pedagógicas e administrativas;
- A oportunidade de fazer parte de uma comunidade de aprendizagem e de práticas formada por colégios jesuítas de toda a América Latina, participando de oficinas formativas e espaços de partilha;

³ www.flacsi.net

⁴ FLACSI. **Nosotros**. Bogotá. 2019. Disponível em: < <https://www.flacsi.net/nosotros/>>. Acesso em 6 mar. 2021.

- Ajuda a melhorar o clima institucional e o sentido de pertença à comunidade.
- Colabora com o desenvolvimento da capacidade das pessoas, do trabalho colaborativo e da liderança.
- Firma o compromisso com a qualidade educativa e sua melhoria contínua.

A partir de 2021, atento ao contexto diverso provocado pela pandemia do coronavírus e em sintonia com as diferentes experiências vividas nos colégios latino-americanos, a FLACSI apresentou novas propostas para integrar o SQGE. Estão organizados em três grandes linhas (FLACSI, 2021, p. 6): a da formação e da atualização técnica (direcionada para os educadores), a dos projetos de gestão escolar (direcionada aos centros educativos, equipes diretivas e educadores) e a da equipe colaborativa dos colégios (dirigida a redes provinciais de educação e diretores).

O SQGE conta com uma equipe de profissionais que fazem a sua gestão global e colaboram com a sua implementação nas diversas redes e centros educativos. São cerca de 50 colaboradores especializados das diferentes redes ligadas à FLACSI que acompanham os processos nos diferentes colégios.

2.4.5 Documentos da Companhia de Jesus de referência no âmbito do Brasil

Partindo de uma análise geral da ação educativa da Companhia de Jesus no mundo, chega-se ao contexto brasileiro. Nesta realidade, o principal documento a ser estudado para entender a caminhada pedagógica inaciana recente no país não pode ser outro senão o já citado “PEC”.

Antes de falar do projeto elaborado pela Rede Jesuíta de Educação no Brasil, cabe mencionar o **Projeto Educativo Comum da Companhia de Jesus na América Latina**, aprovado pela 11ª Assembleia da CPAL, realizada em Florianópolis, Brasil, em abril de 2005. O documento se inspira nas múltiplas experiências educativas realizadas nas instituições educativas jesuítas latino-americanas. Considerando todos os documentos citados anteriormente, esse instrumento foi colocado como referência obrigatória para as políticas e orientações para a ação e avaliação das instituições educativas de inspiração inaciana.

O documento em questão apresenta a seguinte missão para as escolas jesuítas da América Latina:

Colaborar com a missão evangelizadora da Igreja, oferecendo uma formação integral de qualidade a meninos e meninas, jovens e adultos, à luz de uma concepção cristã da pessoa humana e da sociedade, através de comunidades educativas que vivam a sociedade justa e solidária que queremos construir, comprometendo-as a participar significativamente na definição de políticas e práticas de educação pública tanto de gestão estatal como privada nos diversos países da região. (GRACOS, 2015, p. 259).

Em sua análise da realidade, o PEC da América Latina traz à tona diversas questões sociais e culturais que desafiam a educação nos tempos atuais e apresenta a necessidade de se reforçar os vínculos que unem as instituições educativas da Companhia de Jesus para que, juntos, possam ser mais fortes e efetivas em sua ação. Orienta para a criação de redes que possam partilhar recursos, comunicar experiências e assumir como um único corpo apostólico a corresponsabilidade pela missão educativa.

Ainda no âmbito de América Latina, temos o PAC – Projeto Apostólico Comum para decênio 2011-2020, elaborado pela CPAL – Conferência dos Provinciais Jesuítas da América Latina. É um planejamento que visa “avaliar o realizado, localizar os desafios principais, propor objetivos, priorizá-los, perfilar uma identidade corporativa, delinear metas a alcançar, indicadores e prazos” (CPAL, 2011, p. 2), em vista de uma “vida institucional saudável” de cada unidade em particular, mas do conjunto delas em rede, de forma geral.

Tendo o PEC da América Latina e o PAC como formidáveis contextos, a recém-criada Província dos Jesuítas do Brasil elabora o seu próprio Projeto Educativo Comum. O documento foi apresentado em 2016 e, a partir daí, o trabalho de implementação do PEC foi assumido por todas as unidades da rede. A missão era encarnar todas as suas orientações, nascidas a partir do processo de discernimento comum que foi realizado, como caminho de consolidação da Rede Jesuíta de Educação e do apostolado educativo pelo qual todos os colégios jesuítas possuem a responsabilidade de levar à frente.

O PEC desce ao chão da realidade ao apresentar os principais desafios vividos pelos gestores e educadores dos tempos atuais e, ao mesmo tempo, propor pistas para trabalhar cada um deles, seguindo um modo de proceder cristão e inaciano. Para isso, propõe para as unidades uma verdadeira transformação das suas estruturas,

que busque sobretudo colocar “o aluno no centro do processo educativo, buscando um currículo que faça sentido e dê sabor a suas vidas” (RJE, 2016, p. 14). Sendo um documento válido por um quinquênio (e, portanto, válido até 2020), traçou a meta de proporcionar que, ao final desse período, a Rede Jesuíta fosse “uma rede de ‘Centros de Aprendizagem Integral’, onde a excelência acadêmica seja fruto da construção coletiva do conhecimento, com um currículo integrado e integrador que resulte em vidas transformadas para o bem de uma nova sociedade”. (RJE, 2016, p. 14-15).

Todas essas informações já sustentam por si só a importância fundamental do PEC como material de análise para esta pesquisa. Entende-se que, sendo a “coluna cervical” da proposta educativa jesuíta no Brasil, esse documento deva ser o grande articulador da proposta humanística contida na pedagogia inaciana. Orienta os colégios jesuítas a revisitarem suas propostas didático-pedagógicas e não se conformarem com modelos de ensino que já não mais respondem às necessidades e às singularidades das crianças e adolescentes de hoje. E faz isso de modo a deixar clara a opção por uma educação inclusiva e pautada em valores éticos e cristãos (RJE, 2016).

2.4.6 Algumas ideias-chave

Tendo realizado esse olhar amplo sobre os documentos da Companhia de Jesus que tratam mais especificamente do apostolado educativo, é importante recolher algumas impressões que saltam aos olhos e que ajudam a estabelecer alguns eixos norteadores para a reflexão nesta pesquisa.

Um primeiro aspecto se percebe a partir da preocupação em estabelecer a experiência fundacional de Santo Inácio de Loyola como princípio inspirador de toda a pedagogia inaciana. Não é por outro motivo que os Exercícios Espirituais permanecem sendo a principal fonte dos princípios que compõem o fundamento da pedagogia inaciana. Trata-se de conhecer, compreender e estruturar a experiência espiritual inaciana para que possa ser vivida, primeiramente pelo próprio gestor ou educador, e posteriormente ser compartilhada com autoridade e profundidade aos alunos, destinatários primeiros da missão educativa da Companhia de Jesus.

Assim como foi vivido por Inácio, o caminho da formação integral na perspectiva jesuíta passa por um percurso de autoconhecimento que permite à pessoa alcançar a sua própria liberdade frente aos seus medos, traumas e afeições desordenadas.

Entende-se este último por toda a moção interior que não contribui para que o indivíduo alcance a sua própria felicidade e realização pessoal por completo.

Um segundo aspecto presente de forma constante é a articulação entre a fé e a justiça em um único movimento de promoção da vida humana. É um aspecto que pode ser integrado como o eixo que articula todos os outros. Está estreitamente ligado ao fim último da educação jesuíta, que é formar homens e mulheres para os demais (como já acenado nesta pesquisa). Trata-se de uma missão de reconciliação (COMPANHIA DE JESUS, 2008, p. 114). Significa lutar por um mundo em que as relações voltem a ser justas, superando as divisões e alcançando a tão almejada paz.

Um terceiro e último aspecto importante é a clareza da perspectiva cristã da educação. Desde os documentos mais primitivos até os mais contemporâneos, é presente a ideia de que a concepção cristã de mundo está no coração da pedagogia inaciana. Em tempos nos quais a excelência acadêmica é, e de forma justa, um diferencial importante para que uma instituição educativa seja significativa, é oportuno recordar que, na ótica jesuítica, essa excelência também pensa em considerar a dimensão transcendente da existência. É um olhar essencial, especialmente se o conectamos com o segundo aspecto, para que o aluno ou antigo aluno jesuíta não caia no perigo de pensar que não dizem respeito a ele todos os problemas, injustiças e desafios presentes no mundo. Pelo contrário, que se sinta em primeira pessoa responsável pela transformação da realidade e compreenda que uma formação de excelência é a base para que ele possa ser uma pessoa livre e realizada e ao mesmo tempo sensível e solidária em relação às dores do mundo e às necessidades das pessoas, especialmente as mais vulneráveis e fragilizadas.

2.5 DOCUMENTOS DO COLÉGIO SÃO FRANCISCO XAVIER

Foi dito que este trabalho tem como espaço de pesquisa o Colégio São Francisco Xavier, unidade da Rede Jesuíta de Educação, localizado no bairro do Ipiranga em São Paulo/SP. Também conhecido como SANFRA, foi fundado em 1928 pelo jesuíta Pe. Guido Del Toro, com o primeiro objetivo de atender as famílias dos imigrantes japoneses.

Atualmente conta com cerca de 1100 alunos e aproximadamente 180 colaboradores. Está em plena operação o Projeto SANFRA 2020, que visa implantar de modo pleno as orientações educativas do PEC e as mais modernas práticas

educativas, reformando as práticas pedagógicas do colégio e até mesmo o seu ambiente físico, mais adequado para se tornar um ambiente de aprendizagem em sintonia com a proposta educativa inaciana.

Segundo informações do site oficial do colégio (<https://sanfra.g12.br/o-sanfra>), a missão da escola é “a formação integral de pessoas conscientes, competentes, comprometidas e compassivas, através das dimensões acadêmica, humana e cristã”. Sua visão é “tornar-se um ambiente de aprendizagem de referência na região, com espaços otimizados e diferenciados, com uma gestão competente e comprometida com a sustentabilidade econômica e socioambiental”. Seus valores são:

- Fé e justiça,
- Humanismo cristão,
- Formação Integral,
- Dialogicidade,
- Educação Integradora,
- Excelência Acadêmica.

Como é previsto pela legislação, o Colégio São Francisco Xavier apresenta em seu regimento escolar as relações dos sujeitos envolvidos no processo pedagógico, bem como o conjunto de normas e papéis que cabem a cada um dos que interagem nesta comunidade educativa.

O artigo 3º preconiza que as Características da Educação da Companhia de Jesus, o Plano Apostólico da Província dos Jesuítas do Brasil e o PEC são a inspiração e a orientação do trabalho educativo do SANFRA. Reforça que os estudantes são o centro do processo educativo, sendo-lhes ofertado um currículo que faça sentido e dê sabor às suas vidas.

Implicar-se na vivência e cultivo de valores de vida e cidadania, focalizando especialmente a esperança, a partilha, o ser mais para o outro e o cuidado com o meio ambiente, sendo referência na formação de indivíduos compassivos, comprometidos, conscientes e competentes (4 C's) e outros tantos que vão sendo construídos no percurso formativo como seres curiosos, conectados, carinhosos e coerentes. (COLÉGIO SÃO FRANCISCO XAVIER, 2020b, p. 5).

Seguindo o documento, encontramos no artigo 4º que as inspirações do trabalho educativo do SANFRA estão embasadas nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. Prossegue dizendo que “sua educação tem por finalidade o pleno desenvolvimento do estudante, seu preparo para o exercício da

cidadania e sua qualificação para o trabalho” (COLÉGIO SÃO FRANCISCO XAVIER, 2020b, p. 5)

Nessa mesma linha, o regimento escolar eleva à categoria de direito de todos os alunos “receber uma formação integral à luz da fé cristã de acordo com as características da Educação da Companhia de Jesus e com a Proposta Pedagógica do Colégio”, além de “integrar estruturas formais ou informais de participação, voltadas para o crescimento na ação política consciente e para a construção de uma comunidade solidária” (COLÉGIO SÃO FRANCISCO XAVIER, 2020b, p. 27).

Outro documento normativo que estrutura o cotidiano escolar do SANFRA, este de ordem mais prática, são as “Orientações e Normas de Convivência do SANFRA”. Ele se inicia com a citação do número 33 do PEC, o qual diz que

As normas, os regulamentos, as decisões, as ações e a relação estabelecida entre os membros da comunidade educativa transparecem os valores que pregamos. Educamos na justiça, no respeito, na solidariedade, na contemplação e na compaixão (RJE, 2016, p. 33).

Tem a função de trazer para realidade de cada dia e de cada atividade os princípios da pedagogia inaciana e do humanismo, de modo que possa ser compreendido em normas e orientações objetivas. Situado logo abaixo do regimento escolar, é o documento que é entregue a todos os alunos e comunidade educativa, para garantir a harmonia da comunidade educativa e o seu enraizamento no *modus operandi* ensinado por Santo Inácio de Loyola.

Ambos os documentos são puramente normativos. Ao analisá-los, é impossível não sentir falta do Projeto Político-Pedagógico que, de forma objetiva, deveria estruturar os grandes princípios que regem as regras e as orientações contidas tanto no regimento escolar como no manual de normas e convivência.

Algumas normas, especialmente na redação das “Orientações e Normas de Convivência”, são muito específicas, o que pode passar a ideia de um certo legalismo na prática pedagógica, que destoa do princípio da liberdade e da responsabilidade, próprios de uma educação humanística.

De fato, no dia a dia da escola, especialmente nos últimos tempos, questões que deveriam ser consideradas mais básicas na convivência escolar são constantemente retomadas como pauta no diálogo e no trabalho com os alunos. Citamos, por exemplo, situações ligadas à manutenção da limpeza do colégio, que pode transparecer uma deficiência no sentido de pertença do aluno ao espaço, não o

compreendendo de forma plena como um lugar que deve ser cuidado não só porque é a escola, como também em uma atitude de cuidado e zelo pelo outro.

As dificuldades em trabalhar essas situações transparecem no documento em questão, notado a partir do detalhamento de temas que deveriam ser trabalhados no cotidiano da convivência escolar, sem a necessidade de constar em um documento dessa importância.

2.5.1 O Projeto Político-Pedagógico do Colégio São Francisco Xavier

Conforme já foi dito anteriormente, esta pesquisa prevê – como intervenção prática – a oferta de um subsídio que contribua com a construção do Projeto Político-Pedagógico (PPP) do SANFRA. Cabem, neste momento, algumas palavras sobre o que se entende por PPP, sobre qual é a sua importância para a comunidade escolar e o que justifica a necessidade da sua construção sob a ótica da pedagogia inaciana.

2.5.1.1 Em que consiste um Projeto Político-Pedagógico?

Segundo Lopes e Machado (2014, p. 91), a palavra “projeto” traz em si a ideia de algo que será realizado no futuro. No âmbito pedagógico, o projeto se refere à reflexão acerca da “intencionalidade educativa dos espaços educacionais de forma participativa” e sobre como “dar autonomia e capacidades aos sujeitos sociais de construir sua própria identidade”.

De fato, especialmente em relação ao segundo ponto, o processo de construção do projeto político-pedagógico faz com que seja trazida à pauta a discussão sobre o papel de cada pessoa pertencente à comunidade educativa em relação ao seu papel na missão da instituição educativa. Uma vez que, no processo de construção do PPP, os educadores logram ter uma visão global da instituição e do planejamento que está sendo feito, contribui-se para que a ação deles seja cada vez mais contextualizada, integrada e consistente, do ponto de vista da identidade do colégio e de seus objetivos educativos.

O projeto político-pedagógico é objeto de estudo e de pesquisa de grande parte da comunidade acadêmica ligada à educação, especialmente porque o compreende como um meio eficaz para se buscar a melhoria contínua na qualidade de ensino, uma vez que reflete “a organização do trabalho pedagógico da escola como um todo”

(VEIGA, 2013, p. 11). Para ser efetivo e trabalhar em prol da comunidade educativa, o PPP precisa partir do contexto dos seus alunos e do local no qual a instituição está inserida, além de estar em sintonia com os desafios e questões próprios do momento em que é construído e/ou aplicado.

É um projeto que se diz ser não só pedagógico, mas também político. É “um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sociopolítico com os interesses reais e coletivos da população majoritária” (VEIGA, 2013, p. 13). Ou seja, tem em vista a formação de pessoas que, aprendendo a exercer plenamente a sua cidadania, contribuem para a edificação do bem comum. A partir dessa perspectiva, entende-se que uma das intencionalidades da escola consiste na “formação do cidadão participativo, responsável, compromissado, crítico e criativo” (VEIGA, 2013, p. 13). A escola é o espaço onde não só se aprende o que significa viver democraticamente em sociedade, mas também o espaço no qual essa experiência é amadurecida e vivida na prática.

Uma escola que possui um projeto político pedagógico construído de forma participativa e elaborado segundo os princípios que constituem a sua identidade está protegida da alienação da atividade pedagógica, que consiste em “uma ruptura entre o significado social da atividade docente e o seu sentido para cada professor” (LOPES, 2014, p. 92). É um instrumento importantíssimo de construção da consciência e de comprometimento, que une a comunidade educativa em um horizonte comum a ser buscado.

É certo, porém, que os valores, conhecimentos e competências presentes no projeto pedagógico e considerados importantes de serem transmitidos aos estudantes, são frutos de uma dialética da relação entre conhecimento e poder. A dimensão política implica refletir sobre o “que se ensina” e sobre “como se ensina”.

Portanto, a dimensão política se fortalece e se evidencia nas opções curriculares, e estamos inevitavelmente comprometidos com aquilo que propomos e colocamos em prática no âmbito da escola – uma vez que os significados imbricados nas práticas pedagógicas produzem normas, valores, visão de mundo e atitudes que definem posições de poder – e, na dinâmica dessas relações, forma as subjetividades. (SANTIGO, 2013, p. 8).

Sendo assim, na perspectiva do currículo, é fundamental que o projeto pedagógico seja muito bem contextualizado e inserido na cultura na qual os estudantes e suas famílias estão inseridos, de modo a gerar a atitude crítica esperada para formar pessoas conscientes e comprometidas com o meio social em que vivem.

Isso significa, segundo Santiago, que “questões de gênero, raça, classe social, categorias profissionais e tantas outras deverão ser consideradas no processo de construção do conhecimento escolar e social” (SANTIAGO, 2013, p. 10-11). E isso não significa apenas incluir esses temas no rol dos conteúdos. Mas deve-se fazer também com que eles sejam trazidos ao diálogo que coloca na mesma mesa estudantes e educadores, que, juntos, desejam avançar para uma civilização mais inclusiva, solidária e pacífica. É por meio dessa interação, do respeito às diferenças, da abertura à criatividade e à inovação e da garantia do espaço à pluralidade de saberes e expressões culturais que se pode dizer que um currículo é, de fato, democrático.

Daí por que sua proposta pedagógica é a sua identidade e, embora possa inspirar-se em formas de organização consideradas bem-sucedidas, seu currículo deve ser gestado na comunidade escolar, em permanente diálogo para que se articulem os elementos de organização interna com os aspectos externos da sociedade, da cultura e da própria história, imprimindo sentido às ações desenvolvidas. (SANTIAGO, 2013, p. 14).

Seguindo essa premissa, conhecer a realidade onde a escola está inserida é um passo importantíssimo para que o projeto político-pedagógico possa ser a base de um currículo consistente e efetivo. Nesse trabalho, também o professor, enquanto pesquisador, tem em sua tarefa educativa diária um espaço propício para observar, recolher, registrar e interpretar dados oriundos de suas relações com os estudantes e suas famílias.

O ideal que se busca é fazer com que o currículo deixe de ser visto “como simples organização formal das disciplinas, dos conteúdos e dos tempos pedagógicos”, mas sim como “um instrumento norteador do trabalho docente, sempre provisório e inacabado, aberto à produção de sentidos” (SANTIAGO, 2013, p. 18-19).

Outra característica fundamental do PPP: ele é construído em conjunto. Fosse uma tarefa de poucos, seria um documento a mais que, embora bem escrito, expressa apenas a visão e o anseio daqueles que estão à frente da gestão do colégio, sem ter uma incidência significativa no chão da realidade educativa enfrentada pessoalmente por cada educador, no cotidiano escolar, no contato direto com os alunos e as famílias da instituição.

Sendo um instrumento de construção coletiva, “legitima a diversidade e a participação de todos os sujeitos escolares, tornando-os corresponsáveis pelo caminhar da instituição” (LOPES, 2014, p. 92). Justamente por ser um trabalho no

qual todos contribuem, a participação democrática na elaboração do PPP é a principal motivação para que ele seja realmente efetivado e assumido.

Da participação democrática, decorre também a questão da descentralização. “Quanto mais democrático um regime político, mais o poder será compartilhado e exercido pela sociedade organizada” (DRABACH, 2011). A descentralização das decisões na instituição é reflexo da sua maturidade no caminho da gestão democrática. O PPP permite passos significativos nesse amadurecimento, uma vez que deixa claras as responsabilidades e as expectativas acerca de cada grupo e de cada pessoa que compõe a comunidade educativa. Dessa forma, intenta eliminar na instituição educativa as relações competitivas, corporativas e autoritárias, contribuindo para que o corpo educativo possa exercer cada vez mais a sua autonomia e liberdade, tão importantes para um processo de ensino e aprendizagem que seja vivo, que comprometa toda a comunidade e, acima de tudo, seja atrativo e agradável para os alunos.

Se a dominação, as relações de poder entre e saber, as formas de subjetivação e assujeitamento apontadas por Foucault são fatos concretos na sociedade e no cotidiano escolar, identificar essas relações e agir para contestá-las poderá ser uma alternativa de resistência. (SANTIAGO, 2013, p. 11).

A utopia do PPP é “resgatar a escola como espaço público, lugar de debate, do diálogo, fundado na reflexão coletiva” (VEIGA, 2013, p. 14). Essa forma de compreender a escola é importante porque ajuda a reforçar a ideia de espaço de pesquisa, no qual a curiosidade e a sede do saber motivam não só os alunos, mas também os docentes – estes entendidos como pesquisadores natos que promovem esse desejo de conhecimento e se colocam como hábeis e experientes companheiros na importante tarefa de “aprender a aprender”. O PPP deverá criar uma esfera de confiança e de liberdade, no que tange aos gestores e ao corpo docente, que incentive a pensar o fazer pedagógico de modo criativo, fortalecendo os laços também entre os educadores, para que possam trabalhar de forma cada vez mais integrada. Tal modo de trabalhar não só faz com que as ideias e as boas práticas circulem mais, como também estreita os vínculos entre as disciplinas, de modo que não sejam conhecimentos isolados, mas partes coerentes de um todo que tem sentido e razão de ser.

Dessa temática, desdobra-se um outro tema deveras importante. Trata-se da formação continuada dos educadores, que deve necessariamente ser contemplada no PPP. A escola, no processo de construção do projeto, necessita fazer um levantamento de necessidades de formação continuada de seus profissionais, elaborar um programa de formação e estender a discussão para além do âmbito pedagógico, alcançando a escola como um todo e as suas relações com a sociedade. “Daí, passarem a fazer parte dos programas de formação continuada questões como cidadania, gestão democrática, avaliação, metodologia de pesquisa e ensino, novas tecnologias de ensino, entre outras” (VEIGA, 2013, p. 21).

A formação continuada é uma exigência para que a escola possa efetivamente se tornar agente transformador do meio social em que está inserido.

Na dinamicidade das práticas escolares, os professores são agentes históricos (determinados também pelos processos de subjetivação), isto é, são profissionais com responsabilidades de relevância social que, para entender os apelos por mudança e atendê-los, precisam manter-se constantemente atualizados, não somente assimilando inovações teórico-metodológicas sugeridas por teorias produzidas em contextos estranhos à sua prática, mas sobretudo fazendo-se, eles mesmos, pesquisadores, estudiosos e produtores de conhecimentos na reflexão permanente e coletiva sobre as ações educativas e o desenvolvimento curricular. (SANTIAGO, 2013, p. 12).

Faz-se necessário dizer também que o PPP, ao mesmo tempo, é um direito e um dever da escola. É um direito no sentido de que todos que fazem parte da comunidade educativa devem ter a chance real de participar concretamente das decisões que estabelecem os rumos da instituição de que fazem parte. E é um dever, não só porque “é obrigação da escola ofertar uma educação com qualidade e com acessibilidade” (LOPES, 2014, p. 92), mas também porque é algo previsto no âmbito legal. De fato, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/1996), no seu parágrafo 12, inciso I, diz que todos os estabelecimentos de ensino devem “elaborar e executar sua proposta pedagógica”.

É claro que não se pretende afirmar que o PPP seja a solução de todos os problemas de uma instituição escolar. Ele é um instrumento fundamental que, findo o seu processo de construção e implantação, precisa ser devidamente acompanhado, monitorado e, ao fim de sua vigência, avaliado, com o intuito de garantir que os seus pressupostos e ações previstas sejam realizadas o tanto quanto seja possível. Essa flexibilidade é algo igualmente importante, uma vez que o próprio processo de

acompanhamento e execução pode despertar formas melhores e criativas de fazer o PPP se concretizar no cotidiano escolar.

O papel dos gestores educacionais é crucial em todas as etapas, desde a construção do PPP até a sua avaliação. O processo participativo que decorre dessa metodologia não implica de forma alguma que não existam pessoas que estejam caminhando à frente, conduzindo o projeto e garantindo a sua continuidade. Realizar essa tarefa exige a presença do gestor educacional no dia a dia escolar. É preciso entender o que se passa na vida dos alunos, conversar pessoalmente com os docentes, estar ao lado dos coordenadores em suas dificuldades e decisões. O pátio e a sala dos professores são alvo de trabalho do gestor educacional, tanto quanto o seu gabinete!

É natural que, desse processo de acompanhamento, monitoramento e avaliações, surjam os pressupostos que irão iluminar o novo PPP, que deve ser previsto no final da vigência do anterior. Esse aspecto da temporalidade é importante para que, de tempos em tempos, o colégio faça esse saudável exercício de olhar para o seu contexto e planejar, em clima de participação e compromisso, os modos pelos quais vai caminhar em busca de uma entrega educativa cada vez mais qualificada e humanizada.

2.5.1.2 O que deve guiar a construção do Projeto Político-Pedagógico

Segundo Veiga (2013, p. 16), o PPP deve ser construído com base nos cinco princípios norteadores que devem estar presentes em uma escola que pretende ser ou manter seu status democrático.

O primeiro desses princípios é o da **igualdade**. É importante distinguir esse conceito da ideia de uniformidade, que pressupõe que todas as crianças e adolescentes aprendem, sentem e se relacionam de forma igual. Cada pessoa é diferente da outra, e essa realidade possui uma importância capital para o sucesso dos processos de formação integral. Preservar a igualdade, portanto, significa oferecer as mesmas chances de crescimento e amadurecimento para cada estudante, sem ferir a sua alteridade e buscando promover ao máximo suas riquezas e potencial. No âmbito da escola pública e gratuita, que é o modelo de base para a análise da autora, tal aspecto tem relação também com as condições para o acesso e a permanência na escola.

No campo pedagógico, esse elemento não significa apenas abrir o maior número de vagas possível, mas também garantir a **qualidade** da entrega educativa e do acompanhamento realizado com cada um dos estudantes. Esse é o segundo princípio norteador do PPP. Na busca de um trabalho educativo cada vez mais qualificado, duas dimensões indissociáveis precisam ser levadas em conta: “a formal ou técnica e a política” (VEIGA, 2013, p. 16). Uma diz respeito ao que normalmente se pensa quando, no senso comum, se fala da missão da escola: os conteúdos transmitidos nas diversas disciplinas. Com a qualidade formal, busca-se ensinar “a habilidade de manejar meios, instrumentos, formas, técnicas, procedimentos diante dos desafios do desenvolvimento” (DEMO, 1994, p. 14 apud VEIGA, 2013, p. 17). A outra dimensão, a política, tem relação com o modo pelo qual o estudante, enquanto pessoa e cidadão global, irá se colocar no mundo por meio da sua participação, contribuição e valores. Segundo as palavras de Demo, é “a competência humana do sujeito em termos de se fazer e de fazer história, diante dos fins históricos da sociedade humana” (DEMO, 1994, p. 17 apud VEIGA, 2013, p. 17). Ambas as dimensões – a formal e a política – não estão em grau de subordinação, tampouco são dispensáveis, justamente porque uma depende e até mesmo alimenta a outra. A dimensão política só será alcançada com a base do que é transmitido pela dimensão formal. E a dimensão formal encontra a sua razão de ser porque desemboca em um processo de autonomia e compromisso por parte do estudante. Em resumo, a qualidade “implica consciência crítica e capacidade de ação, saber e mudar” (DEMO, 1994, p. 19 apud VEIGA, 2013, p. 17).

A **gestão democrática** é o terceiro princípio norteador apontado por Veiga (2013) para a elaboração do PPP. Compreende as dimensões pedagógica, administrativa e financeira da instituição. Esse vínculo estreito entre essas áreas busca quebrar a separação que normalmente existe entre elas. Todas as instâncias do colégio devem estar a serviço da prática pedagógica, com o estudante no centro das preocupações. A gestão democrática também busca viabilizar o que a autora chama de “socialização do poder” (VEIGA, 2013, p. 18), promovendo a participação coletiva dos educadores nas tomadas de decisão, a reciprocidade, a solidariedade e a autonomia. Pela própria complexidade das relações e pela mudança de cultura que pressupõe, o que está se colocando como ideal para a gestão democrática de uma instituição educativa não se trata de algo fácil de ser implantado, mas de um processo que exigirá tempo, vontade política, adesão da comunidade educativa.

O quarto princípio norteador é o da **liberdade**. Trata-se de um elemento que, tal como a gestão democrática, encontra-se garantido pela própria Constituição brasileira. Segundo Veiga, “a autonomia e a liberdade fazem parte da própria natureza do ato pedagógico” (2013, p. 18-19). Ambas são construídas na vivência coletiva e interpessoal que se constrói no interior da escola, com educadores entre si mesmos, mas também na relação com os estudantes e com as famílias. A liberdade, para ser efetiva, não espera a condição ideal para ser alcançada. Ela deve ser buscada sempre, “com os outros, não apesar dos outros” (RIOS, 1982, p. 77 apud VEIGA, 2013, p. 19). A liberdade sempre projeta as pessoas, seja para o futuro, seja para alguma ação positiva.

Por fim, temos a **valorização do magistério**. Veiga considera esse princípio norteador como “central na discussão do projeto político-pedagógico” (VEIGA, 2013, p. 19). Para cumprir todos os aspectos elencados acima, é necessário que os educadores tenham garantida a sua formação (não só a inicial, mas especialmente a continuada), condições de trabalho favoráveis e uma remuneração justa e condizente com o mercado. No caso da formação continuada, é preciso que o PPP levante as necessidades dos educadores e elabore o seu plano de formação, valorizando nesse processo a participação dos próprios educadores em questão.

2.5.1.3 A estrutura do projeto político-pedagógico

Já foi dito que o PPP visa organizar o trabalho pedagógico da escola, a partir dos princípios elencados no tópico anterior (igualdade, qualidade, gestão democrática, liberdade e valorização do magistério). Veiga reforça ainda a ideia de que o projeto político-pedagógico é um instrumento de luta que busca “gestar uma nova organização que reduza os efeitos de sua divisão do trabalho, de sua fragmentação e do controle hierárquico (VEIGA, 2013, p. 22).

Para que a elaboração do PPP consiga alcançar esses pontos estruturais da instituição educativa, é salutar o estudo de cada um dos princípios norteadores apontados, bem como as suas implicações e a forma pela qual cada um já vem sendo abordado na escola. Em seguida, deve-se pensar a partir dos elementos constitutivos da organização, para daí colher contribuições interessantes para a construção do PPP. Dentre esses elementos, Veiga aponta sete que podem ser considerados mais básicos: “as finalidades da escola, a estrutura organizacional, o currículo, o tempo

escolar, o processo de decisão, as relações de trabalho, a avaliação” (VEIGA, 2013, p. 22).

O primeiro tópico, da finalidade, busca proporcionar a discussão sobre que escola se quer construir e sobre que cidadãos se quer formar (e, de forma mais ampla, para qual sociedade). É muito importante que os educadores tenham total clareza sobre quais são as finalidades da escola na qual se atuam e que estejam totalmente de acordo e em sintonia com elas. Dentro dessa reflexão, compreende-se quais aspectos devem ser reforçados e o que deve ser implementado na escola para se alcançar essa utopia, no âmbito das áreas, das disciplinas curriculares e do conteúdo programático.

A questão sobre a estrutura organizacional vai mais além do que recordar que existem os setores pedagógico e administrativo. O PPP deve analisar “quais estruturas são valorizadas e por quem, verificando as relações funcionais entre elas” (VEIGA, 2013, p. 25). Quais são as características da estrutura organizacional da escola? Quais são os seus polos de poder? Existem conflitos? Essas são algumas das perguntas que podem ser feitas. É importante ser preciso e objetivo nessa análise para que as decisões sejam o mais realistas e viáveis possível. O mais importante é suprimir todas as barreiras que possam existir na estrutura da escola e que possam estar impedindo uma formação integral mais efetiva dos estudantes.

Entende-se por currículo a organização completa dos conhecimentos transmitidos na instituição escolar, durante toda a trajetória do estudante na instituição educativa. Ele sistematiza os meios para que a construção do saber se efetive. É “uma construção social do conhecimento” (VEIGA, 2013, p. 26). Pode ser entendido ao mesmo tempo como “processo” ou como “produto”, uma vez que o próprio caminho educativo é um objetivo, pois traduz uma atitude permanente de aprendizado a ser aplicado na vida. Segundo Santiago,

É a organização curricular que estabelece pontos de apoio ao planejamento de atividades de ensino e à ação educativa, e – justamente por isso – essa organização deve ser objeto de permanente reflexão coletiva, uma vez que as relações do cotidiano incorporam sempre novos saberes, problemas a serem resolvidos e experiências que realimentam e dinamizam as práticas (SANTIAGO, 2013, p. 19).

Um currículo nunca é neutro, tampouco isento de ideologia. Para ser organizado, ele exige uma ideia prévia de mundo e de pessoa a se formar. “O currículo expressa uma cultura” (VEIGA, 2013, p. 27). Ele também não pode ser pensado

desconectado da realidade social, uma vez que está ancorado em um determinado contexto histórico. Ele “reveste-se de sentidos éticos, políticos e culturais no jogo discursivo dos sujeitos que interagem por meio dele” (SANTIAGO, 2013, p. 17).

Existem muitas formas de organizar o currículo, pensadas a partir de diferentes autores e correntes pedagógicas. Inspirando-se em Bernstein, Veiga diz que “a escola deve buscar novas formas de organização curricular, em que o conhecimento escolar (conteúdo) estabeleça uma relação aberta e interrelacione-se em torno de uma ideia integradora” (VEIGA, 2013, p. 27). É o que Bernstein chama de “currículo integração” e que propõe diminuir as distâncias entre as diferentes disciplinas curriculares, agrupando-as de forma mais ampla.

Não se pode deixar de citar também a questão do controle social ligada ao tema do currículo. Este se manifesta não só no currículo formal como também no currículo oculto – aquilo que é transmitido de forma implícita na sala de aula e no ambiente escolar como um todo. A reflexão crítica do currículo passa pela necessidade de enfraquecer as “orientações conservadoras, coercitivas e de conformidade comportamental” (VEIGA, 2013, p. 28) para reforçar a voz ativa e crítica dos estudantes. É preciso ajudá-los a não se contentar com noções simplificadas de sociedade, para que se possa gerar uma construtiva resistência que não se cansa de lutar pela justiça, pela liberdade e pelo bem comum. É a escola que dá sentido ao currículo, possibilitando aos estudantes enxergarem o mundo de forma crítica, à luz do que puderam aprender no ambiente escolar.

De todo modo, não se pode negar que o tema do currículo tem uma importância capital na reflexão sobre o projeto político-pedagógico. Young chega a dizer que está “convencido de não há questão educacional mais crucial hoje em dia do que o currículo” (YOUNG, 2014, p. 192). A questão tem repercussão direta com a preocupação sobre que pessoas queremos entregar ao mundo em que vivemos ou o que elas precisam levar como bagagem humana, intelectual e espiritual para que possam ser sujeitos comprometidos e conscientes. A temática vai além de se pensar apenas “sobre o que ensinar na escola” (YOUNG, 2014, p. 192), mas perpassa a questão sobre que escola queremos e para qual sociedade. Uma das grandes dificuldades na elaboração de respostas sobre essa questão também se dá pelo quanto ela igualmente é discutida no senso comum. Afinal, especialmente em tempos em que as mídias sociais impulsionaram as vozes individuais para horizontes nunca vistos antes, todos possuem algo a dizer também sobre isso. Muitos acreditam saber

exatamente o que deve compor o currículo escolar, assim como o que não deve de forma alguma estar contemplado.

O tempo escolar também é um tópico importante para o PPP porque compõe diretamente a organização do trabalho pedagógico. É a partir dele que se sistematiza o currículo no curso do ano letivo, pelas diversas disciplinas. Há uma questão importante no tocante a esse ponto, em relação ao controle social de que se falou anteriormente. Segundo Veiga,

quanto mais compartimentado for o tempo, mais hierarquizadas e ritualizadas serão as relações sociais, reduzindo, também, as possibilidades de se institucionalizar o currículo integração que conduz a um ensino em extensão. (VEIGA, 2013, p. 30).

Para contornar esse problema, há de se reformular o uso do tempo na escola, proporcionando tempo para que os educadores possam estudar e refletirem juntos sobre a sua prática pedagógica, sobre seus alunos, sobre como estão aprendendo e sobre o que não estão aprendendo. Também aqui o tempo é primordial para o processo, seja para que o projeto político-pedagógico possa ser avaliado na sua prática, seja para que os estudantes possam encontrar os seus próprios espaços que extrapolem a sala de aula.

Mais um tópico são os processos de decisão, que normalmente passam por estruturas “hierárquicas de mando e submissão, de poder autoritário e centralizador” (VEIGA, 2013, p. 30). O projeto político-pedagógico, como já dito, deve contribuir para mudança da cultura organizacional, de modo a criar processos decisórios mais participativos: “isto requer uma revisão das atribuições específicas e gerais, bem como da distribuição do poder e da descentralização do processo de decisão” (VEIGA, 2013, p. 31).

Ligado a esse tópico, as relações de trabalho não podem deixar de ser um ponto de atenção no projeto político-pedagógico. Não é possível pensar em uma escola renovada, com uma proposta educativa inovadora e didática, se não se avança também no cultivo da solidariedade, reciprocidade e na participação coletiva das relações trabalhistas. Por isso é preciso também se pensar concretamente e corajosamente as condições reais presentes na escola, na sua cultura e clima institucionais. A escola precisa ser um espaço democrático se ela deseja educar cidadãos democráticos.

Por fim, o importante tópico da avaliação, que pode ser realizada a partir de três momentos: “a descrição e a problematização da realidade escolar, a compreensão crítica da realidade descrita e problematizada e a proposição de alternativas de ação, momento de criação coletiva” (VEIGA, 2013, p. 32). É um elemento educativo crucial que, pensado à luz das premissas da educação integral, permite realizar um acompanhamento qualificado do aprendizado de cada estudante. Perdendo cada vez mais o seu papel como medidor quantitativo e unívoco do desempenho dos alunos, a avaliação tem ganhado cada vez mais força como ferramenta formativa e presente no cotidiano dos estudantes.

Analisados e considerados cada um desses pontos, entende-se que o PPP tem condições de abarcar o processo educativo como um todo, levando em conta o ambiente escolar, os instrumentos de aprendizagem e, o mais importante, aqueles que dão corpo e vida à educação: os estudantes, os educadores e as famílias.

3 METODOLOGIA

Uma boa metodologia é a que permite a uma pesquisa científica ser profunda e objetiva, na busca de princípios e fundamentos que respondam à sua problemática inicial. Para ter sucesso nessa tarefa, o caminho precisa ser bem planejado e embasado.

A palavra método tem sua origem no termo grego *methodos*, que, literalmente, significa um “caminho para chegar a um fim” (cf. GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Uma metodologia, portanto, é o plano de estudo, observação e coleta de dados que se pretende realizar para responder às questões colocadas. Basicamente, pesquisar “é buscar ou procurar resposta para alguma coisa” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 12).

A presente pesquisa é um estudo de caso, que foi abordado essencialmente a partir da perspectiva qualitativa, enfocando a concepção humanística no Colégio São Francisco Xavier. Para a coleta de dados, utilizou-se a análise documental segundo o método proposto por Cellard (2012) e questionários estruturados segundo o modelo Likert, o que proporcionou a esta pesquisa também o trabalho com dados quantitativos.

3.1 O QUE É UMA PESQUISA QUALITATIVA

O conhecimento – pela abordagem qualitativa – é visto como “um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas, enquanto atuam na realidade, transformando-a e sendo por ela transformados” (ANDRÉ, 2013, p. 97). Tornam-se o foco da atenção do pesquisador, portanto, as experiências cotidianas, as linguagens, as produções culturais e as formas de interações sociais. O pesquisador se aproxima dessas realidades para compreendê-las melhor.

Por ser baseado na vida das pessoas, tal conhecimento pode ser transformado, está em processo constante de construção e pode ser compreendido a partir de várias perspectivas diferentes.

A pesquisa de abordagem qualitativa é caracterizada pela análise subjetiva do objeto estudado. É o método mais utilizado quando se trata de abordagens ligadas às ciências humanas. Diferente da pesquisa quantitativa, que baseia seus resultados em números e estatísticas, na pesquisa qualitativa a interpretação se dá a partir da

interpretação dos dados, das informações e da realidade em questão. Afinal, nesse tipo de abordagem é o próprio contexto que permite compreender melhor o fenômeno estudado, quando é analisado em uma perspectiva integrada. É levada em conta a forma como o objeto é visto e encarado pelas pessoas envolvidas, a partir de todos os pontos de vistas relevantes.

Cabe dizer também que a presente pesquisa, embora predominantemente qualitativa, tal como foi descrito, também possui uma dimensão quantitativa pelo fato de contar com o uso de questionários com respostas quantificáveis como instrumentos de coleta de dados.

3.2 POR QUE UM ESTUDO DE CASO?

A escolha pelo uso da metodologia do estudo de caso visou obter um resultado concreto e contextualizado, que tivesse aderência com a realidade vivida na prática do cotidiano de um colégio pertencente à Companhia de Jesus, mais especificamente da Rede Jesuíta de Educação Básica no Brasil.

É interessante a presença do pesquisador por um tempo suficiente no seu campo de estudo, para entender as dinâmicas que compõem aquele ambiente, as relações que as regem e a maneira como a proposta pedagógica é vivenciada no calor de um dia após o outro, na perspectiva dos estudantes, dos educadores e das famílias.

A modalidade de estudo de caso adotada nesta pesquisa é a instrumental, que consiste em analisar não “uma situação concreta, mas uma questão mais ampla, como, por exemplo, a incorporação de uma política no cotidiano escolar” (ANDRÉ, 2013, p. 98).

O estudo de caso é estruturado em três etapas: “exploratória ou de definição dos focos de estudo; fase de coleta dos dados ou de delimitação do estudo; e fase de análise sistemática dos dados” (ANDRÉ, 2013, p. 98). A primeira fase, a exploratória, envolve apontar o caso a ser analisado e a escolha do local. No caso desta pesquisa, a escolha do Colégio São Francisco Xavier se deu sobretudo pelo fato de ser o local de trabalho do pesquisador, onde esse desejava realizar o seu trabalho não só com a intenção de compreender melhor o alcance do aspecto humanístico na entrega educativa da unidade, como também para contribuir para a elaboração de um projeto político-pedagógico pautado nessa característica da educação jesuíta.

3.3 TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Clarificada a natureza da pesquisa utilizada neste trabalho, bem como a sua modalidade, cabe agora aprofundar as estratégias que foram utilizadas nesta pesquisa, seja no envolvimento dos sujeitos que contribuíram com ela, seja com a análise das fontes documentais que embasam a proposta educativa inaciana.

3.3.1 Questionário

A segunda etapa do estudo de caso foi a coleta de dados. Nessa etapa, um dos instrumentos de pesquisa utilizado foi o questionário estruturado. Essa escolha se baseou na versatilidade que esse formato proporciona, permitindo obter respostas mais aprofundadas dos entrevistados, guiando, no entanto, a interação de modo a garantir a sua objetividade e precisão.

Para a coleta de dados, foi utilizada a plataforma *Google Forms*, que permite a elaboração de questionários robustos, com o total controle acerca do sigilo das respostas e da sua quantificação e tabulação.

Como aludido anteriormente, três grupos responderam ao questionário. Para o primeiro grupo, selecionaram-se 20 educadores, sendo cinco deles de cada um dos diferentes segmentos do colégio: Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Foi realizado um sorteio entre os educadores desses segmentos, para que a escolha fosse isenta de qualquer indicação ou preferência pessoal do pesquisador. Outro critério importante foi requerer, no mínimo, cinco anos de trabalho no SANFRA, para que se pudesse garantir um conhecimento e uma experiência da sua proposta educativa e da forma como é vivenciada no dia a dia com os alunos. Sorteados os educadores, eles foram consultados acerca da sua disponibilidade e desejo de participação na pesquisa. Participaram 18 professores no total, que livremente aderiram, cientes do compromisso de sigilo do pesquisador.

O segundo grupo a responder ao questionário foi composto por adolescentes que atualmente estudam no SANFRA. Partindo-se da ideia de uma amostragem mínima de 30 adolescentes, convidaram-se aqueles que estivessem no Ensino Médio e que não tivessem ingressado no colégio nesse segmento. Ou seja, que estivessem estudando no SANFRA ao menos desde o Ensino Fundamental II. Entretanto, devido especialmente aos desafios impostos pelo fato de os estudantes estarem participando

das aulas em casa, por força do distanciamento social imposto pela pandemia da COVID-19, foram dificultados o diálogo e a motivação dos estudantes para esse momento. Com isso, foi possível chegar à participação de 12 estudantes que aceitaram participar da pesquisa. Por estarem no Ensino Médio, a média de idade dos alunos a serem entrevistados foi entre 15 e 17 anos. O critério de seleção foi a adesão livre para o convite que foi feito aos alunos do segmento citado. A proposta foi apresentada e, por ordem de inscrição, foram aceitos os alunos que se propuseram a participar e que apresentaram o termo assinado pelos responsáveis.

O terceiro grupo foi formado por egressos. As questões foram sobre a formação que receberam e o quanto ela impactou em sua vida pessoal e profissional após a conclusão da Educação Básica. Pretendeu-se entrevistar de 5 a 10 antigos alunos, com idades entre 18 e 24 anos. Ou seja, jovens que tenham saído do colégio nos últimos sete anos. Com esse grupo, o retorno foi além da expectativa: 18 egressos aceitaram responder ao questionário. O convite para participação na pesquisa foi realizado junto ao NEX – Núcleo de Egressos Xavierianos do Colégio São Francisco Xavier, que é a associação que reúne e articula os antigos alunos da comunidade educativa. Da mesma forma que com os atuais estudantes, participaram aqueles que indicaram a sua disponibilidade, respeitando o número indicado e a ordem de inscrição.

Essa modalidade de questionário trouxe elementos cruciais para compreender o grau de assimilação da dimensão humanística da proposta pedagógica inaciana. Por parte dos educadores, permitiu avaliar o quanto esse aspecto é compreendido e, ao mesmo, assumido nas atividades do cotidiano. Do ponto de vista dos estudantes e dos egressos, o questionário foi empregado para verificar o quanto a “mensagem” chega à sua compreensão e se reflete em posturas mais humanas, justas e solidárias, no seu compromisso com o mundo e com os outros.

Para a análise dos dados obtidos pelos questionários, utilizou-se a estatística descritiva, para fazer uma síntese das informações obtidas e poder apresentá-las de modo a se compreender de forma mais sistemática as questões que se desejou aprofundar. Gráficos foram utilizados para que esses dados fossem ilustrados de modo ainda mais objetivo.

3.3.2 Pesquisa documental

Outro instrumento usado na etapa de coleta de dados foi a pesquisa documental. Foi usado o Método da Análise Documental de Cellard (2012). Ele é realizado em duas etapas: a análise preliminar e, de modo simultâneo, a análise em si mesma, que dá sentido ao conteúdo de modo geral. Quando se fala da análise preliminar, pensar no contexto, no autor ou autores, na autenticidade e confiabilidade do texto, na natureza do texto, nos seus conceitos-chave e na lógica interna do texto. São aspectos que permitem uma leitura completa do documento de forma que ele possa ser interpretado de forma idônea e fiel ao seu objetivo e conteúdo, mas sem deixar de ter o foco no tema inicial do pesquisador, uma vez que a análise se conduz pelas “escolhas do pesquisador com relação ao problema e ao tema de sua investigação, bem como de suas preferências teóricas”. (CELLARD, 2012, p. 314).

Storck (2016a, p. 35) salienta ainda que “a análise preliminar não se trata de resumir o documento (integralmente, partes ou tópicos), mas se trata de extrair excertos, construindo um texto com unidade de sentido e coerência”.

Como foi dito logo acima, é o pesquisador que deve discernir sobre quais excertos ou conceitos-chave devem ser extraídos do documento, de acordo com os seus objetivos, respeitando os passos do método. Isso é importante porque Cellard (2012), ao propor esse caminho de análise documental, tem a preocupação de que as informações extraídas dos documentos tenham garantidas sua fidelidade e idoneidade, excluindo o risco de visões parciais ou reducionistas deles.

O ponto de partida não é assim, a pesquisa de um documento, mas a colocação de um questionamento – o problema da pesquisa. O cruzamento e confronto das fontes é uma operação indispensável, para o que a leitura hermenêutica da documentação se constitua em operação importante do processo de investigação, já que nos possibilita uma leitura não apenas literal das informações contidas nos documentos, mas uma compreensão real, contextualizada pelo cruzamento entre fontes que se complementam, em termos explicativos. (CORSETTI, 2006, p. 36).

Corsetti ainda não nos deixa esquecer a importância de “[...] problematizar o tema à luz da literatura que lhe é pertinente, propor questões, buscar as fontes, rever a literatura, checar as questões e reformulá-las se for o caso, voltar às fontes até que esgotem o problema e as fontes” (CORSETTI, 2006, p. 36).

Importante se faz também delimitar o que se entende por documento. Segundo Kripka, Scheller e Bonoto (2015, p. 59),

[...] são considerados documentos quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação: leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão até livros, estatísticas e arquivos escolares.

É importante também frisar que se trata de

“[...] procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2009, p. 42).

Não se trata de um método engessado, mas de um processo simultâneo de reconstrução de várias percepções do pesquisador, abrindo a possibilidade de vários olhares acerca do objeto de estudo.

Para o fim a que se propôs esta pesquisa, dois documentos basilares foram considerados para a análise de conteúdo, já apresentados: Características da educação da Companhia de Jesus (1986) e o PEC – Projeto Educativo Comum. Esses documentos foram escolhidos para serem analisados neste trabalho porque possuem importância central na fundamentação da pedagogia inaciana no período mais recente da história da educação jesuíta. O primeiro, em âmbito universal. O segundo, na realidade brasileira, no contexto do nascimento da Rede Jesuíta de Educação Básica.

3.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS ADOTADOS

O presente trabalho de pesquisa foi submetido à Comissão de Ética da Unisinos, via Plataforma Brasil. Foi postado para análise no dia 17 de novembro de 2020 e foi aprovado pela mesma comissão no dia 05 de janeiro de 2021, com o CAAE (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética) 40307420.8.0000.5344 e parecer nº 4.489.286.

Igualmente foram apresentados, segundo o procedimento estabelecido, a Carta de Anuência (Anexo I) e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido assinados por aqueles que responderam aos questionários: professores (Anexo II), pais e responsáveis dos estudantes (Anexo IV) e para egressos do colégio (Anexo VI).

Para a coleta de dados, foi utilizada a plataforma *Google Forms*, que permite a elaboração de questionários robustos, com o total controle acerca do sigilo das respostas e da sua quantificação e tabulação.

A presente pesquisa foi de risco mínimo, pois não acarretou ou acarretará nenhum dano aos participantes. Todas as informações prestadas pelos participantes serão mantidas em sigilo, não acarretando nenhum dano ao participante, conforme explicitado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foi mantido também o sigilo da identidade dos participantes. Os sujeitos tiveram a liberdade de recusar-se a responder às questões levantadas e/ou de participar da pesquisa.

3.6 A OFERTA DE UM SUBSÍDIO PARA A CONSTRUÇÃO DO PPP DO COLÉGIO SÃO FRANCISCO XAVIER COMO PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Em sintonia com o perfil de pesquisa de um Mestrado Profissional, este trabalho buscou ter uma ressonância direta com o objeto estudado, para que se pudesse gerar uma ação ou melhoria concreta na realidade.

No caso deste trabalho, ao analisar a natureza de uma educação humanística e a identidade da educação jesuítica a partir dos documentos da Igreja e da Companhia de Jesus, pretendeu-se oferecer um subsídio que contribua para o processo de construção do Projeto Político-Pedagógico do Colégio São Francisco Xavier.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Aplicados os passos expostos no capítulo anterior, se analisarão neste capítulo os dados obtidos pelas técnicas citadas, a saber: a pesquisa documental e os questionários propostos aos grupos de estudantes, de egressos e de educadores.

4.1 PESQUISA DOCUMENTAL

Conforme mencionado anteriormente, os documentos “Características da educação da Companhia de Jesus” (GRACOS, 2015) e o “Projeto Educativo Comum” ou PEC (2016) são fundamentais para a estruturação dos elementos que identificam, nos tempos atuais, o modo de proceder educativo dos jesuítas. A análise preliminar de ambos os documentos já foi apresentada nesta dissertação, no item 2.4.3.

O primeiro documento, “Características”, foi escrito nos anos 80 com o objetivo de apresentar uma visão e um sentido comum para o que a Companhia de Jesus chama de “apostolado educativo”, ou seja, o exercício da sua missão por meio da educação. Sua missão era apresentar os principais aspectos da educação inaciana, aqueles indispensáveis para exercer uma “fidelidade criativa” em relação a esse patrimônio da educação jesuíta. Afinal, em um mundo em constante mudança, é preciso ter as bases sólidas nas quais a Companhia de Jesus, em cada país e cultura onde esteja presente, consiga ali aplicar de forma contextualizada as premissas da educação inaciana.

É nessa perspectiva que é escrito o Projeto Educativo Comum, o PEC (RJE, 2016), que, ao avaliar o trabalho educativo realizado pela Companhia de Jesus na realidade do Brasil, buscou traçar um caminho em unidade entre os colégios jesuítas do país. Tal trabalho começou quando, em 2013, as províncias brasileiras da Companhia de Jesus se tornaram uma só, a Província Jesuíta do Brasil. Construído a várias mãos, em grupos de trabalho formados por educadores e gestores das unidades educacionais da Rede Jesuíta, o documento expressa a compreensão, atualizada e contextualizada para a realidade do Brasil, dos princípios norteadores do modo jesuíta de educar.

Em seguida, será apresentada a análise desses documentos acerca dos pontos que dizem respeito à temática desta pesquisa.

4.1.1 As Características da Educação da Companhia de Jesus

Segundo esse documento, um dos aspectos da educação da Companhia de Jesus é “a formação total da pessoa dentro da comunidade humana” (GRACOS, 2015, p. 51). Essa definição está de acordo com a perspectiva política do Projeto Pedagógico, que busca nortear a aprendizagem dos estudantes para suscitar o compromisso cidadão que busca sempre o bem comum. Afirmando com clareza que a formação da pessoa deve ser em vista da pessoa por completo, busca-se combater o perigo de se instrumentalizar o processo educativo para um fim específico, como a visão reducionista da geração de profissionais para o mercado de trabalho. Pensar o ser humano completo significa levar em conta a forma como ele se relaciona consigo mesmo, com os outros e com o mundo onde vive e compartilha a sua existência. “O objetivo da educação jesuíta é ajudar o desenvolvimento mais complexo possível de todos os talentos dados por Deus e a cada indivíduo como membro da comunidade humana” (GRACOS, 2015, p. 52).

A partir desse princípio da formação integral no contexto de uma visão mais ampla de sociedade, o Projeto Político poderá contemplar “a formação da pessoa equilibrada” (GRACOS, 2015, p. 54). Entende-se que “cada matéria deve ser relacionada com as outras dentro de um programa educativo bem planejado; todos os aspectos da vida escolar contribuem para o desenvolvimento total de cada pessoa” (GRACOS, 2015, p. 54).

Esse movimento integral faz também com que a centralidade do trabalho educativo não fique focado no conteúdo a ser aprendido, mas sim na pessoa que aprende. “Assim, o currículo é centrado na pessoa antes que na matéria a ser desenvolvida” (GRACOS, 2015, p. 55). Esse modo de proceder implica que o educador se aproxime do universo de seus estudantes, conhecendo os seus anseios, necessidades, sonhos e medos. É preciso, tanto quanto for possível, personalizar o aprendizado, potencializar as habilidades e competências dos alunos, dando a eles instrumentos que os ajudem a lidar (ou, no caso de algumas até mesmo superar) as suas dificuldades. “A *atenção pessoal* continua a ser uma característica básica da educação jesuíta” (GRACOS, 2015, p. 55).

Esse modo de os educadores se relacionarem com os estudantes deve impactar em como eles se relacionam entre si. Dizem as “Características” (GRACOS, 2015) que “as linhas de ação e a vida escolar devem incentivar o respeito mútuo e

devem promover a dignidade humana e os direitos humanos de toda pessoa, adultos e jovens, na comunidade educativa” (GRACOS, 2015, p. 68). A instituição educativa deve buscar criar esse ambiente propositivo, no qual o jovem estudante se sente motivado a valorizar a diversidade de pensamento e de ser, a apreciar a convivência com o outro e a fazer o possível para sempre dialogar diante das situações de conflito.

A fim de promover uma consciência dos “outros”, a educação jesuíta *acentua os valores comunitários*, tais como a igualdade de oportunidades para todos, os princípios de justiça distributiva e social e a atitude mental que vê o serviço aos demais como uma realização própria mais valiosa que o sucesso ou a prosperidade. (GRACOS, 2015, p. 70).

A partir dessa compreensão de busca de “excelência humana” é que se depreende o que a educação jesuíta entende sobre “excelência acadêmica”. Trata-se do

desenvolvimento mais pleno possível das capacidades individuais de cada pessoa em cada etapa de sua vida, unido ao desejo de continuar este desenvolvimento ao longo da vida, e a motivação para utilizar as qualidades desenvolvidas em benefício dos outros. (GRACOS, 2015, p. 76).

De um modo detalhado e didático, a obra “Características da Educação da Companhia de Jesus” lança as bases para se resgatar e compreender as premissas da pedagogia inaciana em um tempo de renovação, seja no contexto eclesial por conta do Concílio Vaticano II, seja no contexto educativo, a partir das profundas transformações sociais que ocorreram no período em que é escrito.

Vinte e sete anos depois, no Brasil, o PEC – Projeto Educativo Comum resgata essas bases de modo atualizado e contextualizado com as demandas e com a realidade educativa do país no século XXI.

4.1.2 PEC

O texto do Projeto Educativo Comum (PEC) se inicia afirmando que a motivação da sua redação se fundamenta na reflexão de documentos contemporâneos do Magistério da Igreja e na reflexão que foi construída a partir de um esforço “de revitalização da tradição educativa que construiu ao longo dos últimos quatro séculos” (RJE, 2016 p. 24).

Reitera que a missão educativa da Companhia implica formar pessoas competentes, conscientes, comprometidas e compassivas:

- (i) **Competentes:** Profissionalmente falando, têm uma formação acadêmica que lhes permite conhecer, com rigor, os avanços da tecnologia e da ciência.
- (ii) **Conscientes:** Além de conhecerem-se a si mesmos, graças ao desenvolvimento da capacidade de interiorização e ao cultivo da vida espiritual, têm um consistente conhecimento e experiência da sociedade e de seus desequilíbrios.
- (iii) **Compassivos:** São capazes de abrir seu coração para serem solidários e assumirem o sofrimento que outros vivem.
- (iv) **Comprometidos:** Sendo compassivos, empenham-se honestamente e desde a fé, e com meios pacíficos, na transformação social e política de seus países e das estruturas sociais para alcançar a justiça (RJE, 2016, p. 30).

O PEC alerta sobre o perigo da educação se tornar um mero objeto de mercado e de lucro. Segundo o documento, “a alta competitividade, impulsionada pelo mau uso das avaliações padronizadas de âmbito nacional e internacional, traz o risco de um ‘reducionismo antropológico’” (RJE, 2016, p. 37). A proposta pedagógica da Companhia de Jesus, por outro lado, “está centrada na formação da pessoa toda e para toda a vida; trabalhamos para realizar uma aprendizagem integral que leve o aluno a participar e intervir autonomamente na sociedade” (RJE, 2016, p. 37).

Para que os colégios jesuítas se mantenham fiéis a essas premissas sem, porém, fechar os olhos para as inovações da vida moderna, tais como os avanços tecnológicos e as novas formas de acesso à comunicação, o PEC orienta uma reformulação significativa dos ambientes escolares e uma renovação das práticas pedagógicas. Isso implica “rever espaços, recursos e metodologias, para que utilizem as tecnologias digitais para inovação” (RJE, 2016, p. 38).

O segundo capítulo do documento apresenta as quatro dimensões do processo educativo pelas quais as orientações do PEC são apresentadas: “(1) Curricular; (2) Organização, Estrutura e Recursos; (3) Clima Institucional; e (4) Relação com a família e com a comunidade” (RJE, 2016, p. 41).

No que tange ao currículo, a Rede Jesuíta de Educação entende que ele é o “*ethos*” que

revela-se na realidade do cotidiano da escola, na sala de aula e fora dela, nas relações de poder que se estabelecem entre os diferentes atores, nos valores e no modo como as decisões são tomadas e na maior ou menor coerência que existe entre o que declaramos e o que fazemos (RJE, 2016, p. 43).

O currículo a ser construído deve basear-se no contexto em que se encontram os estudantes, levando em conta os aspectos epistemológicos, pedagógicos e psicológicos. “O principal foco de todo trabalho desenvolvido é o aluno, sujeito das aprendizagens propostas, mediadas pelo professor e por tantas outras possibilidades de acesso à apropriação e reelaboração do conhecimento” (RJE, 2016, p. 44). Mas isso não tira o protagonismo de todos os atores do processo educativo: professores, alunos, famílias e profissionais não-docentes. No que tange especialmente ao papel do professor, ele “é o profissional que propõe o caminho, apresenta o mapa e acompanha os estudantes, indicando critérios para que a apropriação do conhecimento seja feita de maneira significativa e com valor” (RJE, 2016, p. 44).

No campo da aprendizagem, o PEC recorda que a mudança de época também impacta na forma como os alunos assimilam e dão significado aos seus conhecimentos, de maneiras e em tempos diferentes, “em espaços que não se limitam ao escolar” (RJE, 2016, p. 49).

A avaliação também ocupa um lugar importante na educação jesuíta, desde que não seja considerada do modo tradicional, como um momento isolado de aplicação de um teste que não provoca o raciocínio e não desafia os alunos a buscarem as melhores respostas a partir do que aprenderam. Segundo o PEC, seguindo essa linha, avaliar a aprendizagem significa também avaliar o ensino, uma vez que a qualidade de um é determinante para o sucesso da outra. Nas escolas da Rede Jesuíta de Educação, os sistemas de avaliação devem contemplar “tanto o aspecto cognitivo (intelectual) quanto o socioemocional e o espiritual-religioso” (RJE, 2016, p. 51).

A segunda dimensão apresentada pelo PEC, a da “Organização, Estrutura e Recursos”, busca proporcionar as condições e a gestão necessárias para a efetivação do processo educativo, alinhado “à identidade inaciana e à busca do *Magis*” (RJE, 2016, p. 56). A gestão integrada, sem fragmentações que permitem a formação de “guetos” nas organizações educativas, é um dos valores indicados pelo PEC para a gestão das unidades da Rede Jesuíta de Educação.

O “clima institucional”, terceira dimensão do PEC, diz respeito à forma como as pessoas se relacionam na comunidade educativa. Diz respeito à “participação nos diversos espaços de ação e decisão; a motivação, o compromisso e a identificação com as finalidades da escola; os mecanismos de resolução de conflitos” (RJE, 2016, p. 65). Na escola jesuíta, a pessoa deve estar no centro do processo de gestão

escolar. Por isso, o texto afirma que “a qualidade do clima institucional está diretamente associada à qualidade da gestão realizada nos diversos espaços da organização escolar” (RJE, 2016, p. 66).

Encontra-se nesse âmbito também a orientação para que as equipes diretivas dos colégios não descuidem da formação de seus colaboradores, especialmente “naquilo que é específico do modo de ser institucional” (RJE, 2016, p. 67).

Por fim, o documento faz referência à dimensão da família e da comunidade local, que busca proporcionar as condições para o diálogo e a participação das famílias na comunidade escolar.

4.1.3 Princípios comuns

Ambos os documentos analisados nesta pesquisa são de importância capital para o levantamento dos princípios norteadores do fazer pedagógico dos colégios da Companhia de Jesus, o primeiro em âmbito universal, e o segundo em âmbito de Brasil.

Cada qual traz a especificidade da sua época e do lugar do qual foi escrito. O primeiro, as “Características” está pensando nos colégios jesuítas que estão espalhados nos diversos rincões do planeta, nos diferentes contextos sociais, políticos e culturais. Por isso, tem a necessidade de elencar os principais aspectos que identificam a educação inaciana. O segundo documento, o PEC, quer, em sua primeira edição, traçar um caminho de unidade e de trabalho comum na então nascente Rede Jesuíta de Educação Básica, no Brasil.

Sendo um anterior ao outro, é natural que haja elementos comuns ou mesmo desenvolvimentos de aspectos trabalhados em ambos. Em termos de síntese, enumero alguns dos principais elementos encontrados nesta análise documental, que se relacionam aos dois textos:

- “Características” fala da formação total da pessoa na comunidade humana, ou seja, não a isola do mundo em que vive, mas busca formá-la de maneira integral, considerando a realidade e os desafios que a cercam. O PEC reforça o empenho de orientar as unidades educacionais do Brasil a formar pessoas competentes, conscientes, comprometidas e compassivas.
- Partem da premissa de que os estudantes precisam ser formados para aprenderem a conhecer a realidade e a avaliá-la criticamente. Os dois

documentos expressam a crença de que o mundo pode ser transformado pela ação por meio do compromisso de trabalhar por essas mudanças e do exercício de uma liberdade que tenha em vista a promoção da dignidade humana (COMPANHIA DE JESUS, 1986, p. 14). Nessa perspectiva, também se colocam em posição de luta contra todo tipo de violência, discriminação e injustiça (RJE, 2016, p. 36). Além disso, assumem a temática da sustentabilidade como um aspecto constituinte do currículo, com a convicção de que o cuidado com a Casa Comum é não só uma urgência dos nossos tempos, como também uma exigência para um mundo no qual a justiça socioambiental seja uma realidade.

- Ambos os documentos, cada qual com a sua abordagem, deixam clara também a centralidade do estudante no processo educativo – todo o trabalho pedagógico está focado e é pensado a partir da formação da pessoa.
- Igualmente o aspecto da educação integral aparece em ambos os documentos, evidentemente não no sentido unicamente do tempo em que o estudante permanece na escola, mas principalmente pelo princípio de repensar as aprendizagens e de ampliar o espaço onde elas acontecem, para mais além dos muros do colégio;
- A importância do cultivo do bom clima institucional também é recorrente nos dois documentos. “Características” enfatiza que um ambiente sadio e propositivo provoca maior ânimo pela aprendizagem em toda a comunidade educativa. O PEC recorda que o bom clima institucional está estreitamente ligado a uma gestão integrada e de qualidade.

A análise documental desses dois textos basilares deixa clara a percepção de que o estudo de ambos é um passo fundamental para o processo de construção do Projeto Político-Pedagógico de um colégio jesuíta no Brasil. É imprescindível, dada a importância dos princípios trabalhados nas “Características” e o lugar que o PEC ocupa como documento orientador da ação educativa da Companhia de Jesus no Brasil, que ambos sejam amplamente conhecidos e assimilados pelos gestores e docentes que pretendem atuar em um colégio de inspiração inaciana.

4.2 QUESTIONÁRIOS

Nesta etapa da análise dos dados coletados, se passará a examinar os resultados obtidos pelos questionários distribuídos para os três grupos, anteriormente descritos: o de professores do Colégio São Francisco Xavier (18 ao total, selecionados por meio de sorteio, com o critério de se ter pelo menos cinco anos de trabalho na unidade educacional), o de estudantes (12 ao total, do Ensino Médio, com convite aberto para aqueles que de livre e espontânea vontade se apresentaram para participar) e o de egressos (18 ao total, com convites feitos a partir do grupo de contatos do NEX – Núcleo de Egressos Xaverianos, associação de antigos estudantes ligada à instituição).

Reitera-se que os questionários, à exceção das primeiras perguntas que visam obter informações sobre o contexto dos respondentes, estão estruturados a partir da escala Likert.

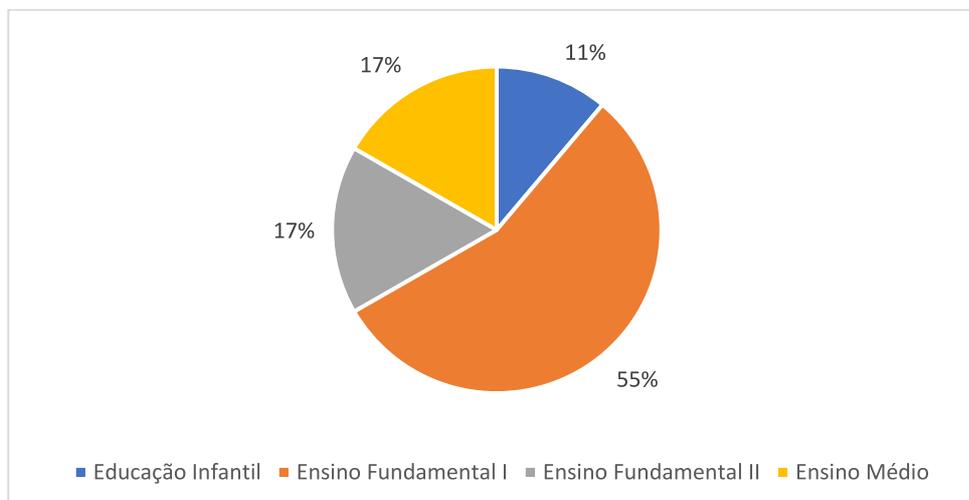
4.2.1 Professores

No primeiro questionário a ser analisado, os 18 respondentes fazem parte do grupo dos professores convidados segundo os critérios anteriormente expostos nesta pesquisa. A participação dos professores contribuiu no processo de coleta de dados para verificar o quanto eles, em primeiro lugar, se identificam e assimilam a proposta pedagógica inaciana e, a partir disso, buscam aperfeiçoar a sua entrega diária com o objetivo de explorar todas as riquezas e potencialidades desse modo de educar.

Este é um passo importante para averiguar se o colégio está avançando satisfatoriamente na qualificação de sua proposta pedagógica, uma vez que os docentes de uma escola jesuíta devem ser “capazes de entender a sua natureza especial e de contribuir para a realização das características resultantes da visão inaciana” (GRACOS, 2015, p. 80).

O questionário se inicia buscando identificar a partir de quais segmentos educativos falam esses docentes:

Gráfico 1 - Segmentos aos quais os docentes pertencem



Fonte: elaborado pelo autor.

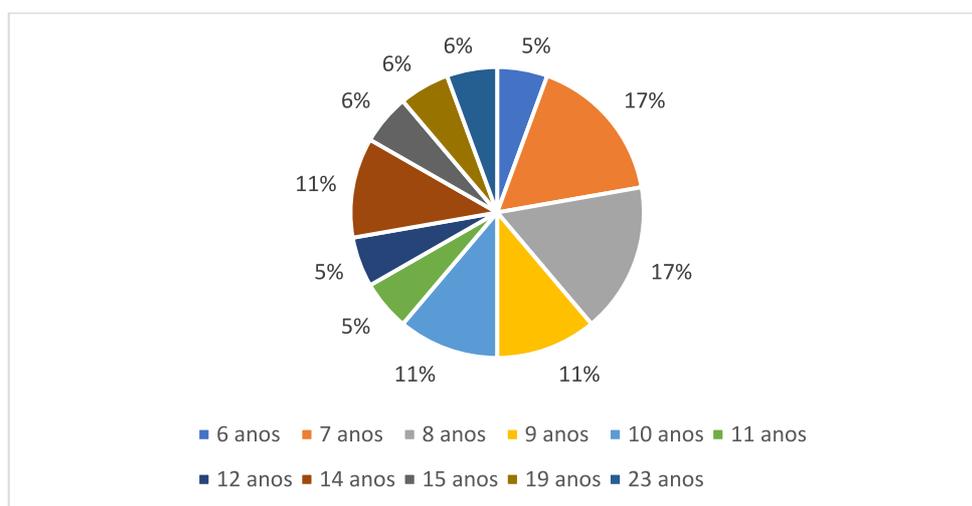
Embora a princípio a intenção fosse realizar o convite para participação na pesquisa a um número proporcional de professores em relação a cada segmento, precisou-se flexibilizar esse aspecto para poder se manter o critério de se entrevistar apenas aqueles que possuíam no mínimo cinco anos de trabalho na instituição. Essa situação, porém, não deixa de ser um aspecto a mais para se considerar nesta pesquisa, se está a se considerar o conhecimento da identidade humanística e jesuítica do colégio. O fato de haver um número reduzido de professores com mais de cinco anos de trabalho na instituição exige um empenho a mais da equipe diretiva e corpo de coordenações para ativar processos de formação continuada que deem conta de apresentar adequadamente os princípios fundamentais que regem a pedagogia inaciana. O aspecto continuado dessa formação é importante porque essa assimilação pedagógica se dá especialmente no dia a dia com os estudantes, quando se faz necessário assumir determinadas posturas ou tomar decisões que vão ao encontro do modo de proceder de uma escola jesuíta.

Foi possível, entretanto, manter o objetivo de possuir uma representatividade equilibrada dos segmentos nos quais atuam os docentes que participaram da pesquisa. A maioria dos respondentes pertencem ao segmento do Ensino Fundamental I. Mas os outros segmentos encontram-se também presentes em uma porcentagem adequada, o que permite evidenciar a diversidade de pontos de vista que compuseram as respostas ao questionário, uma vez que há um olhar mais

abrangente a partir dos docentes que trabalham com as diferentes faixas etárias, cada qual com os seus desafios e peculiaridades.

Seguindo na perspectiva de aprofundar o conhecimento acerca dos respondentes, importa saber também o tempo de trabalho na instituição.

Gráfico 2 – Tempo de trabalho dos docentes no Colégio São Francisco Xavier



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nesta questão, se obtém um panorama mais preciso dos docentes que responderam à pesquisa, no tocante à sua experiência e trajetória realizada no Colégio São Francisco Xavier. A maioria dos docentes estão concentrados entre 7 e 8 anos de trabalho na instituição, seguidos dos que possuem 9, 10 e 14 anos. É interessante também notar que, entre os respondentes, alguns têm um tempo significativo de trabalho no SANFRA, com mais de 15 anos de pertença.

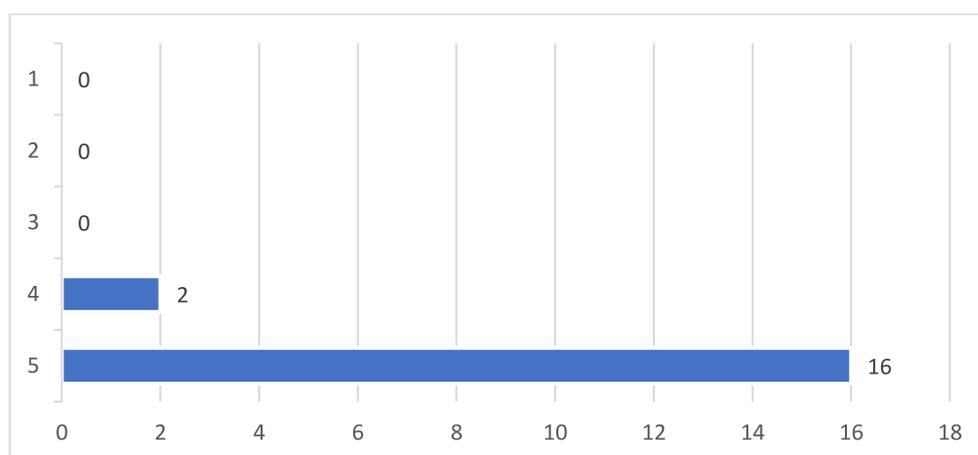
Os dados desta questão contribuem com a presente análise, pois informam um parâmetro importante pelo qual se avalia, por exemplo, o peso das respostas em relação ao grau de conhecimento da pedagogia inaciana. É razoável pensar que os docentes que estão há mais tempo na instituição tiveram mais oportunidades de aprofundar na prática pedagógica jesuítica, seja em ocasiões formais pensadas para esse propósito, seja pela própria convivência cotidiana na instituição, na condução das iniciativas do colégio ou mesmo na convivência com os seus colegas professores.

Contextualizados os docentes, perguntou-se em seguida sobre a importância que cada um deles atribui para o fato de o colégio possuir uma dimensão humanística em sua proposta educativa. Unanimemente, consideram esse aspecto como “muito

importante”, tendo todos eles escolhido o número máximo da escala. Esse é um resultado positivo. A partir dele, pode-se, nesta análise, partir da premissa de que nenhum dos respondentes possui dúvidas em relação à pertinência da dimensão humanística na proposta educativa jesuítica. Tampouco a aceitam com alguma reserva ou limitação, uma vez que, a se interpretar a resposta dada a essa questão, entendem que a dimensão humanística possui uma importância capital.

Na questão seguinte, abordou-se o quanto o fato de o colégio possuir um cunho humanístico e com valores cristãos influencia na motivação de sua missão como educadores.

Gráfico 3 – Grau de motivação dos docentes em trabalhar em um colégio de inspiração humanística e cristã

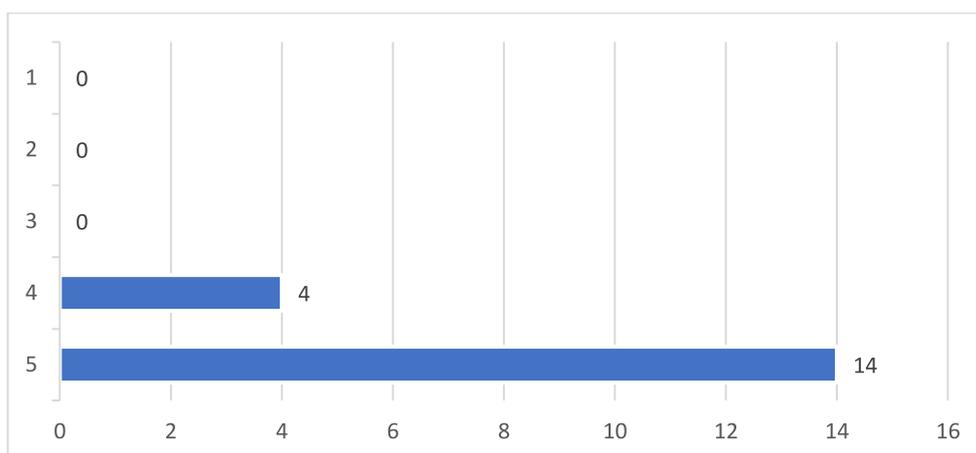


Fonte: elaborado pelo autor.

É notável que a dimensão humanística do projeto educativo do colégio motiva substancialmente os docentes em seu trabalho. É possível que essa realização por parte dos professores não encontre a sua explicação apenas pela identificação com a sua confissão religiosa. Até mesmo porque a religião professada não é (e não pode ser) um critério de seleção para os docentes. O mais provável é que os valores universais promovidos por uma proposta educativa cristã – como por exemplo o amor, a acolhida fraterna e a solidariedade – inspirem suficientemente os docentes de modo a fazer crescer a sua motivação em atuar na instituição. Além disso, a utopia da transformação social presente nos projetos educativos de cunho humanístico pode promover sentimentos positivos de esperança que contribuem para alimentar a motivação não só dos docentes, como dos próprios estudantes.

Prosseguindo com o questionário, indagou-se na próxima questão sobre o quanto, na percepção de cada docente, os projetos desenvolvidos pelo setor de Formação Cristã e Pastoral são importantes no conjunto da proposta curricular do SANFRA.

Gráfico 4 – Importância da ação do setor de Formação Cristã e Pastoral no colégio



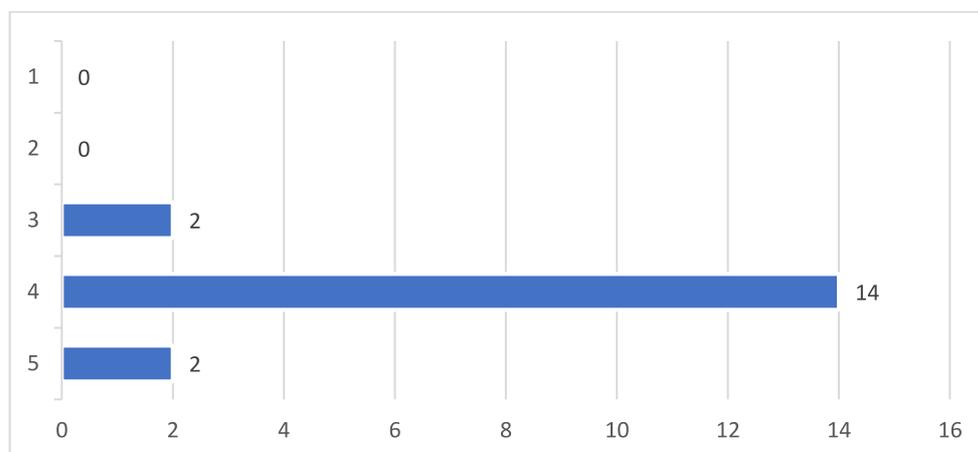
Fonte: elaborado pelo autor.

A razão para a formulação dessa questão foi a de analisar o percentual de docentes que entendem ser o setor de Formação Cristã e Pastoral um agente facilitador e articulador de ações que colocam em prática a identidade humanística do colégio jesuíta.

Em uma visão ideal, na proposta pedagógica inaciana, as dimensões acadêmica e pastoral se articulam em harmonia para que a aprendizagem possa ser, de fato, integral – levando em conta todos os aspectos constitutivos do ser humano, a saber: “afetiva, espiritual, ética, estética, cognitiva, comunicativa, corporal e sociopolítica” (RJE, 2016, p. 49). Cabe, uma vez que o resultado dessa questão demonstrou o reconhecimento da importância da Formação Cristã e Pastoral por parte dos docentes, que essa percepção se efetive em uma ação cada vez mais conjunta e complementar.

Partindo para uma análise pessoal de cada docente, o questionário traz em seguida a discussão sobre o nível de conhecimento que cada um deles considera possuir em relação aos valores que fundamentam a pedagogia inaciana.

Gráfico 5 – Domínio da pedagogia inaciana por parte dos docentes



Fonte: elaborado pelo autor.

É interessante verificar que apenas dois dos docentes respondentes, mesmo possuindo ao menos cinco anos de trabalho na instituição, consideram dominar totalmente a pedagogia inaciana. A maioria opta por uma resposta mais cautelosa, afirmando conhecer, mas com o horizonte aberto para o aprendizado.

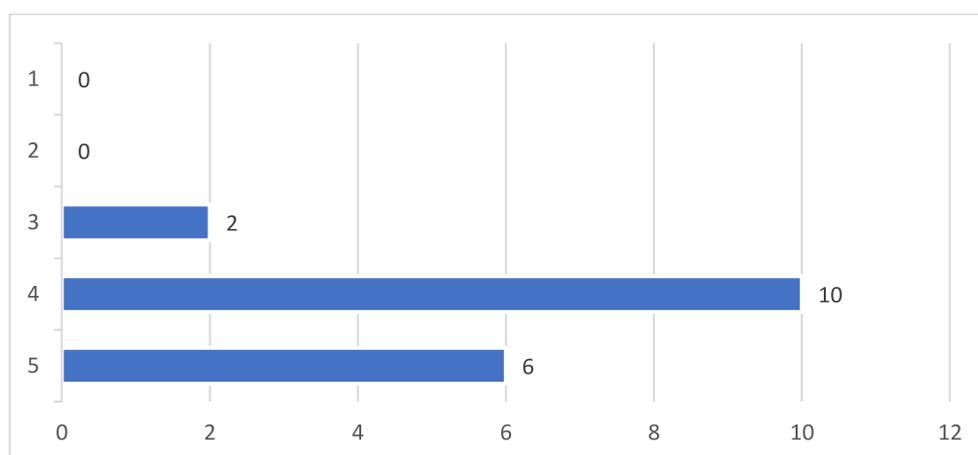
É claro que é preciso ter em mente que a própria compreensão acerca de se dominar ou não a pedagogia inaciana pode variar entre os docentes. Alguém pode pensar que conhecer quais são os valores fundamentais da pedagogia inaciana seja o suficiente para aplicá-la. Outro pode compreender a necessidade de aprofundar-se na literatura existente sobre o assunto e pode, assim, realizar a sua avaliação pessoal a partir do quanto já pôde ler sobre o tema e aplicar esses conhecimentos no seu trabalho. E há aqueles que, tendo feito a experiência dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, possam entender que esse mergulho na experiência que originou a pedagogia inaciana seja um passo importante para se apropriar da mesma.

No tocante às respostas a essa questão, nota-se que a maioria afirmou conhecer de forma adequada a pedagogia inaciana. Mesmo em relação àqueles que responderam com pontuação alta, mas não na máxima, pode-se interpretar que pessoalmente entendam que conheçam adequadamente a pedagogia inaciana, mas queiram deixar em aberto que ainda há o que aprender e crescer, seja por uma atitude de humildade, seja por uma atitude inteligente de quem se reconhece estar em constante aprendizado. Houve dois docentes que, em uma postura mais crítica, colocaram-se no nível 3, reconhecendo que já possuem certo conhecimento sobre a pedagogia inaciana, mas que precisam ainda avançar consideravelmente no seu

estudo. Em relação a esse ponto, cabe a cada docente dedicar-se continuamente pela sua formação continuada, mas também é responsabilidade do colégio (RJE, 2016, p. 67) promover as oportunidades para que essas competências sejam trabalhadas e o profissional possa estar alinhado ao modo de proceder jesuíta, engajando-se em seu apostolado educativo e identificando-se com a sua missão educativa.

Avançando para a próxima questão, seguindo em uma linha pessoal de avaliação, o questionário provoca os docentes a dizerem se, na sua percepção, logram formar pessoas mais comprometidas, competentes, conscientes e compassivas.

Gráfico 6 - Educação para os 4Cs: Competência, compromisso, consciência e compassividade



Fonte: elaborado pelo autor.

Em um resultado otimista, os professores consideram que atingem o objetivo proposto pela educação inaciana, sendo que seis deles acreditam cumprir essa tarefa de forma plena. Questionar aos docentes se estão obtendo sucesso na meta de formar “homens e mulheres competentes, conscientes e comprometidos na compaixão” (RJE, 2016, p. 29) leva também a buscar saber se os conteúdos trabalhados estão tendo uma repercussão direta na forma de o estudante colocar-se no mundo, a partir da forma como compreende a si mesmo e a sua relação com os outros e com a Casa Comum.

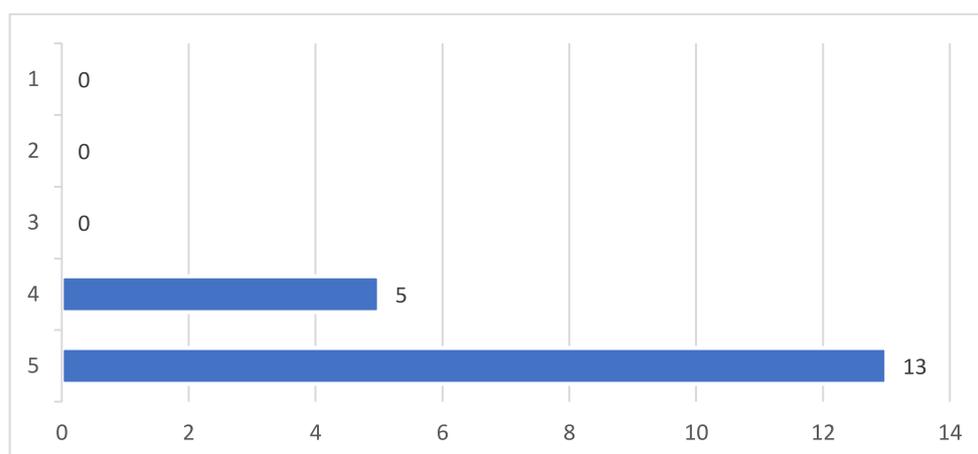
Esse movimento nem sempre é feito de modo automático pelos estudantes, mas demanda que o docente saiba fazer com o que seu conteúdo interaja com os principais e mais urgentes temas da atualidade.

O professor é o profissional que propõe o caminho, apresenta o mapa e acompanha os estudantes, indicando critérios para que a apropriação do conhecimento seja feita de maneira significativa e com valor (RJE, 2016, p. 44).

De qualquer modo, não é possível ignorar o fato de professores do corpo docente acreditarem que uma das principais metas do projeto educativo não esteja sendo cumprida. Se existe essa percepção, ela precisa ser levada em conta no processo de escuta e de construção do Projeto Político-Pedagógico, a fim de que essa situação possa ser devidamente avaliada.

Partindo para a temática diretamente voltada à intervenção prática desta pesquisa, questionaram-se os professores acerca do impacto que um projeto político-pedagógico construído a partir de uma gestão democrática pode ter na qualidade do ensino e da aprendizagem dos estudantes.

Gráfico 7 – Importância do Projeto Político-Pedagógico



Fonte: elaborado pelo autor.

As respostas demonstram o quanto está claro para os professores que o colégio jesuíta necessita de um Projeto Político-Pedagógico construído de forma democrática, como condição para a realização completa da proposta educativa.

Tal como foi exposto anteriormente, a gestão democrática deve ser um dos aspectos constitutivos do PPP. Deve ser parte não só da maneira pela qual ele é construído como também um dos resultados que se espera obter na comunidade educativa após a sua implementação. A partir desse aspecto, é possível também aferir que não seja positiva a prática de algumas instituições educativas que terceirizam o trabalho de produção do seu Projeto Político-Pedagógico. Justamente pela natureza

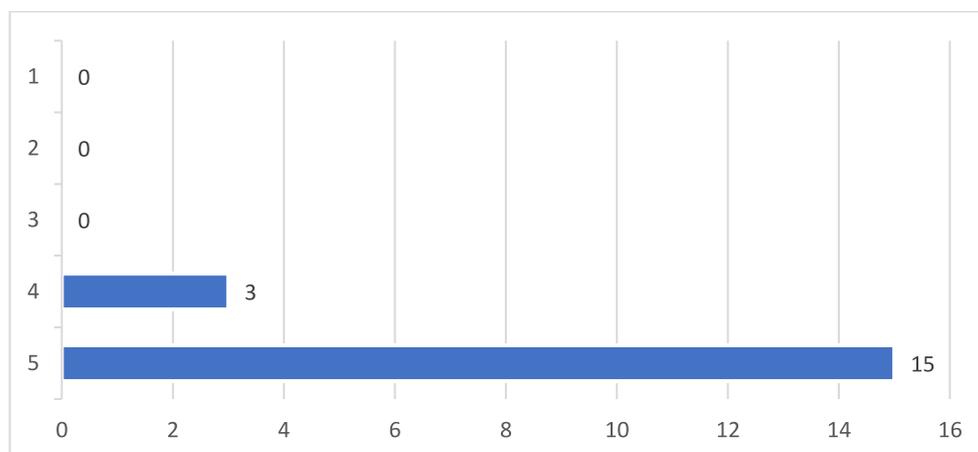
que o origina e que indica o caminho a seguir posteriormente, compreende-se que tal tarefa deve partir da própria comunidade educativa onde será implementada, sob risco de se tornar apenas um documento a mais na escola, alheio à realidade da escola e isolado da reflexão diária dos docentes e dos estudantes que estão na prática cotidiana dos processos de ensino e de aprendizagem.

O projeto político-pedagógico, ao se constituir em um processo democrático de decisões, preocupa-se em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que supere os conflitos, buscando eliminar as relações competitivas, corporativas e autoritárias, rompendo com a rotina do mando impessoal e racionalizado da burocracia que permeia as relações no interior da escola, diminuindo os efeitos fragmentários da divisão do trabalho que reforça as diferenças e hierarquiza os poderes de decisão (VEIGA, 2013, p. 13-14).

O Projeto Político-Pedagógico exige a mobilização de toda a comunidade e uma modalidade de gestão que seja, de fato, democrática, com a possibilidade de voz e de participação para todos. É preciso que os docentes acreditem ser possível a realização desse ideal de gestão, para que possam se animar a colocar-se a caminho de construí-lo e operacionalizá-lo no colégio. Urge estar claro para todos que “o poder é serviço e a liderança é espaço de compartilhamento de poder e de responsabilidade, tendo como foco o cumprimento da missão” (RJE, 2016, p. 55).

Por fim, questionou-se o quanto cada um se sente realizado por exercer sua missão educativa em um colégio jesuíta.

Gráfico 8 – Grau de realização dos docentes em sua missão educativa inaciana



Fonte: elaborado pelo autor.

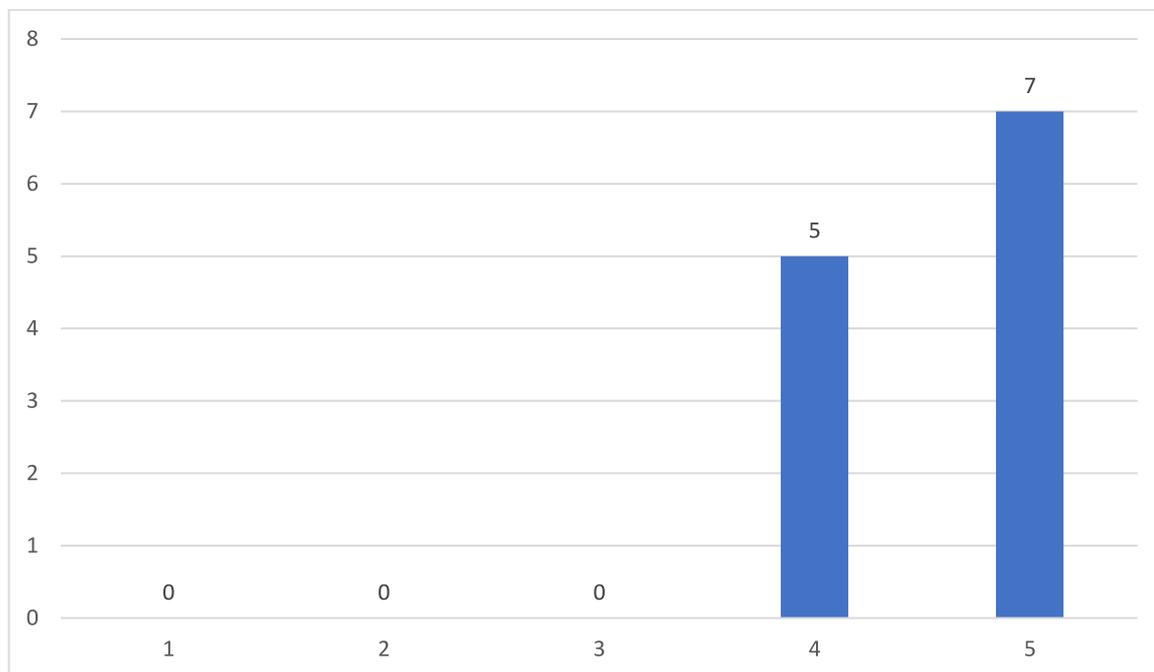
Predominantemente, notam-se respostas satisfatórias por parte dos professores, que confirmam o quanto a dimensão humanística é percebida em sua importância, bem como a sua inspiração cristã. Comprova-se que o tema da formação para a identidade inaciana permanece sendo uma temática importante e o quanto é necessária a construção e a implantação do projeto político-pedagógico, como instrumento privilegiado para se atingir os objetivos de aprendizagem, com fidelidade criativa à identidade da instituição

4.2.2 Estudantes

Para coletar as contribuições dos 12 estudantes do Colégio São Francisco Xavier que participaram da pesquisa, iniciou-se o questionário apurando-se a quais turmas pertencem aqueles que, dentre as turmas indicadas, decidiram voluntariamente participar da pesquisa. A maioria, 66,7%, foi da 2ª série do Ensino Médio. Os 33,3% restantes eram da 3ª série. Não houve adesão por parte das turmas da 1ª série do Ensino Médio. Trata-se de uma amostragem adequada para os fins desta coleta de dados, por contar com um número adequado de estudantes – seja entre aqueles que já estão em sua reta final na educação básica e, portanto, em uma perspectiva maior de síntese do que foi vivido e, em sua maioria, com olhar voltado para o período universitário que se abre; seja também entre aqueles que estão em plena trajetória do Ensino Médio e ainda possuem um caminho significativo pela frente antes de sua conclusão. Essa variedade não afeta os resultados de modo negativo, mas permite um olhar diferenciado entre aqueles que já estão concluindo sua passagem no Colégio São Francisco Xavier, dentre aqueles que permanecerão com o seu processo de formação em um colégio de educação humanística.

Na questão seguinte, abordou-se o quanto cada estudante entendia ser importante o aspecto humanístico do currículo do Colégio São Francisco Xavier.

Gráfico 9 – Importância da dimensão humanística na proposta educativa



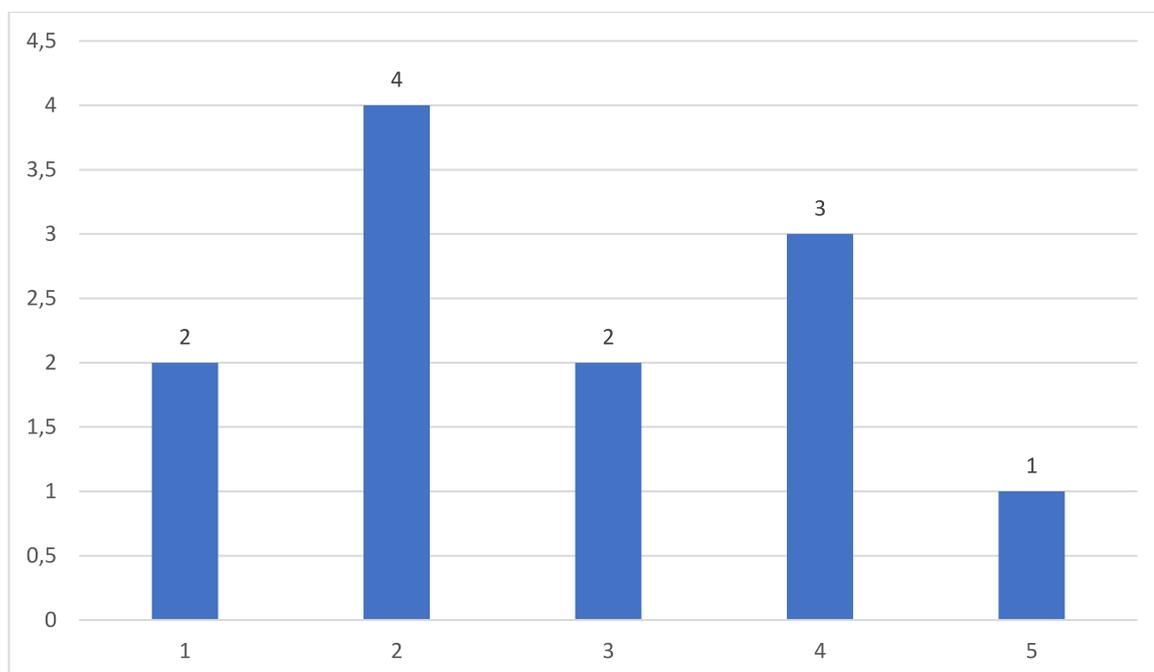
Fonte: elaborado pelo autor.

É importante notar que os estudantes reconhecem o valor da proposta pedagógica, o que demonstra certa profundidade na compreensão do processo no qual estão envolvidos (embora deva-se considerar que a sua avaliação é condicionada pela perspectiva e pela maturidade a partir das quais analisam o fenômeno).

É importante considerar que, em se tratando de estudantes do Ensino Médio, o fator do conteúdo tem uma relevância significativa no percurso pedagógico, especialmente por conta das avaliações e dos processos seletivos universitários que fazem parte desse momento acadêmico. Preparar-se para essas ocasiões é parte considerável do tempo e do empenho dedicado por professores e por estudantes no segmento do Ensino Médio. É uma etapa importante pelas quais é necessário estar habilitado, ao menos na organização atual das leis educacionais e das universidades. Felizmente, os resultados para essa questão apontam que os estudantes consultados entendem que a dimensão humanística do currículo formativo possui uma grande importância. Essa compreensão provavelmente impacta positivamente no modo como e na motivação pela qual eles dedicam o seu empenho ao estudo dos conteúdos e da preparação para essas grandes avaliações.

Seguindo o raciocínio da importância do cunho humanístico, perguntou-se o quanto essa característica do colégio influenciou a decisão de estudar ou permanecer estudando na instituição.

Gráfico 10 – A importância da dimensão humanística na escolha do colégio



Fonte: elaborado pelo autor.

Nesta questão encontramos uma interessante diversidade de posicionamentos, prevalecendo a resposta de peso 2, o que indica que a dimensão humanística, a princípio, não foi um fator determinante para a escolha do colégio onde estudar. É importante considerar, porém, que esse pode ter sido um aspecto primordial para a escolha feita pelos pais dos estudantes e não tanto por eles mesmos. Entretanto, é notório que, no contexto do Ensino Médio, essa escolha passa também pelo crivo dos próprios estudantes. Próximo desse número estão os que escolheram o peso 4, que entendem ser a dimensão humanística um fator que impactou significativamente a escolha de se estudar no colégio.

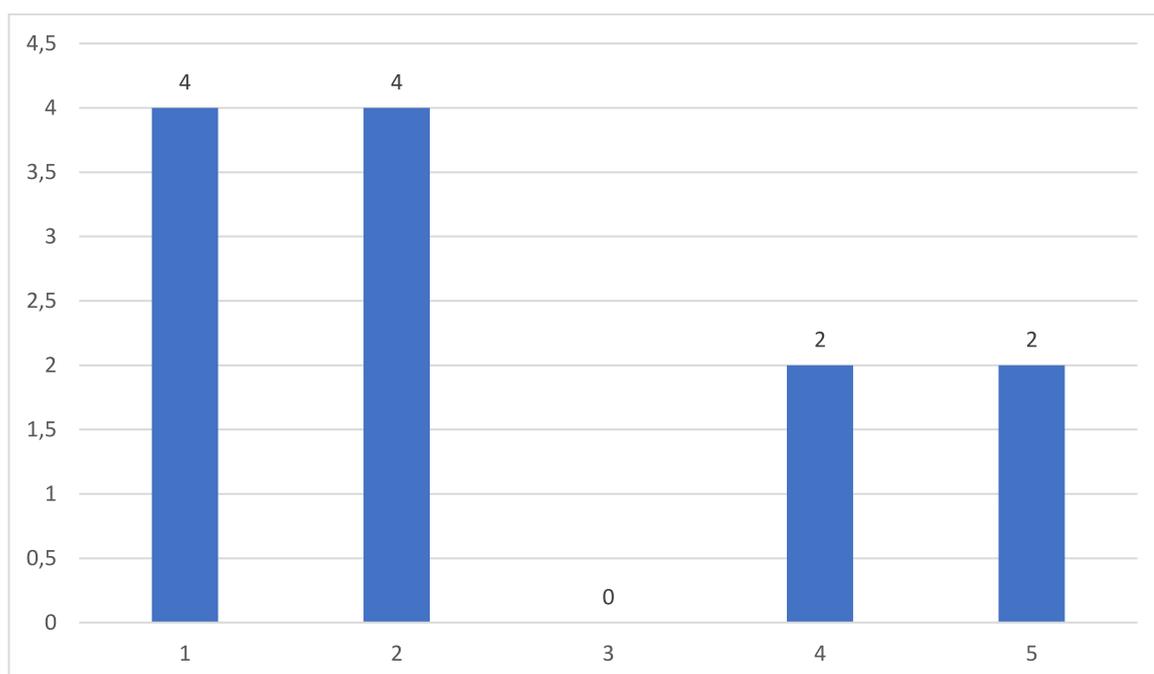
É preciso se considerar também que a dispersão das respostas possa em parte ser explicada por uma visão pragmática da educação, em relação à qual o PEC faz um alerta:

O atual contexto educacional mostra-se muito diverso e competitivo. Observa-se uma “emergência educativa” (DA 328) como consequência de um mercado constituído em torno da educação. A alta competitividade, impulsionada pelo mau uso das avaliações padronizadas de âmbito nacional e internacional, traz o risco de um “reducionismo antropológico” (RJE, 2016, p. 37).

Por outro lado, se for considerada uma perspectiva mais otimista, é possível que o Colégio São Francisco Xavier tenha sido a escolha dessas famílias e estudantes não só por conta da sua característica humanística e cristã, mas também por ser considerado também um colégio de excelência acadêmica. Essa seria uma hipótese plausível para o fato de, mesmo considerando a dimensão humanística importante, ela não ter sido a razão fundamental que motivou a escolha do colégio para se estudar. De qualquer modo, o fato de os estudantes admitirem que a característica humanística do colégio não foi o fator predominante de sua escolha revela esse aspecto importante do mercado educacional da atualidade – a saber, a busca por uma educação mais pragmática e tecnicista.

A próxima questão abordou a adesão dos estudantes aos projetos promovidos pelo setor de Formação Cristã e Pastoral.

Gráfico 11 – Participação dos estudantes nas atividades da Formação Cristã e Pastoral



Fonte: elaborado pelo autor.

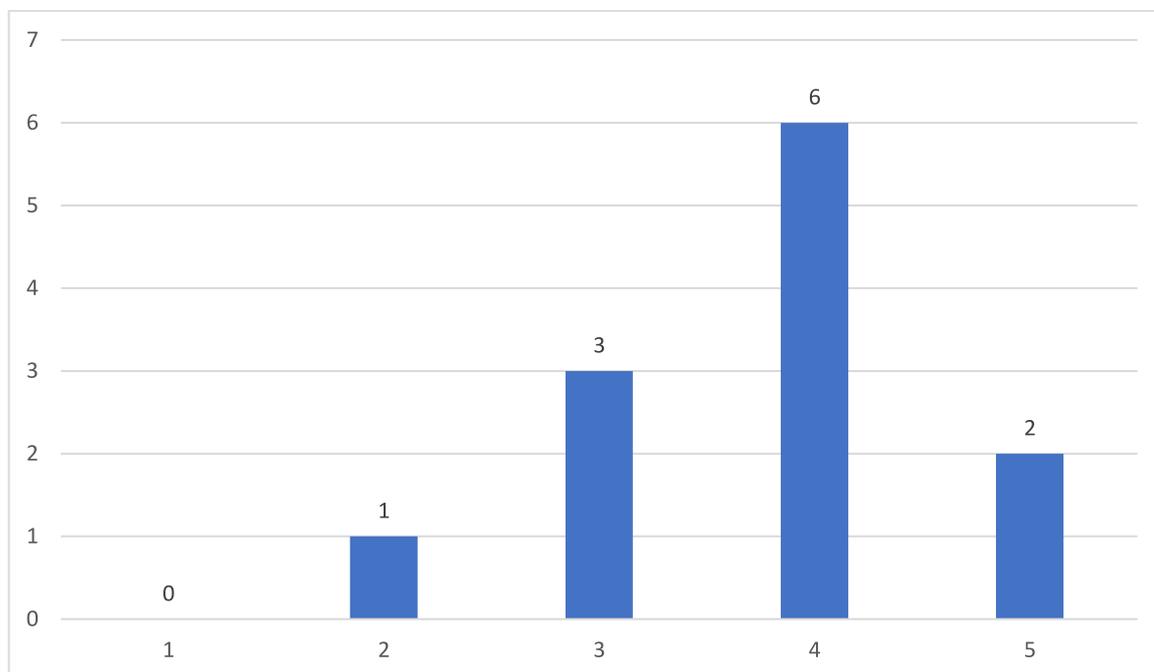
Dos estudantes questionados, a maior parte afirma não participar dos projetos ligados à Formação Cristã e Pastoral ou apenas de uma pequena parte deles. Esta pergunta tem relevância no sentido de demonstrar o quanto os estudantes buscam, de forma voluntária, aprofundar a formação humanística e inaciana promovida pelo colégio, a partir da participação de projetos que desenvolvem esses aspectos de forma específica.

Faz-se relevante deixar claro que não se compreende, nesta pesquisa, que a Formação Cristã e Pastoral concentra em si os projetos que fazem com que o colégio se identifique como humanístico e cristão. Conforme já trabalhado até aqui, é o projeto pedagógico como um todo que torna uma instituição educativa humanística, tenha ela a matriz cristã ou não. Essa característica deve perpassar toda as ações e iniciativas pedagógicas que são realizadas e entendidas como parte do currículo.

Ou seja, o fato de alguns dos estudantes participantes desta pesquisa não participarem dos projetos da Formação Cristã e Pastoral não indica que eles não tiveram contato com a característica humanística proporcionada pelo colégio, em relação aos que participam. Mas, por outro lado, não é incorreto dizer que aqueles que participam podem chegar a ter uma consciência maior dessa intencionalidade pedagógica, o que permitirá ter uma identificação maior com a proposta.

Outra questão interessante, muito ligada também ao efeito que se espera de uma comunidade educativa que possui um Projeto Político-Pedagógico definido e bem construído, refere-se à capacidade de os docentes conseguirem exprimir, em seu trabalho educativo, os valores e os princípios assumidos pela pedagogia inaciana. Dizem as “Características” que “os membros adultos da comunidade educativa – especialmente os que estão em contato diário com os alunos – manifestam em suas próprias vidas a preocupação pelos outros e estima pela dignidade humana” (GRACOS, 2015, p. 70). Essa mensagem precisa ser clara para que possa ser compreendida pelos estudantes, numa comunicação que não acontece apenas de forma verbal, mas também a partir da conduta e da forma de acompanhar cada um deles.

Gráfico 12 – Valores e princípios do colégio assimilados pelos docentes e demais educadores



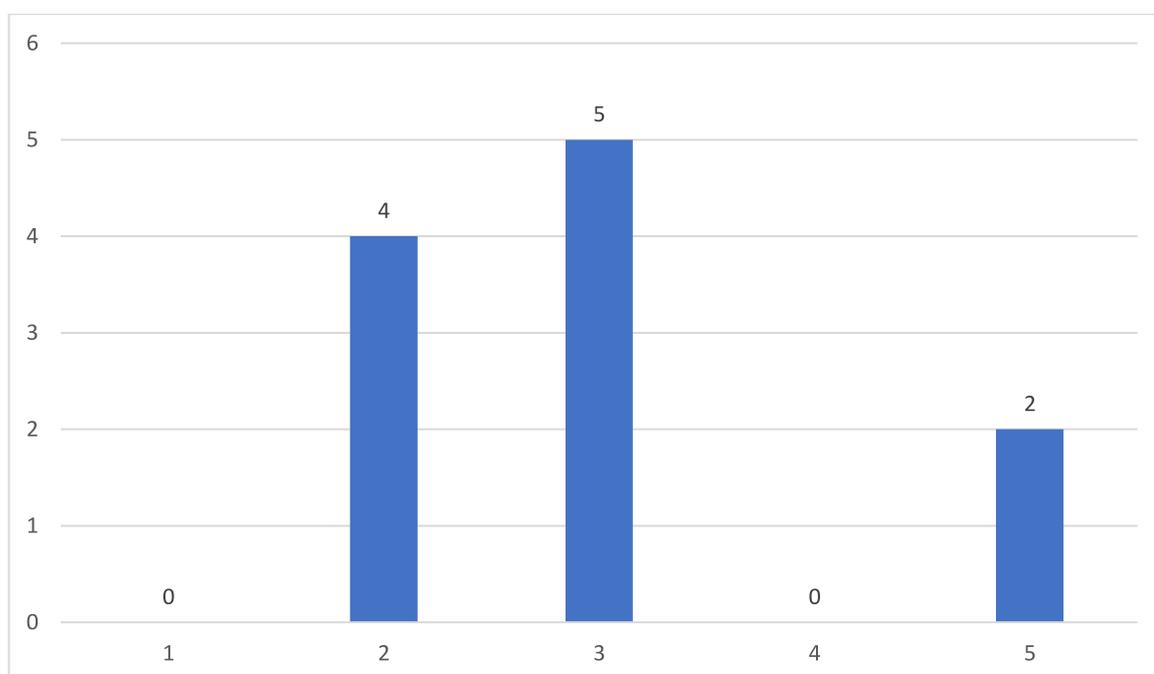
Fonte: elaborado pelo autor.

É certo que o ato de analisar se os docentes vivenciam e aplicam em seu trabalho os valores da pedagogia inaciana exige um conhecimento prévio de quais sejam esses valores por partes dos estudantes que respondem. No entanto, uma análise positiva dos docentes em relação a esse tema está necessariamente relacionada a uma experiência positiva com eles. Sabendo que o PEC preconiza que “o papel do professor é mais do que o de mediador de aprendizagens” (RJE, 2016, p. 44), compreende-se que o bom relacionamento e a proximidade com os estudantes são passos importantes para que os docentes possam ter a credibilidade necessária para o sucesso do seu trabalho, na perspectiva da pedagogia inaciana. Embora as respostas sejam diversificadas, a maioria reconhece em seus professores os valores e as posturas que identificam a pedagogia inaciana. Entretanto, é preciso analisar o fato de uma parcela dos estudantes entender que os seus educadores não estão exprimindo de forma clara e suficiente os valores da pedagogia inaciana. Como afirma Veiga (2013, p. 23), “os educadores precisam ter clareza das finalidades de sua escola”. Portanto, é preciso considerar essas respostas como um estímulo para “refletir sobre a ação educativa que a escola desenvolve com base nas finalidades e

nos objetivos que ela define” (VEIGA, 2013, p. 23). É pertinente também ter em conta que tal situação pode ser originada por outras questões, as quais precisam ser devidamente aprofundadas no processo de construção do PPP. A resposta pode ser buscada, por exemplo, em ações que gerem uma rotatividade menor de professores (sem deixar de considerar o dado do baixo número de professores que possuem mais de cinco anos de instituição) ou também no fortalecimento da formação continuada do corpo docente, com ênfase adequada no modo de proceder educativo dos colégios da Companhia de Jesus e na assimilação dos valores que os identificam. É preocupante, em um colégio de cunho humanístico, os estudantes compreenderem que seus professores – mesmo que alguns – não trazem consigo os valores da instituição na qual atuam.

As questões seguintes dizem respeito a como os estudantes enxergam o seu futuro profissional, com base na formação que recebem no colégio. A primeira questão indagou o quanto o Sanfra está contribuindo para a escolha do caminho profissional que o aluno deseja seguir ou da área em que deseja estudar.

Gráfico 13 – Contribuição do Sanfra para a escolha da área profissional



Fonte: elaborado pelo autor.

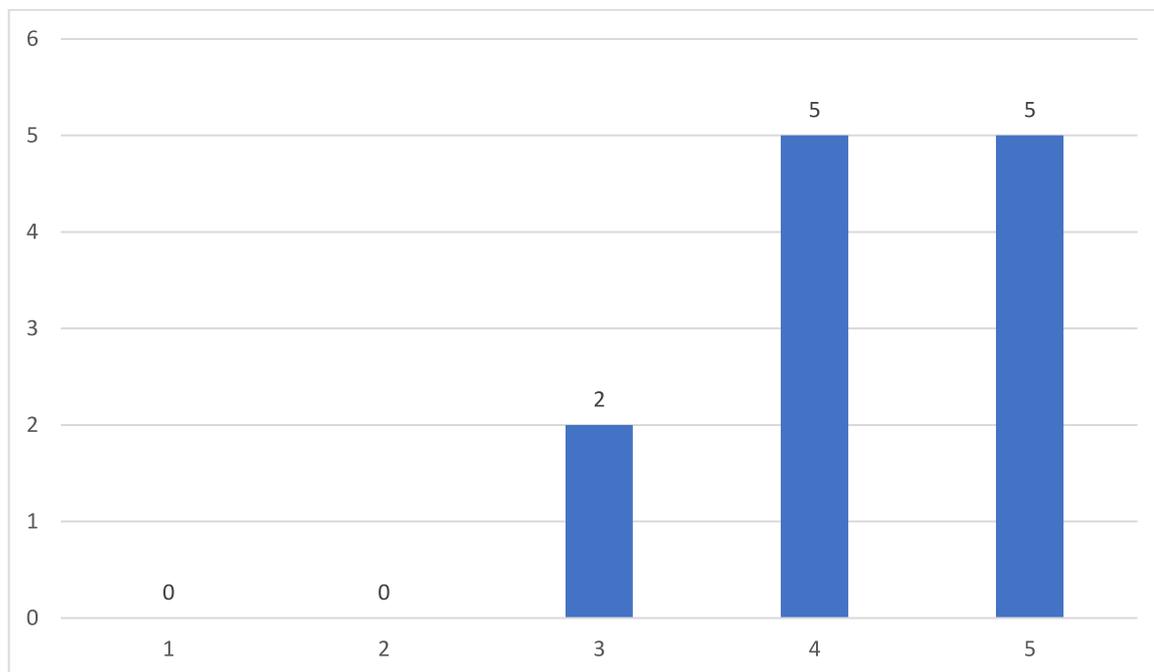
Considerando as respostas anteriores que afirmam positivamente a contribuição que o colégio e os seus professores oferecem a partir da perspectiva humanística, nesta questão uma parte dos estudantes aponta que o colégio não está tendo influência significativa na escolha que estão construindo acerca da profissão e/ou área acadêmica na qual desejam prosseguir os seus estudos. A maioria responde de forma neutra a essa questão. Ou seja, pode-se compreender que, em suas perspectivas, o Sanfra não está sendo irrelevante na construção dessa decisão, mas também não está tendo uma influência marcante para essa reflexão.

Essa influência na escolha profissional, no contexto do processo de aprendizagem integral, não significa simplesmente inspirar os estudantes a escolherem uma ou outra profissão específica, mas oferecer o instrumental crítico e os meios para aprofundar as suas motivações e realizar uma decisão segura. Também são oportunas as iniciativas de intercâmbio com universidades, que promovem um primeiro contato dos estudantes com o mundo do ensino superior e com as áreas para as quais sentem maior propensão. Outras ações, como feiras profissionais, palestras e rodas de conversa com profissionais de diferentes áreas, costumam contribuir de forma positiva nesse processo.

Pensando também na perspectiva da educação socioemocional, o colégio também tem o papel de acompanhar o estudante para que seu discernimento seja feito de forma serena e saudável. É comum que esse tema seja impactado por pressões sociais ou familiares, incluindo até mesmo, em alguns casos, a indicação dos pais sobre que área deseja que seus filhos sigam. Não é raro que essas situações sejam acompanhadas por episódios de estresse ou de ansiedade que podem progredir para quadros que podem demandar apoio médico ou psicológico. O colégio contribuiu para que o estudante tenha a tranquilidade de saber que a decisão profissional ou acadêmica não necessariamente precisa acontecer ao final do Ensino Médio. E que mudanças de percurso, de carreira ou área de atuação são decisões cada vez mais comuns no mundo corporativo e que a decisão tomada nesse momento não precisa e tampouco se exige que seja definitiva.

Em seguida, a questão foi sobre o quanto a formação humanística do SANFRA permitirá, independentemente da área escolhida para a vida profissional ou acadêmica, que o estudante seja um ser humano exemplar, seja na sua postura perante o mundo, seja no seu engajamento pelo bem comum.

Gráfico 14 – Impacto da formação humanística do SANFRA



Fonte: elaborado pelo autor.

É notório que uma parcela significativa dos estudantes identifica, a partir de suas respostas, que entendem ser eficaz a formação humanística que estão recebendo, no sentido de que eles mesmos percebem terem sido impactados positivamente por ela. Percebem mudanças e boas atitudes que surgem a partir dos estímulos provocados pelo currículo e pela proposta educativa.

Afirma o PEC que o objetivo das propostas pedagógicas dos colégios jesuítas no Brasil deve ser “colocarmos o aluno no centro do processo educativo, buscando um currículo que faça sentido e dê sabor a suas vidas” (RJE, 2016, p. 14). Tal perspectiva contribui diretamente para o sucesso do processo educativo e permite um engajamento maior dos estudantes nas iniciativas ofertadas pela instituição.

Nessa mesma perspectiva em relação ao cumprimento dos objetivos educativos propostos pelo colégio, na última pergunta do questionário, mencionando o Regimento Escolar (documento normativo que regula as ações e as práticas de uma instituição escolar), é interessante observar que 75% dos respondentes entendam que, assim como preconiza o documento citado, o colégio logra realizar o desenvolvimento pleno do estudante, seu preparo para a cidadania e sua qualificação para o mundo do trabalho.

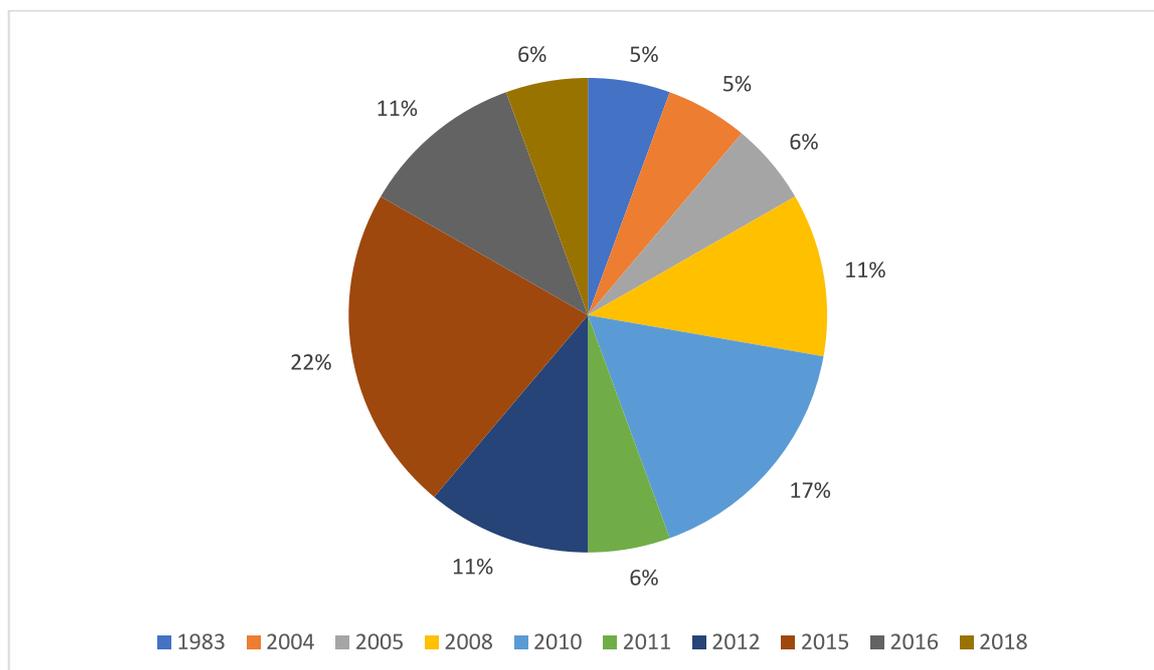
Entretanto, assim como já dito na análise de questões anteriores, não se pode fechar os olhos também para os números que revelam aspectos que precisam ser melhorados. Nesse caso, destaca-se o fato de uma parcela dos estudantes não se sentirem impactados pela proposta humanística da instituição.

4.2.3 Egressos

O último questionário a ser analisado é o que foi direcionado para os egressos do Colégio São Francisco Xavier. Selecionados a partir dos critérios e dos meios já expostos, a pesquisa contou com a participação de 18 pessoas, atingindo uma diversidade adequada de idades, experiências e de momentos históricos do colégio.

O questionário se inicia com pergunta sobre o ano no qual o egresso terminou a educação básica no Colégio São Francisco Xavier.

Gráfico 15 – Ano de conclusão da educação básica no SANFRA



Fonte: elaborado pelo autor.

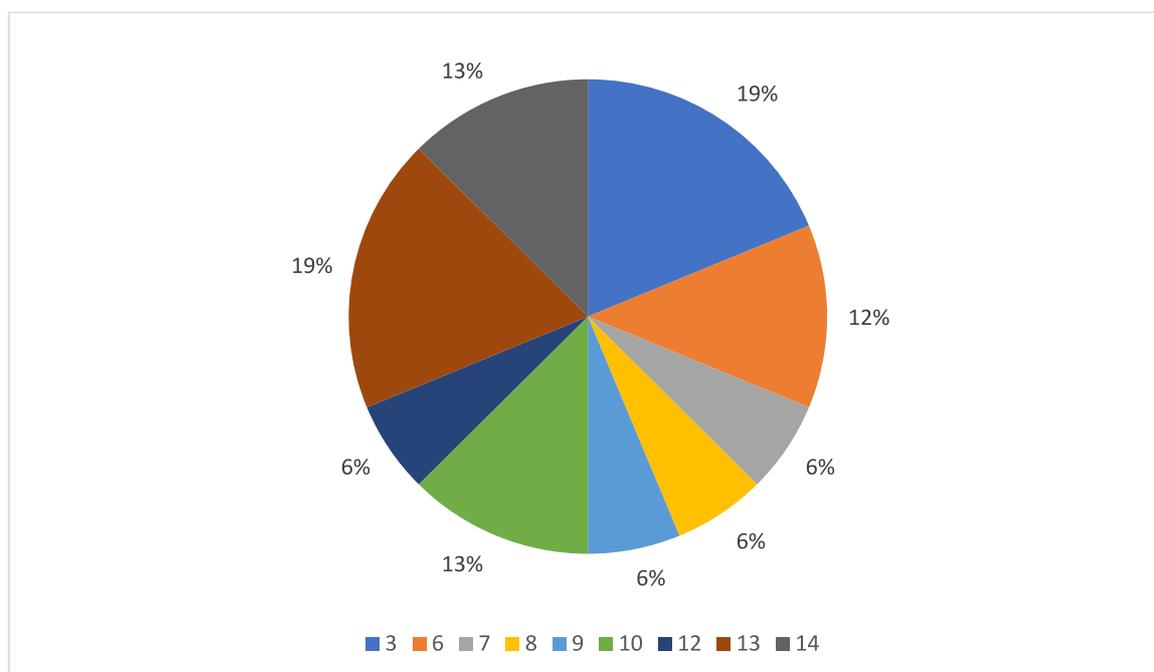
As respostas indicam uma boa porcentagem de formandos do ano de 2015, seguidos por aqueles que concluíram seus estudos no colégio em 2010. Próximo a eles há os que encerraram sua passagem pelo SANFRA em 2008, 2012 e 2016. Trabalhou-se, portanto com um grupo heterogêneo, pelo menos se for levada em

conta a época em que cada um dos egressos concluiu os seus estudos no colégio. Esse dado contribui para a riqueza e para a abrangência da coleta de dados, uma vez que traz informações sobre diferentes épocas e contextos vividos nos últimos anos.

Uma informação importante é que o período de vigência da edição do PEC analisada nesta pesquisa é de 2016 a 2020 (RJE, 2016, p. 32). Portanto, há de se considerar que apenas os egressos que estiveram no Colégio São Francisco Xavier após 2016 passaram pelas inovações propostas por esse documento. Ou seja, há entre os respondentes também aqueles que passaram pelo colégio em período anterior à implementação das orientações de renovação que o PEC implementa para as unidades educacionais da Rede Jesuíta de Educação. Tal informação é relevante para se considerar que algumas sensibilidades ou opiniões acerca do processo educativo vivido antes de 2016 podem já ter sido modificadas pela reflexão que se sucedeu ao lançamento desse documento.

Ainda no intento de conhecer melhor a realidade dos respondentes, questionou-se quantos anos cada um deles estudou no Colégio São Francisco Xavier.

Gráfico 16 – Tempo de permanência no SANFRA



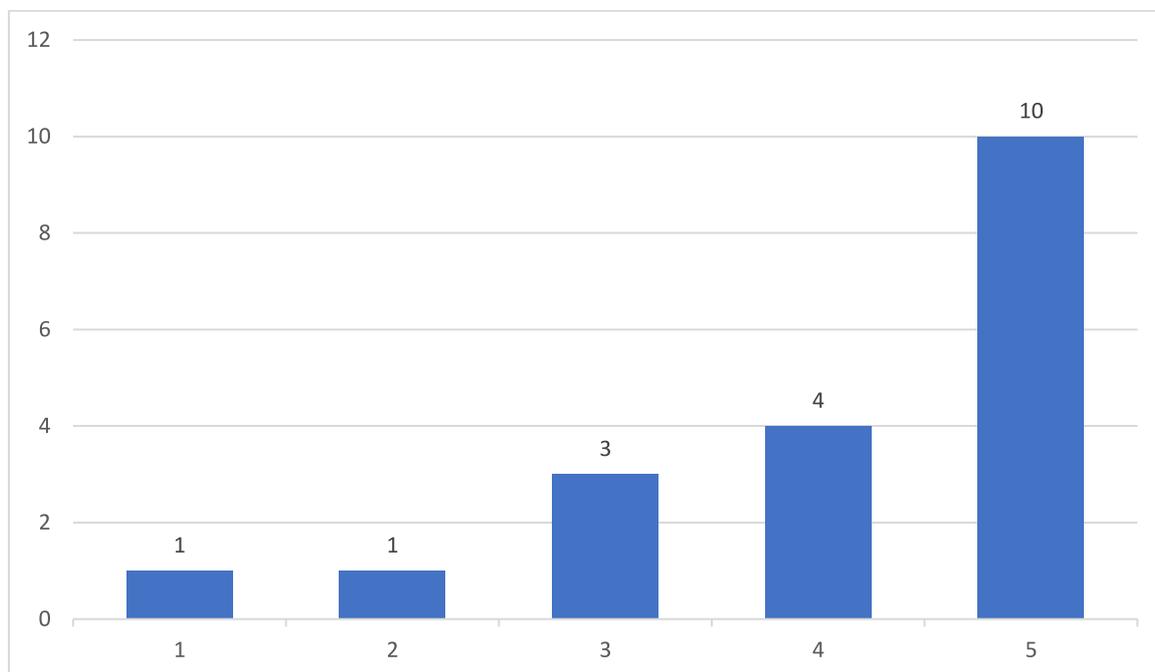
Fonte: elaborado pelo autor.

Percebe-se também nesse ponto a variedade de experiências dos egressos que se apresentaram para participar da pesquisa. Desde pessoas que passaram apenas um ano no colégio (e que mesmo assim possuem algo a contribuir) até aqueles que passaram 14 anos, ou seja, que confiaram todo o processo da educação básica aos cuidados do Colégio São Francisco Xavier. Trabalhou-se, portanto, nesta pesquisa, com um grupo de egressos que confiou a sua formação básica ao Colégio São Francisco Xavier. Isso indica que, por mais que tenham alguma observação sobre o processo em si ou sobre o modo como ele foi aplicado, não deixaram de acreditar na proposta humanística apresentada.

Na terceira questão, entra-se propriamente nesse tema, acerca da importância de o colégio possuir uma dimensão humanística em sua proposta educativa. Os respondentes foram unânimes ao afirmar o peso máximo para essa característica. Esse resultado, porém, não pode ser interpretado de modo unívoco. Pode haver diferentes explicações para esse resultado positivo. Será que as maneiras pelas quais as gerações interpretam a importância da formação humanística são as mesmas? Ou cada qual, a partir do contexto histórico, social e cultural no qual vivem, interpretam de um modo essa questão? Será que a qualidade do trabalho educativo de alguns anos atrás se manteve no curso desses anos? No Gráfico 9, vê-se que, embora a resposta dos atuais estudantes para essa questão também seja positiva nesse aspecto, não é uma resposta unânime como essa dos egressos. De qualquer modo, esta questão contribui para se confirmar o quanto a dimensão humanística da proposta educativa é considerada importante para os egressos do colégio dos últimos anos.

Na pergunta seguinte, a respeito do quanto o fato de o colégio possuir um cunho humanístico impactou na escolha do Colégio São Francisco Xavier, obtiveram-se os seguintes resultados:

Gráfico 17 – Influência de o colégio ser humanística na escolha sobre onde estudar

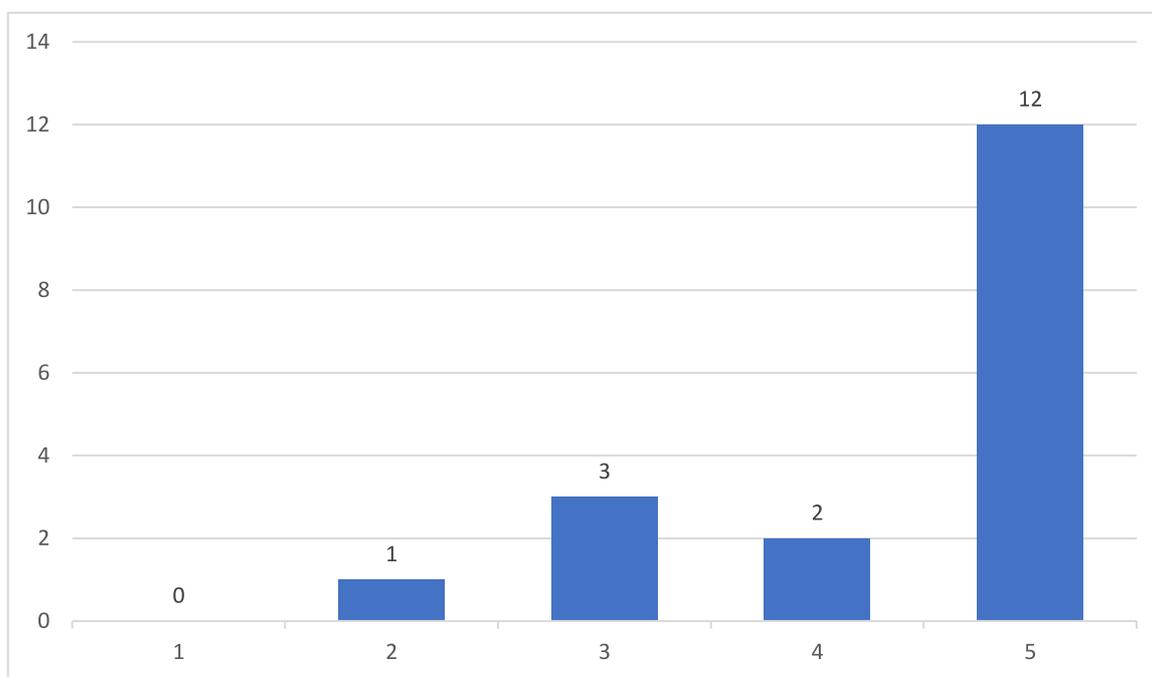


Fonte: elaborado pelo autor.

Os resultados demonstram que, embora a maioria dos egressos confirme que a característica humanística do SANFRA tenha sido uma das maiores motivações para a escolha pela escola, há também os que entendem que essa não era a motivação mais importante, ao menos inicialmente ou quando iniciaram os seus estudos. É importante reforçar que, quando se fala acerca dessa motivação, é sabido que não se fala apenas do estudante em si, mas especialmente das famílias que optaram pelo estabelecimento onde realizar a matrícula de seus filhos. De qualquer maneira, não se pode ignorar que, em mais essa questão, reforça-se a tese de que a dimensão humanística possui um papel de destaque na avaliação do êxito do processo educativo como um todo, por parte dos egressos. Ainda assim, encontram-se aqueles que não atribuem importância alguma ou quase nenhuma à dimensão humanística. Por se tratar de um grupo de egressos, que já passaram pelo processo formativo do colégio, entende-se que já precisariam ter compreendido o valor de uma proposta educativa que coloque o ser humano no centro. Não ter passado com clareza essa mensagem a esses egressos é um aspecto importante que também precisa ser observado.

Na questão seguinte, aborda-se como foi a participação desses egressos nos projetos promovidos pelo setor de Formação Cristã e Pastoral do colégio.

Gráfico 18 – Participação dos egressos nos projetos da Formação Cristã e Pastoral



Fonte: elaborado pelo autor.

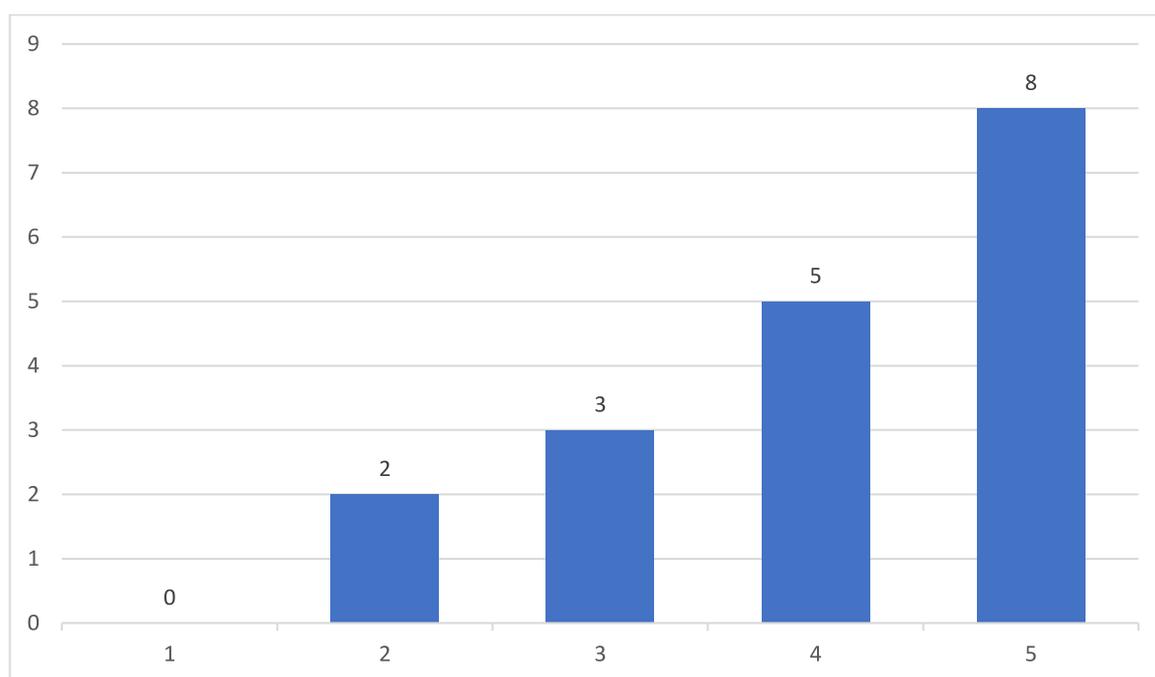
Nesta questão, encontra-se uma vez mais um número significativo de respondentes que afirmam ter participado com grande proveito das atividades e projetos promovidos pelo setor de Formação Cristã e Pastoral do colégio. Essas respostas confirmam a tendência apresentada até aqui de que os egressos que responderam ao questionário não só valorizam a dimensão humanística do SANFRA, como também buscaram vivenciar as experiências que lhe permitiriam passar pelo processo educativo de uma forma ainda mais abrangente.

Nas respostas a esta questão, salta aos olhos o fato de o índice de participação nos projetos de Formação Cristã e Pastoral ser maior entre os egressos do que entre os estudantes atuais. Dentre as razões dessa diferença, uma que se pode conjecturar é que os próprios egressos tivessem mais interesse no passado nessas iniciativas do que os estudantes de hoje. Essa tese poderia ser amparada pelo contexto cultural e religioso da época em detrimento à situação atual, marcada de forma mais forte pelo secularismo presente na sociedade como um todo. De qualquer forma, embora

diferentes, permanecem igualmente positivos os resultados da pesquisa também entre os estudantes (vide Gráfico 9).

Avançando com o questionário, indagou-se sobre com que intensidade percebiam os valores e os princípios da escola jesuíta serem vividos pelos seus educadores.

Gráfico 19 – Valores e princípios da educação jesuíta vivenciados pelos educadores



Fonte: elaborado pelo autor.

Sendo os educadores aqueles que estão mais próximos e que passam mais tempo com os estudantes, é primordial para o sucesso do Projeto Político-Pedagógico que eles expressem, em suas ações, métodos e posturas, os valores que identificam o colégio onde atuam. No caso de um colégio de pedagogia humanística, é possível dizer que essa identificação por parte dos estudantes significa enxergar nos docentes atributos que, no seu entender, estão de acordo com o que se espera de profissionais que têm a pessoa humana como centro de sua atenção e trabalho.

Relacionando-se com as respostas dos estudantes à mesma pergunta, percebe-se nos egressos uma avaliação levemente mais positiva. Entretanto, ainda é um ponto a se levar em conta os que atribuem a graduação 2 e 3 na resposta a esta questão. Considerando a importância da vivência dos valores do colégio para o

sucesso e o engajamento do seu processo educativo, essas respostas deveriam ter se concentrado apenas nas graduações 4 e 5. Assim como afirma Lück (2014, p. 17), “todo trabalho em educação, dada a sua natureza formadora, implica ação de liderança, que se constitui na capacidade de influenciar positivamente as pessoas”. O projeto pedagógico pode ser comprometido de forma significativa, portanto, no caso de os docentes não espelharem, de forma explícita em sua prática, os valores e os princípios da instituição educativa. Da mesma forma como foi dito na análise do questionário dos estudantes, reforça-se que a resposta a esta questão indica um ponto de atenção importante para o processo de planejamento do colégio, em vista de uma entrega completa da orientação humanística presente na pedagogia inaciana.

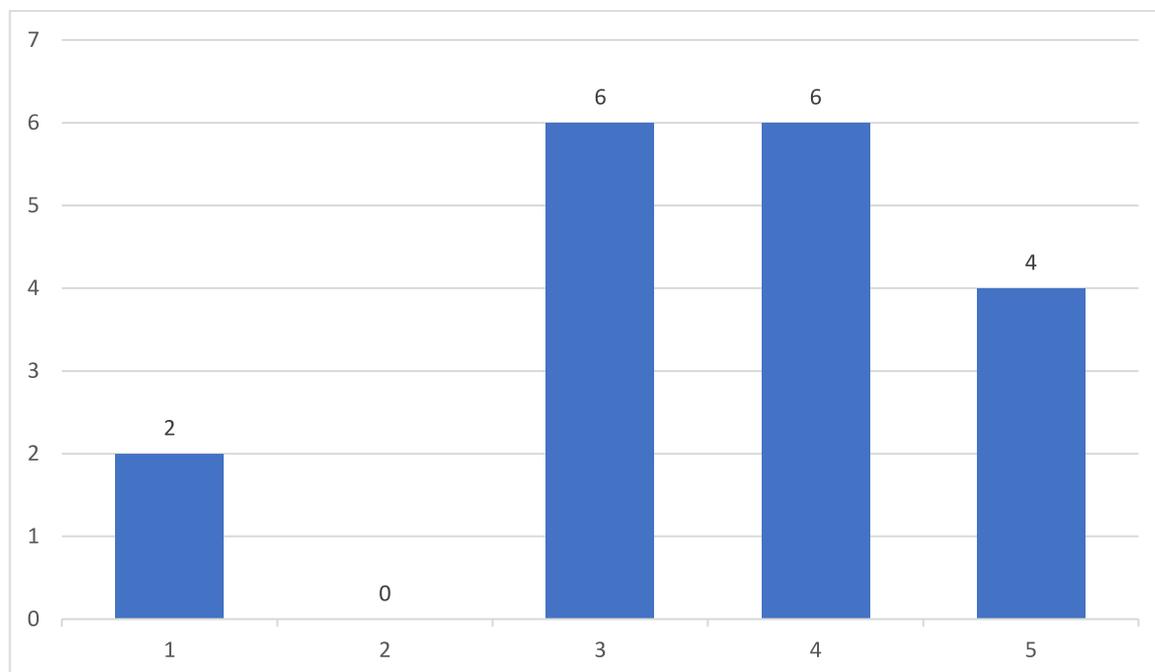
Permanecendo no âmbito do clima educativo que favorece a aplicação de um projeto educativo de cunho humanístico, questionou-se os egressos sobre o valor que a amizade com os colegas e com os educadores contribuiu para um clima de bem-estar e cooperação favorável ao seu desenvolvimento. Um número significativo de egressos – 83,3% - atribuiu o peso máximo para essa questão.

O resultado desta última questão faz supor que estimular o cultivo da amizade no ambiente escolar pode favorecer a vivência da pedagogia inaciana. O fato de mais de 80% dos egressos indicarem esse elemento como de máxima importância transmite uma mensagem de como a experiência da amizade marcou, profunda e positivamente, a passagem deles pelo colégio. Essa percepção é relevante e não pode ficar de fora da elaboração do Projeto Político-Pedagógico, como um aspecto relevante acerca do que se espera do ambiente educacional.

No mesmo contexto do cuidado com os outros, mas agora fazendo menção a um dos objetivos que o PEC atribui para a educação jesuíta, 66,7% dos egressos responderam com o peso máximo para o questionamento sobre se terem estudado no SANFRA permitiu que se tornassem pessoas comprometidas, competentes, conscientes e compassivas (RJE, 2016, p. 15). Outros 33,3% responderam igualmente de forma positiva, porém sem atribuir o peso máximo.

Entrando em um assunto importante, que é o da escolha profissional ou da área de estudos, questionou-se aos egressos o quanto estudar no Colégio São Francisco Xavier contribuiu nessa decisão.

Gráfico 20 – Grau de influência do colégio na escolha acadêmica e profissional dos egressos



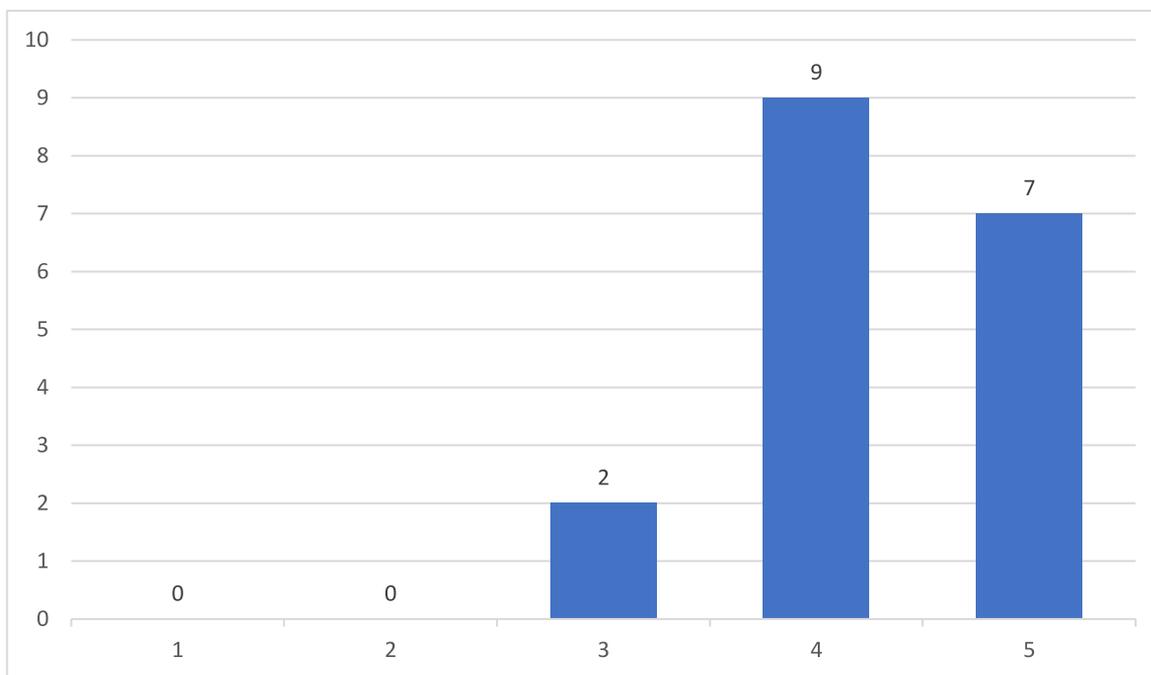
Fonte: elaborado pelo autor.

A maioria dos estudantes afirma que o colégio influenciou ou ao menos ofereceu a base crítica necessária para a escolha profissional ou acadêmica que realizaram. Entretanto, uma parte dos respondentes se posiciona de forma neutra, enquanto dois dos respondentes afirmam o SANFRA não ter contribuído em nada com a sua escolha profissional. Esses números não passam despercebidos, dada a própria característica da educação jesuítica de formar homens e mulheres para os demais (RJE, 2016, p. 29). Embora a razão dessa resposta extrema possa ter explicações diversas, aqui se encontra um outro aspecto muito importante a se considerar no Projeto Político-Pedagógico, a ser reforçado e insistido. A escolha profissional é um passo fundamental para o homem ou a mulher encontrar o seu lugar no mundo e na sociedade, de modo a poder transformá-lo a partir de dentro.

Por fim, citando o texto do atual Regimento Escolar do SANFRA, que diz o colégio ter “por finalidade o pleno desenvolvimento do estudante, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (COLÉGIO SÃO FRANCISCO XAVIER, 2020), questionou-se os egressos sobre em que proporção

entendem ter sido atingido esse objetivo no período em que realizam a educação básica.

Gráfico 21 – Objetivo do Regimento Escolar do SANFRA



Fonte: elaborado pelo autor.

Concluindo o questionário, os respondentes, em sua maioria, entendem que o processo educativo do colégio jesuíta como um todo permitiu que o desenvolvimento pleno preconizado no Regimento Escolar do SANFRA atingisse o seu objetivo e lhes permitisse obter uma preparação adequada para a profissão que exercem atualmente ou para a área acadêmica à qual se dedicam.

5 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DA PESQUISA

Tendo apresentado a fundamentação teórica que embasa esta pesquisa, bem como os dados coletados pela análise documental e pelos questionários aplicados, assim como a análise crítica dessas informações, chega o momento de se tratar da proposta de intervenção a ser aplicada a partir deste trabalho.

O local de aplicação é o mesmo escolhido para ser o foco do estudo de caso realizado nesta dissertação: o Colégio São Francisco Xavier, unidade educacional da Rede Jesuíta de Educação Básica, localizado em São Paulo/SP, no bairro do Ipiranga.

No projeto desta pesquisa, o problema delimitado questiona sobre quais princípios e critérios devem ser os princípios norteadores para a construção de um Projeto Político-Pedagógico que contribua para que o Colégio São Francisco Xavier promova uma educação integral e integradora, de inspiração humanística e pautada na pedagogia inaciana.

A partir dessa questão, o objetivo geral da pesquisa também deixa claro que a reflexão gerada nesta pesquisa poderá ser um apoio significativo para a construção do Projeto Político-Pedagógico do colégio. Um dos objetivos específicos, inclusive, afirma que tal ação visa contribuir com o reforço da identidade humanística e inaciana da instituição.

Dessa forma, é posto que a proposta ampla de intervenção desta pesquisa é proporcionar um subsídio que ofereça elementos importantes para que a comunidade educativa do Sanfra possa ter em conta quando realizar o caminho de discussão sobre o PPP.

É necessário, portanto, que, nesta etapa do trabalho, se exponha de forma clara quais são os princípios e os critérios primordiais que devem ser considerados nesse processo pedagógico, a partir do que foi encontrado e discutido nesta pesquisa que, aqui, encontra a sua aplicação prática. “A construção do projeto político-pedagógico, para gestar uma nova organização do trabalho pedagógico, passa pela reflexão anteriormente feita sobre os princípios” (VEIGA, 2013, p. 22).

5.1 SOBRE A FINALIDADE DO COLÉGIO

A construção do projeto político-pedagógico deve partir da premissa da identidade institucional do colégio. “Os educadores precisam ter clareza das finalidades de sua escola” (VEIGA, 2013, p. 23). Para isso, é importante olhar de forma ampla para o processo educativo a ser proposto, de modo a verificar qual pessoa a instituição pretende formar, com quais valores e para qual mundo.

Nesse aspecto, o presente trabalho contribui recordando as finalidades e os objetivos que definem a proposta educativa da Companhia de Jesus, com base no que se encontra em suas fontes e nos seus documentos pedagógicos e normativos, tanto em âmbito universal como no contexto nacional, por meio das orientações da Rede Jesuíta de Educação para todas as suas unidades espalhadas pelo Brasil.

A partir do Projeto Educativo – PEC, por exemplo, sabe-se que o objetivo das escolas inacianas é propor uma educação que seja “inclusiva, pautada em valores éticos e cristãos” (RJE, 2016, p. 15), que forme “homens e mulheres competentes, conscientes e comprometidos na compaixão” (RJE, 2016, p. 29) e que tenha o estudante como “o principal foco de trabalho desenvolvido” (RJE, 2016, p. 44). Também é estabelecido que

Nas escolas da Companhia de Jesus, toda a ação educativa converge para a formação da pessoa, enfatizando a necessidade de reconhecer as potencialidades do indivíduo e garantindo o desenvolvimento das dimensões afetiva, espiritual, ética, estética, cognitiva, comunicativa, corporal e sociopolítica (RJE, 2016, p. 49).

A partir da análise documental realizada nesta pesquisa e da pesquisa bibliográfica que a complementa e a aprofunda, este trabalho contribui para o embasamento do trabalho acerca das linhas norteadoras que identificam uma escola da Companhia de Jesus.

Essa identidade está ligada ao perfil de pessoa que se deseja formar, tendo em vista uma utopia de mundo que se deseja conquistar. A *Laudato Si'* diz que falta aos seres humanos “a consciência duma origem comum, duma recíproca pertença e dum futuro partilhado por todos” (IGREJA CATÓLICA, 2015). Segundo o já citado documento “**Colégio jesuítas: uma tradição viva no século XXI – um exercício contínuo de discernimento**”, os colégios da Companhia de Jesus são chamados a

“preparar os estudantes e suas famílias a se identificarem e se sentirem responsáveis por toda a criação” (ICAJE, 2019, p. 69).

A partir dessa orientação percebe-se o quanto a educação jesuíta não se identifica com um projeto puramente tecnicista de educação, que, no contexto neoliberal, busca sobretudo formar profissionais capacitados para o mercado de trabalho. “Os colégios no apostolado educativo da Companhia de Jesus dedicam-se a formar líderes” (ICAJE, 2019, p. 13), ou seja, pessoas que não assumam para si mesmas, de forma exclusiva, o empenho da transformação da realidade, mas que tenham as competências necessárias que lhe permitam ser multiplicadoras desse ideal.

Também implica formar pessoas conscientes de que aprender é uma atitude que engloba não apenas um período específico da vida de alguém, mas que dura a vida inteira. Trata-se de pensar em sujeitos que se reconhecem “como seres que *estão sendo*, como seres inacabados, inconclusos *em e com* uma realidade que, sendo histórica também, é igualmente inacabada” (FREIRE, 2019, p. 101-102). Essa postura contribui para não alimentar pretensões absolutas de verdade que rompem com o diálogo e que não permitem reconhecer a visão de mundo do outro. É preciso abertura para compreender o valor da diversidade de modos de ser e de pensar e para concluir o quanto ela pode contribuir para uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

Nessa mesma perspectiva, faz parte também da missão do apostolado educativo da Companhia de Jesus a formação de promotores de justiça socioambiental, que não se calam diante das desigualdades e das ameaças contra a vida humana e contra a sustentabilidade ambiental, mas que “dediquem-se com sinceridade e equidade, mais ainda, com caridade e fortaleza política, ao bem de todos” (IGREJA CATÓLICA, 1965a).

É a partir destas premissas e desse diálogo que poderá partir a construção do projeto político-pedagógico.

5.2 A BUSCA DE UMA GESTÃO PARTICIPATIVA

O aumento da participação da comunidade educativa na gestão e nas tomadas de decisões que impactam na instituição é uma das consequências que se espera a partir da construção e da implementação do projeto político-pedagógico.

O documento não pode ser considerado um fim em si mesmo, pois se pode cair na tentação de se julgar que a mera elaboração de um texto sistemático, mas que parte apenas do trabalho de algumas poucas pessoas, possa ser a expressão de uma comunidade educativa. No caso do projeto político-pedagógico, o processo é tão importante quanto o produto final, uma vez que cada etapa promove o diálogo sobre os fundamentos da ação educativa da instituição e sobre os meios para se alcançar uma entrega que se aproxime cada vez mais do ideal que é proposto. Afinal, é essa participação mais ampla que vai permitir identificar “quais finalidades precisam ser reforçadas, quais as que estão relegadas e como elas poderão ser detalhadas em nível das áreas, das diferentes disciplinas curriculares, do conteúdo programático” (VEIGA, 2013, p. 23).

Heloísa Lück alerta para o perigo do “gerencialismo” (LÜCK, 2014, p. 101), que consiste no fato daqueles que se encontram na direção e/ou coordenação das instituições educativas reforçarem mais os aspectos administrativos e operacionais dos processos do que as pessoas em si, que estão envolvidas e implicadas na ação educativa. Por vezes, tal situação também aparece quando “se dá mais atenção à perspectiva administrativa (meios para realizar os objetivos educacionais) do que à perspectiva pedagógica (mais diretamente associada ao fim último da educação [...])” (LÜCK, 2014, p. 102).

Essa questão também passa pela revisão do papel dos gestores educacionais do colégio, que precisa ser, acima de tudo, “de estimulação, motivação, orientação e mobilização do talento humano da escola” (LÜCK, 2014, p. 104).

É fato de que se trata de um movimento que implica a mudança de uma cultura organizacional e que não raro é acompanhado de conflitos e de muita luta. Mas é o caminho necessário para uma instituição que deseja concretizar a proposta de ser um espaço de aprendizagem que forma seres humanos mais abertos ao diálogo, mais criativos e mais desejosos de transformar a realidade em que se encontram.

5.3 UM CURRÍCULO INTEGRADO E INTEGRADOR, QUE EDUQUE PARA COMPETÊNCIAS

Diz o PEC que “nas escolas da RJE, entende-se que o currículo é o ‘ethos’ no qual realizamos a finalidade que declaramos: excelência na educação de pessoas conscientes, competentes, compassivas e comprometidas” (RJE, 2016, p. 43). Em

outras palavras, “a formação do cidadão participativo, responsável, compromissado, crítico e criativo” (VEIGA, 2013, p. 13). Educar para as competências, para mais além dos conteúdos prescritos, é um dos grandes motes da chamada educação do século XXI e uma forma eficaz de alcançar os objetivos da educação inacioniana. Chama-se de competências o conjunto dos conhecimentos, habilidades e atitudes que permitem ao estudante a resolução de problemas complexos da vida cotidiana, no contexto da sua vivência em sociedade ou no mundo profissional (BRASIL, 2018, p. 8).

Trata-se de conduzir os estudantes não só para que **saibam** conceitos ou procedimentos, mas que também **saibam fazer**, colocando em prática o que se experienciou e aprendeu. E fazer isso reconhecendo as potencialidades de cada estudante e “garantindo o desenvolvimento das dimensões afetiva, espiritual, ética, estética, cognitiva, comunicativa, corporal e sociopolítica” (RJE, 2016, p. 49), de modo que toda a pessoa seja mobilizada de forma integrada, evitando a fragmentação de personalidade que dificulta a construção de um projeto de vida que alcance a realização e o bem-estar próprios de uma existência pautada em sentidos e objetivos claros.

Em continuidade com o ponto anterior, pode-se afirmar que uma gestão participativa possibilita pensar um currículo que seja mais contextualizado na realidade (SANTIAGO, 2013, p. 26) e em todas as questões que precisam ser levadas em conta na formação de pessoas que tenham posturas inclusivas e solidárias no meio em que vivem ou irão viver. Tal condição é alcançada especialmente quando o currículo é pensado a partir da própria comunidade educativa, levando em conta suas próprias problemáticas, desafios e possibilidades. “O currículo não é um instrumento neutro” (VEIGA, 2013, p. 27). Por isso, não é redundante afirmar que conhecer profundamente os estudantes, as famílias e o meio em que se encontram inseridos é passo fundamental para pensar um currículo que seja pertinente e significativo.

Importa ter claro o que os estudantes devem aprender, por qual razão, como devem ser ensinados e como avaliar esse processo. As constantes mudanças da realidade hodierna comprovam que não basta que a pessoa acumule conhecimentos para que seja bem-sucedida. As crianças e os adolescentes são sujeitos que “interagem em processos de comunicação com a cultura e com a sociedade” e, dessa forma, “se desenvolvem psicológica, social e intelectualmente na teia discursiva das relações e de poder e saber” (SANTIAGO, 2013, p. 31-32). É necessário, portanto,

que sejam exercitados para a criatividade, a resiliência, a capacidade de organização, o saber se comunicar bem, o respeito às diferenças e a inteligência emocional.

Esse raciocínio colabora para que se compreenda a importância da educação integral. É uma perspectiva que não permite supervalorizar um aspecto específico – como o cognitivo, por exemplo –, tampouco subestimar alguma dimensão como se não tivesse a mesma importância na formação da pessoa. Todos os estudantes – e o estudante como um todo – são sujeitos de aprendizagem que devem ser acolhidos, incluídos, reconhecidos e acompanhados em seu pleno desenvolvimento. Nesse sentido, o colégio também se torna um espaço de aprendizado para a convivência com o outro e a tolerância com o diferente.

É compreensível que essa maneira mais ampla de entender a educação torne o seu planejamento e aplicação mais exigentes. Por outro lado, faz com que a tarefa educativa seja mais efetiva, uma vez que “os conteúdos não poderão mais ser vistos como mera listagem de informações, mas sim como elementos mediadores entre o mundo concreto das vivências do educando e o mundo científico” (SANTIAGO, 2013, p. 67), não só para que o aprendido seja claramente compreendido no seu sentido global para a vida, como também para que seja revertido em competências que permitam o uso inteligente do conhecimento, em vista da realização plena da pessoa e do bem comum e da sociedade. Afinal, “a escola é local de desenvolvimento da consciência crítica da realidade” (VEIGA, 2013, p. 21), que deve habilitar os sujeitos a se emanciparem de visões autoritárias e determinadas, e adotarem uma postura livre, de quem entende os mecanismos do poder e das relações humanas, a ponto de saber interpretá-las e de colocar esse conhecimento a favor do diálogo e do convívio entre as pessoas.

Trata-se de colocar em prática o que os documentos pedagógicos mais recentes da Companhia de Jesus afirmam, quando mencionam a educação para a cidadania global não como “um complemento, mas integrada ao currículo central” (ICAJE, 2019, p. 66). Compreendendo-se como parte de um todo muito maior que si mesmos, mas conscientes de que suas ações e decisões, mesmo que pequenas, impactam nessa realidade mais ampla, os estudantes se encontram inseridos em um percurso formativo que os leva a crescer na cultura do cuidado e da promoção do bem comum.

5.4 A NECESSÁRIA ARTICULAÇÃO ENTRE O ACADÊMICO E A PASTORAL

No empenho de formar integralmente os seus estudantes, a escola jesuíta conta com duas dimensões que, trabalhando de forma complementar, possibilitam alcançar com maior eficácia os objetivos da educação inaciana. Trata-se da área **acadêmica** e da área **pastoral**. Através de uma proposta interdisciplinar de trabalho e a partir da sintonia entre essas duas dimensões, a escola jesuíta abre muitas possibilidades integradoras do currículo, que ampliam significativamente as possibilidades e as experiências de aprendizado na comunidade educativa, de modo a tornar a fazer com que o estudante seja gradualmente conduzido para a responsabilidade e o protagonismo de sua própria formação.

Por meio das atividades de voluntariado, por exemplo, a Formação Cristã e Pastoral promove uma experiência prática de diversos conhecimentos obtidos em sala de aula, que são vivenciados por meio das habilidades que são reforçadas nessas atividades. Ou seja, as crianças e os adolescentes, no contato com a realidade de outras pessoas e na experiência de trabalhos que promovem a assistência social e a inclusão, “desenvolvem sua capacidade imaginativa e criativa, apropriam-se de conceitos, teorias, normas e elementos de socialização que constituem os conhecimentos veiculados pela escola” (SANTIAGO, 2013, p. 63). Desse modo, a atuação pastoral dos estudantes torna-se parte do projeto pedagógico da instituição, uma vez que está em completa sintonia com as suas finalidades e intencionalidades educativas e está integrada no seu currículo.

Com o exercício da espiritualidade, os estudantes aprendem a olhar para dentro de si mesmos, a encarar seus medos e inseguranças, a entender melhor os seus próprios sentimentos, a compreender suas reações e assim saber lidar melhor com as situações mais desafiadoras e a gerir melhor os conflitos da vida cotidiana. Também passam a valorizar mais o aspecto afetivo-emocional da pessoa humana, que encontra alegria quando se coloca em uma atitude constante de abertura e disponibilidade em suas relações com o outro.

Para esse aspecto, cabe assumir com disposição política e de forma clara o desejo de buscar uma articulação cada vez mais integrada entre as dimensões acadêmica e pastoral. O objetivo a se alcançar, nesse aspecto, é fazer com que essas duas áreas trabalhem cada vez mais de modo conjunto, com a intenção de que, em um dado momento deste processo, não se possa mais compreender o planejamento

das ações pedagógicas sem levar em conta as duas dimensões. Para isso, a dimensão pedagógica deve compreender e estar cada vez mais aberta para a contribuição específica que a Formação Cristã e Pastoral traz, no contexto da pedagogia inaciana. E, por outro lado, a Formação Cristã e Pastoral deve também se colocar em uma postura permanente de reflexão e de formação, de modo a alinhar suas ações em uma perspectiva interdisciplinar e intercultural que seja compatível com a perspectiva pedagógica.

Esse trabalho mútuo de crescimento e de trabalho conjunto deve não só ser previsto pelo PPP da escola jesuíta, como deve buscar favorecê-lo e elucidá-lo para a comunidade educativa.

5.5. A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS EDUCADORES

A dimensão da formação continuada é fundamental para garantir que a identidade institucional e carismática do colégio jesuíta seja preservada, assumida e vivenciada no ambiente escolar. Falando especificamente do papel do professor, ele é “o profissional que propõe o caminho, apresenta o mapa e acompanha os estudantes, indicando critérios para que a apropriação do conhecimento seja feita de maneira significativa e com valor” (RJE, 2016, p. 44).

Para que ele possa desempenhar esse papel atendendo à expectativa de uma escola jesuíta, é preciso insistir em uma formação que, além de continuada, seja sistemática e de qualidade e que promova a pesquisa. Considerando a importância de o professor entender as mudanças que constantemente estão em curso no meio social e, conseqüentemente, no ambiente escolar, bem como saber fazer uma leitura desses dados em vista da formação integral de seus estudantes, é necessário que o colégio contribua para que os docentes possam “manter-se constantemente atualizados” (SANTIAGO, 2013, p. 30-31). O ambiente escolar, em si, é um campo rico para a pesquisa docente, lugar de descobertas e de encontro com as necessidades mais concretas de cada estudante. É necessário que o professor se insira “nas relações com alunos e pais em atitude de pesquisador que observa, registra, acolhe e interpreta os dados” (SANTIAGO, 2013, p. 38-39). Essa postura desperta o interesse crescente em compreender a natureza dos comportamentos, dos afetos e dos sonhos que cada estudante cultiva em de si. A partir dessa “matéria-

prima”, o educador tem a chance de realizar uma intervenção que é cada vez mais personalizada e assertiva, porque leva em conta a especificidade de cada pessoa.

É importante recordar nesse ponto, por exemplo, as respostas dos estudantes e dos egressos à questão feita nesta pesquisa sobre o quanto percebiam em seus educadores a assimilação dos valores e princípios da pedagogia inaciona. Percebeu-se que, apesar da resposta positiva da maioria, alguns respondentes entenderam ser este um aspecto que é insuficiente. Chama mais ainda a atenção o fato de que esse dado está presente tanto no grupo dos que já deixaram o colégio como no grupo que ainda está realizando os seus estudos. Trata-se, portanto, não só de fazer com que os docentes tenham contato com as mais recentes inovações teórico-metodológicas, mas possibilitar condições para que os educadores sejam “pesquisadores, estudiosos e produtores de conhecimento na reflexão permanente e coletiva sobre as ações educativas e o desenvolvimento curricular” (SANTIAGO, 2013, p. 31).

Esse processo de formação continuada, que já existe, pode ser aprimorado e desenvolvido especialmente se for parte do projeto político-pedagógico. Cabe ao colégio (VEIGA, 2013, p. 20), “proceder ao levantamento das necessidades de formação continuada de seus profissionais”, permanecendo aberto aos anseios de qualificação e crescimento que cada docente possui e estimulando-o para que os busque atingir (não só com o incentivo moral, mas, quando for preciso, com o apoio econômico). Também é próprio de uma gestão atenta a perspicácia de perceber quando um educador pode melhorar a sua entrega a partir do estudo ou do desenvolvimento em alguma área específica. Nesse caso, faz parte do processo personalizado de acompanhamento dos docentes a indicação dessa percepção e, mais uma vez, a motivação para a busca dessa qualificação.

Outro aspecto que precisa ser contemplado no projeto político-pedagógico é o programa de formação específico do colégio, que pode contar com momentos específicos e intensivos de estudo, mas também com projetos que, dispostos no cotidiano escolar, permitam que o docente não perca de vista a necessidade do estudo, da pesquisa e da atualização. É importante não esquecer que, dentro da proposta de construir um currículo relevante para os estudantes dentro de seus contextos específicos, a formação continuada “não deve limitar-se aos conteúdos curriculares, mas se estender à discussão da escola como um todo e suas relações com a sociedade” (VEIGA, 2013, p. 20).

Um elemento que não pode escapar da formação continuada dos educadores é a temática da avaliação. No contexto da educação integral, o estudante precisa ser acompanhado não só em momentos específicos, nos quais geralmente se aplicam grandes exames que, em geral, avaliam apenas o conteúdo absorvido e memorizado. Em uma perspectiva de educação para as competências, também o modo de avaliar necessariamente precisa ser revisto, de forma que seja um aspecto presente no dia a dia do ensino e da aprendizagem, tornando-se algo natural para os estudantes, que devem ser formados sempre a buscarem o melhor de si mesmos e a terem serenidade para reconhecerem os aspectos em que ainda necessitam crescer ou melhorar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal motivação desta pesquisa foi a necessidade de se buscar pistas para, a partir dos desafios atuais, o Colégio São Francisco Xavier, da Rede Jesuíta de Educação Básica, seguir educando integralmente e de forma integradora, segundo a tradição educativa da Companhia de Jesus e de um modo adequado para as crianças, os adolescentes e os jovens deste tempo.

A educação se encontra, em âmbito universal, em um momento de renovação e de consolidação da sua própria identidade. Por um lado, é evidente que os gestores educacionais de hoje não podem pretender manter uma instituição educativa com os exatos mesmos padrões e práticas que funcionavam alguns anos atrás. Por outro lado, importa saber quais são os aspectos essenciais que identificam a missão educativa e o seu propósito social, para que esse esforço de atualização não faça com que ela se perca ou seja desfigurada. É o risco que existe, por exemplo, como este trabalho apontou, quando a educação é pensada apenas a partir dos critérios mercadológicos, que fazem com que os processos de ensino e aprendizagem se transformem em “produtos” que podem ser comprados e adequados de acordo com os desejos do “cliente”.

Dessa forma, com o intento de ofertar um contributo para essa reflexão, a pesquisa presente buscou alinhar um referencial teórico que permitisse reconhecer os princípios norteadores da educação, seja em uma perspectiva mais ampla, seja no contexto da proposta educativa da Companhia de Jesus. Essas referências são fundamentais porque o Colégio São Francisco Xavier é o campo empírico deste trabalho. Por meio do estudo de caso, pôde-se ouvir a voz dos sujeitos – professores, estudantes e egressos –, que, a partir de sua participação, contribuíram com a leitura que fazem do processo educativo com os quais estão ou estiveram envolvidos pessoalmente.

Nesse mesmo movimento, a pesquisa também estabeleceu o objetivo de ofertar proposições que pudessem servir como subsídio para a construção do Projeto Político-Pedagógico do Colégio São Francisco Xavier. Tal proposta é colocada no coração deste trabalho, em sua problematização, de modo a ofertar pistas importantes de ação que fossem pautadas não só na literatura sobre o assunto e nos documentos

educativos da Companhia de Jesus, como também na própria realidade na qual está imersa a sua comunidade educativa, a partir de seus docentes e estudantes.

No momento em que esta pesquisa é concluída, é possível afirmar que os objetivos estabelecidos foram alcançados, porém não sem a necessidade de ajustes de percurso e da adaptação das etapas e dos tempos que foram anteriormente previstos. Isso se deu principalmente pela ocorrência da pandemia mundial da COVID-19, que, especialmente a partir do mês de março de 2020, fez com que tudo e todos vivessem uma transformação do modo de viver, trabalhar e até mesmo se relacionar uns com os outros. A educação passou a ser a distância, em modo virtual. O isolamento social se tornou uma regra necessária para a contenção do contágio do vírus. Além da adaptação para esse novo modo de trabalhar e de estudar, as pessoas tiveram que enfrentar de forma mais intensa os desafios vividos dentro de suas próprias casas. O luto pelas pessoas que partiam em decorrência do vírus e as situações emocionais decorrentes por esse prolongado período de recolhimento transformaram esses dois anos em um dos períodos mais desafiadores e difíceis dos últimos tempos. E isso sem sequer citar as implicações dessas questões na economia global, nacional e doméstica, frente a tantos serviços que precisaram ser interrompidos e tantas pessoas que tiveram sua renda drasticamente reduzida ou até mesmo zerada.

Para os fins desta investigação, a pandemia impactou não só de modo pessoal o pesquisador, como também os sujeitos da pesquisa. Realizar o questionário com os docentes e estudantes, por exemplo, foi possível apenas com o artifício de instrumentos virtuais de coleta de dados. Ainda assim, fez falta o contato pessoal com os participantes, que poderia gerar um estímulo e um envolvimento maior com o trabalho, bem como um maior engajamento de participantes. Foi essa uma das razões pelas quais não foi possível, por exemplo, atingir o número de pessoas anteriormente previsto para participar dos questionários.

Esses grandes desafios, porém, conforme já mencionado, não fizeram com que a pesquisa, em sua essência, fosse prejudicada. Aspectos importantes puderam ser descobertos para que pudessem ser especialmente levados em conta na gestão educacional e, especificamente para o propósito deste trabalho, para contribuir na construção do projeto político-pedagógico do Colégio São Francisco Xavier. Foi percebido, por exemplo, o quão necessário é que a comunidade educativa tenha o conhecimento teórico e vivencial da missão de um colégio jesuíta, bem como dos

valores que dela decorrem e da pedagogia inaciana, que traz para a realidade os princípios-chave que estão presentes no Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola – a principal fonte inspiradora do modo de educar de um colégio da Companhia de Jesus.

Ficou clara também a necessidade de que a gestão de uma instituição educativa seja participativa, a fim de que ela possa alcançar com mais amplitude o objetivo de educar os estudantes de forma integral. A escola deve ser um espaço de exercício da democracia, do diálogo e do respeito à diversidade. Mas ela também está inserida em um contexto social maior, no qual ela pode impactar positivamente a partir da ação de seus estudantes. Tal propósito não pode ser alcançado em um modelo escolar autoritário, no qual apenas um pequeno grupo toma as principais decisões em nome de todos.

Outra descoberta relevante diz respeito ao currículo, o elemento norteador dos processos de ensino e aprendizagem de uma instituição educativa. Ele não se identifica apenas com a matriz ou grade curricular, ou seja, a organização das disciplinas que serão lecionadas para os estudantes, a depender do segmento a que pertençam. Deve, portanto, fazer parte integrante do projeto político já que se refere a tudo o que acontece no colégio, de modo explícito ou implícito. Ou seja, tudo que, com intencionalidade pedagógica, busca formar para os valores, habilidades e competências que estão de acordo com uma instituição educativa de cunho humanístico e jesuíta.

Ademais, reafirma-se a necessidade da formação continuada, que deve ser uma das principais preocupações do gestor educacional, a fim de manter a instituição educativa em uma postura constante de fidelidade criativa a um modo de educar humanístico e inaciano.

É importante reforçar que tais proposições são elaboradas tendo em conta especificamente a realidade do Colégio São Francisco Xavier. Embora o referencial teórico possa ser lido a partir de uma perspectiva mais ampla por conta da literatura e dos documentos que o embasam, as interpretações feitas podem variar de uma instituição educativa para outra, a depender de diversos aspectos variáveis, tais como o contexto no qual o colégio está imerso, o modo de gestão que é aplicado, a formação e o tempo de experiência dos docentes.

Em uma perspectiva mais global, porém, esta pesquisa permitiu perceber como a proposta humanística de educação é mais do que atual; ela é fundamental para

estes tempos, nos quais as transformações sociais, culturais e tecnológicas demandam uma atenção ainda maior para a pessoa humana, em sua dignidade e integralidade. No contexto educativo da Companhia de Jesus, essa atenção ao sujeito pode ser percebida de forma ainda mais profunda, pois conta com a significativa contribuição da pedagogia inaciana, alinhada com a histórica tradição jesuíta, responsável até mesmo pelo início do trabalho educativo em algumas nações, como é o caso do Brasil.

Em um olhar mais focal, não se pode deixar de mencionar a necessidade de que cada instituição educativa possua o seu próprio projeto político-pedagógico como caminho para a efetivação das proposições levantadas nesta pesquisa. De todas as propostas levantadas por este trabalho, em termos conclusivos, ressalta-se especialmente a necessidade de a escola estar atenta às constantes transformações sociais e culturais nas quais está imersa, para que possa preservar a sua identidade e os seus aspectos fundamentais, mas também estar aberta para acolher o que for positivo e possa contribuir para o aperfeiçoamento dos processos de ensino e aprendizagem.

Urge que as instituições educativas sejam cada vez mais reconhecidas por aquilo que essencialmente deveriam caracterizá-las: espaços de humanidade, nos quais se constroem os laços de respeito e de solidariedade necessários para a edificação de uma civilização pacífica, que caminha sempre em busca do desenvolvimento humano e social.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.

AQUINO, Marcelo Fernandes de. Teologia latino-americana e humanismo social cristão. *In*: OSOWSKI, Cecília. **Teologia e Humanismo Social Cristão**: traçando rotas. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2000. p. 67-90.

ARENDT, Hannah. A Crise na Educação. *In*: ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BERNSTEIN, Basil. **Clases, códigos y control**. Madri, Akal, 1989.

BRAKEMEIER, Gottfried. Comentário acerca da exposição de J. R. Junges: o respeito à dignidade como fundamento de todo humanismo. *In*: OSOWSKI, Cecília. **Teologia e Humanismo Social Cristão**: traçando rotas. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2000. p. 171-175.

BRASIL. **Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 11 de ago. 2020.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BUBER, Martin. **Sionismo y Universalidad, antología de ensayos y discursos**. 2 ed. Buenos Aires: Ediciones Porteñas, 1978.

CELLARD, André. A análise documental. *In*: POUPART, Jean et al. (Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 295-396.

COLÉGIO SÃO FRANCISCO XAVIER. **Orientações e Normas de Convivência do SANFRA**, 2020. Disponível em: <https://sanfra.g12.br/wp-content/uploads/2020/01/ORIENTA%C3%87%C3%95ES-E-NORMAS-DE-CONVIV%C3%8ANCIA-DO-SANFRA-2020.pdf>. Acesso em: 24 jun 2020.

_____. **Regimento Escolar**, 2020. Disponível em: <https://sanfra.g12.br/wp-content/uploads/2018/12/Regimento-Homologado.pdf>. Acesso em 24 jun 2020.

COMPANHIA DE JESUS. **Congregación General XXXII de la Compañía de Jesús**, 1975. Disponível em: <https://3eh4ot43gk9g3h1uu7edbbf1-wpengine.netdna->

ssl.com/wp-content/uploads/documents/2019/09/CG32_ESP.pdf. Acesso em 23 ago 2021.

_____. **Decretos da Congregação Geral XXXIV: XV desde a restauração da Companhia**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **Decretos da 35ª Congregação Geral: 16ª desde a restauração da Companhia**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

CORSETTI, Berenice. Análise documental no contexto da metodologia qualitativa. **UNRevista**, v. 1, n. 1: p. 32-46, jan. 2006. Disponível em: http://gephisnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/a_anlise_documental_no_co_ntexto_da_pesquis_qualitativa.pdf. Acesso em: 1º abr. 2020.

CPAL – CONFERÊNCIA DOS PROVINCIAIS JESUÍTAS DA AMÉRICA LATINA. **Corresponsáveis na missão: Projeto Apostólico Comum (PAC) 2011-2020**, 2011. Disponível em: <http://historico.cpalsj.org/wp-content/uploads/2013/03/PAC-Doc-completo-POR-110920.pdf>. Acesso em 22 jun 2020.

DEMO, Pedro. **Educação e qualidade**. Campinas: Papirus, 1994.

DRABACH, Neila Pedrotti; OLIVEIRA, Oséias Santos de; PEREIRA, Sueli Menezes; O projeto político-pedagógico e a construção da autonomia escolar: desafios para uma educação de qualidade. **Políticas Educativas**, v. 4, n. 2, p. 57-69, 2011.

DINIZ, Daise. Reflexões sobre o ato de educar: educação e humanização. **Revista Educação Pública**, v. 14, n. 37, 2014. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/14/37/reflexes-sobre-o-ato-de-educar-educao-e-humanizao>.

FLACSI. **Comprometidos con la mejora: propuestas para los colegios, 2021**. Disponível em: < <https://www.flacsi.net/wp-content/uploads/2021/02/Comprometidos-con-la-mejora-SCGE2021.pdf> >. Acesso em 6 mar. 2021.

FONTENELE, Gilcéia Leite dos Santos. A construção do Projeto Político-Pedagógico. **Revista Com Censo**. v. 2, n. 2, p. 10-13, ago. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 69 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GARRIDO, Sonia Del Carmen Vásquez. **A questão da educação e da identidade segundo Paul Ricouer**. 1994. 225 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GRACOS. Grupo de Reflexão e Análise dos Colégios da Companhia de Jesus. Características da Educação da Companhia de Jesus *In*: KLEIN, Luiz Fernando (Org.). **Educação Jesuíta e Pedagogia Inaciana**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista: sua trajetória 1950-1990**. Londrina: EDUEL, 2016. Livro eletrônico.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Objetiva, 2014. Livro eletrônico, não paginado.

ICAJE - Comissão Internacional do Apostolado da Educação Jesuíta. **Pedagogia inaciana: uma proposta prática**. Tradução: Pe. Mauricio Ruffier, SJ. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

_____. **Colégios jesuítas: uma tradição viva no século XXI – um exercício contínuo de discernimento**. Tradução de Pedro Risaffi. 2019. Disponível em: <http://www.redejesuitadeeducacao.com.br/wp-content/uploads/2020/03/ColegiosJesuitasUmaTradicaoVivanosecXXI.pdf>. Acessado em 03 mai. 2020.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1963-1903: Leão XIII). **Carta Encíclica Rerum Novarum**, Roma, 1891.

_____. Papa (1963-1978: Paulo VI). **Concílio Vaticano II**. Constituição Pastoral Gaudim et Spes sobre a Igreja no mundo atual, Roma, 1965.

_____. Papa (1963-1978: Paulo VI). **Concílio Vaticano II**. Discurso do Papa Paulo VI na última sessão pública do Concílio Vaticano II, Roma, 1965.

_____. Papa (1963-1978: Paulo VI). **Concílio Vaticano II**. Carta Encíclica Populorum Progressio, Roma, 1967.

_____. Papa (1978-2005: João Paulo II). **Carta Encíclica Sollicitudo Rei Socialis**, Roma, 1987.

_____. Papa (2005-2013: Bento XVI). **Carta Encíclica Caritas in veritate**, Roma, 2009.

_____. Papa (2013: Francisco). **Carta Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da Casa Comum**, Roma, 2015.

_____. Papa (2005-2013: Bento XVI). **Carta Encíclica Caritas in veritate**, Roma, 2009.

JAEGER, Werner. **Early Christianity and Greek Paideia**. Cambridge: Harvard University Press, 1961.

_____. **PAIDEIA: a formação do homem grego**. Tradução de Arthur M. Parreira; adaptação para edição brasileira Monica Stahel; revisão do texto grego Gilson Cesar Cardoso de Souza. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep, 1996.

KLEIN, Luiz Fernando. A pedagogia inaciana e a sua força impulsionadora: os Exercícios Espirituais. **Revista de Espiritualidade Inaciana**. Rio de Janeiro, Centro de Espiritualidade Inaciana, n. 95, mar. 2014.

KOLVENBACH, Peter-Hans. Mensagem ao Simpósio Internacional de Teologia e Humanismo Social Cristão. *In*: OSOWSKI, Cecília. **Teologia e Humanismo Social Cristão**: traçando rotas. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2000. p. 9-12.

KONINGS, Johan. Raízes bíblicas do humanismo social cristão. *In*: OSOWSKI, Cecília. **Teologia e Humanismo Social Cristão**: traçando rotas. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2000. p. 39-59.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. **Revista de investigaciones UNAD**, v. 14, n. 2, p. 55-73, jul./dez. 2015. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/318353446_La_investigacion_documental_sobre_la_investigacion_cualitativa_conceptos_y_caracterizacion/fulltext/59658281aca27227d78c662c/La-investigacion-documental-sobre-la-investigacion-cualitativa-conceptos-y-caracterizacion.pdf. Acesso em: 1º de abr. de 2020.

LANDIM, Glauco Félix Teixeira Landim. **O papel da religião na modernidade: uma abordagem a partir do contexto do agir comunicativo de Jürgen Habermas**. 2006. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Filosofia). Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL), Lorena, 2006.

LOPES, Corinne Julie Ribeiro; MACHADO, Lucília Regina de Souza. Projeto Político-Pedagógico como instância de gestão social da educação. **Pretexto**, v. 15, n. 3, p. 90-105, jul./set. 2014.

LOYOLA, Santo Inácio de. **Exercícios Espirituais**. 14. ed. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2015.

LÜCK, Heloísa. **Liderança em Gestão Escolar**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MARROU, Henri-Irénée. **História da Educação na Antiguidade**. Tradução de Mario Leônidas Casanova. São Paulo, E.P.U., Ed. da Universidade São Paulo, 1973.

MARGENAT, Josep Maria. **Competentes, conscientes, compasivos y comprometidos: la educación de los jesuítas**. Bogotá: PPC, 2011.

MARITAIN, J. **Humanismo integral**. São Paulo: Dominus, 1962.

MARROU, H. I. **História da educação na antiguidade**. São Paulo: EPU, 1966.

METTS, Ralph E. **Inácio sabia: intuições pedagógicas**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

MORIN, Edgar. “A Laudato Si’ é, talvez, o ato número 1 de um apelo para uma nova civilização”: entrevista com Edgar Morin. Antoine Peillon e Isabelle de Gaulmyn. Tradução: André Langer. **Instituto Humanitas Unisinos**. São Leopoldo, 23 jun. 2015. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/543811-a-laudato-si-e-talvez-o-ato-numero-1-de-um-apelo-para-uma-nova-civilizacao-entrevista-com-edgar-morin>. Acesso em 14 jul. 2020.

NIETZSCHE, Friedrich W. **A Gaia Ciência**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RJE. Rede Jesuíta de Educação Básica. **PEC: Projeto Educativo Comum**. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

RATIO atque Institutio Studiorum Societatis Iesu. Disponível em: <http://pedagogiaignaciana.com/GetFile.ashx?IdDocumento=122>. Acesso em 30 de abril de 2020.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: do Humanismo a Descartes**, v. 3. Tradução de Ivo Storniolo. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005

RIBEIRO NETO, Francisco Borba. **Humanismo integral, pensamento católico e os desafios da sociedade brasileira**. Disponível em: https://www.pucsp.br/fecultura/downloads/humanismo_integral.pdf. Acesso em 08 jun 2020.

RICOUER, Paul. **Em torno ao político**. Leituras 1. Tradução Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

RIOS, Terezinha. **Significados e pressupostos do projeto pedagógico**. In: Sérieldeias. São Paulo, FDE, 1982.

SANTIAGO, Anna Rosa Fontella. Projeto Político-Pedagógico e organização curricular: desafios de um novo paradigma. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; FONSECA, Marília (Orgs.). **As dimensões do Projeto Político-Pedagógico: novos desafios para a escola**. Campinas: Papirus, 2013. E-book.

SCHELER, Max. **Visão filosófica do mundo**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

STORCK, João Batista. **As humanidades em tempo de neoliberalismo em duas universidades latino-americanas**. 2016. 352 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2016.

_____. Do Modus Parisienses ao Ratio Studiorum: os jesuítas e a educação humanista no início da Idade Moderna. **História da Educação**, vol. 20, nº 48, p. 139-158, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/57630>.

VAZ, Henrique C. Lima. A cultura e seus fins. **Revista Síntese Nova Fase**, v. 19, n. 57, p. 149-159, 1992. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/1535>>. Acesso em: 6 mar. 2021.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). **Projeto Político-Pedagógico: uma construção possível**. 29. ed. Campinas: Papirus, 2013, p. 11-35.

YOUNG, Michael. Teoria do currículo: o que é e por que é importante. **Cadernos de Pesquisa**, v. 44, n. 151, p. 190-202, 2014.

APÊNDICE I - CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, Profa. Ms. Kênia Virginia Silva Araújo Ferreira, na condição de Diretora Acadêmica da ASSOCIAÇÃO NOBREGA DE EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL – ANEAS (COLÉGIO SÃO FRANCISCO XAVIER), inscrita no CNPJ sob o nº 33.544.370/0017-06, com sede no endereço: Rua Moreira e Costa, 531 – CEP: 04266-010, Bairro Ipiranga – São Paulo – SP, pela presente, manifesto minha anuência com a realização da pesquisa **“A EDUCAÇÃO HUMANÍSTICA NA PROPOSTA PEDAGÓGICA INACIANA: UMA DISCUSSÃO FRENTE AOS DESAFIOS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA”** a ser executada sob a responsabilidade de Glauco Félix Teixeira Landim, aluno do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissão em Gestão Educacional, com orientação do Prof. Dr. João Batista Storck.

O objetivo principal do estudo é aprofundar o conhecimento sobre a proposta de formação humanística, prevista pela pedagogia inaciana, no currículo formativo do Colégio São Francisco Xavier, com vistas a contribuir para um contínuo aperfeiçoamento da entrega desta proposta aos estudantes deste colégio e de as outras unidades pertencentes à Rede Jesuíta de Educação.

A metodologia prevista inclui uma pesquisa de cunho quali-quantitativa e uma pesquisa documental.

Este trabalho deverá tomar os cuidados éticos para a preservação da identidade dos participantes e os resultados divulgados em apresentações ou publicações com fins científicos ou educativos.

São Paulo/SP, 19 de novembro de 2020

Profa. Ms. Kênia Virginia Silva Araújo Ferreira

Diretora Acadêmica do Colégio São Francisco Xavier

APÊNDICE II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO / PROFESSORES

Estimado professor(a), você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **“A EDUCAÇÃO HUMANÍSTICA NA PROPOSTA PEDAGÓGICA INACIANA: UMA DISCUSSÃO FRENTE AOS DESAFIOS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA”**, sob a responsabilidade do pesquisador Glauco Félix Teixeira Landim, mestrando do Programa de Mestrado em Gestão Educacional da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS (RS), orientado pelo Prof. Dr. João Batista Storck.

Esta pesquisa pretende verificar como se manifesta o aspecto humanístico na proposta educativa de um colégio jesuíta.

A metodologia adotada para este estudo é a pesquisa qualitativa e utilizaremos os seguintes instrumentos: análise documental, questionário e observação participante. Sua contribuição nessa pesquisa será por meio do questionário.

Participando desta pesquisa, você contribuirá para possibilidades de avanços e melhorias no processo de aprendizagem dos alunos do Colégio São Francisco Xavier. Depois de concordar, você poderá desistir de participar, retirando seu consentimento a qualquer momento, independente do motivo e sem nenhum prejuízo para você. Os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de investigação.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade como participante será preservada, pois não serão divulgados nomes ou informações que possam identificar os(as) envolvidos(as) na pesquisa, sendo garantido total sigilo.

Existe a possibilidade de que os questionamentos a serem respondidos no questionário causem algum constrangimento ou desconforto ao entrevistado, a partir de seu trabalho no colégio. Nesse caso o participante reserva-se ao direito de não responder a tais perguntas, conforme desejar.

Para qualquer outra informação ou esclarecimentos, você poderá entrar em contato com o pesquisador pelo telefone (11) 96660-9980 ou pelo e-mail glauco.landim@sanfra.g12.br.

O questionário será aplicado por meio da plataforma Google Forms. Será passado em momento oportuno o link para o acesso ao mesmo.

Sua participação é voluntária e extremamente importante. Então, se você concordar em participar, colaborando com suas informações, sinta-se convidado (a) a participar deste processo, preenchendo o formulário e enviando as suas informações para o pesquisador.

Atenciosamente,

Glauco Félix Teixeira Landim

Pesquisador

APÊNDICE III - CARTA DE ACEITE / PROFESSORES**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA
COMO SUJEITO DA PESQUISA**

EU, _____, RG
_____ e CPF _____ abaixo assinado, concordo em
participar da pesquisa de mestrado **“A EDUCAÇÃO HUMANÍSTICA NA PROPOSTA
PEDAGÓGICA INACIANA: UMA DISCUSSÃO FRENTE AOS DESAFIOS DA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA”**, como sujeito da pesquisa.

Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador, Glauco Félix Teixeira Landim, sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data: _____

Nome: _____

Professor(a) você aceita participar da pesquisa?

() Sim

() Não

APÊNDICE IV - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS E RESPONSÁVEIS PARA PARTICIPAÇÃO DE MENORES NA PESQUISA

Estimados pais e responsáveis, seu filho(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **“A EDUCAÇÃO HUMANÍSTICA NA PROPOSTA PEDAGÓGICA INACIANA: UMA DISCUSSÃO FRENTE AOS DESAFIOS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA”**, sob a responsabilidade do pesquisador Glauco Félix Teixeira Landim, mestrando do Programa de Mestrado em Gestão Educacional da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS (RS), orientado pelo Prof. Dr. João Batista Storck.

Esta pesquisa pretende verificar como se manifesta o aspecto humanístico na proposta educativa de um colégio jesuíta.

A metodologia adotada para este estudo é a pesquisa qualitativa e utilizaremos os seguintes instrumentos: análise documental, questionário e observação participante. Sua contribuição nessa pesquisa será por meio do questionário.

Participando desta pesquisa, seu(sua) filho(a) contribuirá para possibilidades de avanços e melhorias no processo de aprendizagem dos alunos do Colégio São Francisco Xavier. Depois de concordar, você poderá rever a participação do seu filho, retirando seu consentimento a qualquer momento, independente do motivo e sem nenhum prejuízo para o(a) aluno(a). Os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de investigação.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas a identidade dos(as) seus(suas) filhos(as) como participante será preservada, pois não serão divulgados nomes ou informações que possam identificar os(as) envolvidos(as) na pesquisa, sendo garantido total sigilo.

Existe a possibilidade de que os questionamentos a serem respondidos no questionário causem algum constrangimento ou desconforto ao entrevistado, a partir de seu trabalho no colégio. Nesse caso o participante reserva-se ao direito de não responder a tais perguntas, conforme desejar.

Para qualquer outra informação ou esclarecimentos, você poderá entrar em contato com o pesquisador pelo telefone (11) 96660-9980 ou pelo e-mail glauco.landim@sanfra.g12.br.

O questionário será aplicado por meio da plataforma Google Forms. Será passado em momento oportuno o link para o acesso ao mesmo.

A participação de seu(sua) filho(a) é voluntária e extremamente importante. Então, se você concorda com a participação, peço que estimule-os a colaborar com as suas informações, preenchendo o formulário e enviando as suas informações para o pesquisador.

Atenciosamente,

Glauco Félix Teixeira Landim

Pesquisador

APÊNDICE V - CARTA DE ACEITE PARA PAIS E RESPONSÁVEIS DOS ESTUDANTES

CARTA DE CONSENTIMENTO DE PAIS E RESPONSÁVEIS PARA MENORES PARTICIPAREM DA PESQUISA

Enfim estando orientado (a) e esclarecido (a) autorizo quanto ao teor do todo aqui mencionado e compreendido a natureza o objetivo do já referido estudo de mestrado “**A EDUCAÇÃO HUMANÍSTICA NA PROPOSTA PEDAGÓGICA INACIANA: UMA DISCUSSÃO FRENTE AOS DESAFIOS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**”, manifesto meu livre consentimento na participação do(a) meu(minha) filho (a)

Série _____ turma _____, estando plenamente ciente de que não nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por sua participação.

Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador, Glauco Félix Teixeira Landim, sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação do(da) meu(minha) filho(a). Foi-me garantido que meu(minha) filho(a) poderá retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Atenciosamente,

Local e data: _____

Nome: _____

O(A) senhor(a) autoriza seu filho(a) participar da pesquisa?

() Sim

() Não

APÊNDICE VI - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO DE MENORES NA PESQUISA

Estimado aluno(a), você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa **“A EDUCAÇÃO HUMANÍSTICA NA PROPOSTA PEDAGÓGICA INACIANA: UMA DISCUSSÃO FRENTE AOS DESAFIOS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA”**, sob a responsabilidade do pesquisador Glauco Félix Teixeira Landim, mestrando do Programa de Mestrado em Gestão Educacional da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS (RS), orientado pelo Prof. Dr. João Batista Storck.

Esta pesquisa pretende verificar como se manifesta o aspecto humanístico na proposta educativa de um colégio jesuíta.

A metodologia adotada para este estudo é a pesquisa qualitativa e utilizaremos os seguintes instrumentos: análise documental, questionário e observação participante. Sua contribuição nessa pesquisa será por meio do questionário.

Participando desta pesquisa, você contribuirá para possibilidades de avanços e melhorias no processo de aprendizagem dos alunos do Colégio São Francisco Xavier. Depois de concordar, você poderá rever a sua participação, retirando seu consentimento a qualquer momento, independente do motivo e sem nenhum prejuízo. Os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de investigação.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas a sua identidade como participante será preservada, pois não serão divulgados nomes ou informações que possam identificar os(as) envolvidos(as) na pesquisa, sendo garantido total sigilo.

Existe a possibilidade de que os questionamentos a serem respondidos no questionário causem algum constrangimento ou desconforto. Nesse caso o participante reserva-se ao direito de não responder a tais perguntas, conforme desejar.

Para qualquer outra informação ou esclarecimentos, você poderá entrar em contato com o pesquisador pelo telefone (11) 96660-9980 ou pelo e-mail glauco.landim@sanfra.g12.br.

O questionário será aplicado por meio da plataforma Google Forms. Será passado em momento oportuno o link para o acesso ao mesmo.

A sua participação é voluntária e extremamente importante. Então, se você concorda com a participação, peço que colabore com as suas informações, preenchendo o formulário e enviando as suas informações para o pesquisador.

Atenciosamente,

Glauco Félix Teixeira Landim

Pesquisador

APÊNDICE VII - CARTA DE ACEITE PARA MENORES DE IDADE**CARTA DE ASSENTIMENTO PARA MENORES PARTICIPAREM DA PESQUISA**

Enfim estando orientado (a) e esclarecido (a) autorizo quanto ao teor do todo aqui mencionado e compreendido a natureza o objetivo do já referido estudo de mestrado **“A EDUCAÇÃO HUMANÍSTICA NA PROPOSTA PEDAGÓGICA INACIANA: UMA DISCUSSÃO FRENTE AOS DESAFIOS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA”** manifesto meu livre consentimento na participação enquanto aluno(a)

Série ____ turma ____, estando plenamente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por sua participação.

Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador, Glauco Félix Teixeira Landim, sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da minha participação. Foi-me garantido que poderei retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade mesmo contando com a autorização dos meus responsáveis.

Atenciosamente,

Local e data: _____

Você aceita participar da pesquisa?

() Sim

() Não

APÊNDICE VIII - QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

(Modelo likert)

1. Em qual segmento você leciona?
() Educação Infantil () Ensino Fundamental I () Ensino Fundamental II () Ensino Médio
2. Há quantos anos você trabalha no SANFRA?
3. Qual importância você atribui para o fato de um colégio possuir uma dimensão humanista em sua proposta educativa?
(1 – sem importância [...] 5 – Muito importante)
4. Em qual a escala o fato de o Colégio São Francisco Xavier ser um colégio de cunho humanista e com valores cristãos influencia na motivação de sua missão como educador?
(1- Indiferente [...] 5- Faz toda a diferença)
5. O quanto você julga ser importante os projetos promovidos pela Formação Cristã e Pastoral para o contexto geral da proposta curricular do Colégio São Francisco Xavier?
(1- Indiferente [...] 5- Possuem um papel decisivo)
6. Qual é o nível de conhecimento que você possui dos valores que fundamentam a pedagogia inacioniana?
(1- Não interfere na minha formação [...] 5 – Interfere totalmente)
7. Você entende que o seu trabalho como educador está ajudando os seus alunos a se tornarem pessoas comprometidas, competentes, conscientes e compassivas?
(1- Ainda tenho muito a crescer [...] 5- Estou atingindo totalmente este objetivo)
8. Você entende que, apesar dos desafios impostos pelos métodos de ensino online, foi possível manter a proposta educativa pautada nos valores do Colégio São Francisco Xavier?
(1 – Não foi possível [...] 5 – A proposta educativa permaneceu a mesma)
9. Em que intensidade você acredita que um Projeto Político-Pedagógico, construído a partir de uma gestão democrática, pode impactar na qualidade do ensino e da aprendizagem dos alunos?

(1- O impacto é mínimo [...] 5- O impacto é decisivo]

10. Você se sente realizado por poder exercer sua missão educativa em um colégio jesuíta?

(1- Indiferente [...] 5- Amplamente realizado)

APÊNDICE IX - QUESTIONÁRIO PARA OS ANTIGOS ALUNOS

(Modelo likert)

1. Nome:
2. Em que ano você concluiu os seus estudos no SANFRA?
3. Por quantos anos você estudou no SANFRA?
4. Qual importância você atribui para o fato de um colégio possuir uma dimensão humanista em sua proposta educativa?
(1 – sem importância [...] 5 – Muito importante)
5. O quanto o fato do Colégio São Francisco Xavier ser um colégio de cunho humanista e com valores cristãos contribuiu para a sua escolha (e da sua família) sobre onde estudar?
(1 – Não influenciou a decisão [...] 5 – Foi fator decisivo para a escolha)
6. Você participou das atividades oferecidas pela Formação Cristã e Pastoral do colégio na época em que foi aluno?
(2- Não participei de nada [...] 5- Participo de tudo o que eu posso)
7. Você percebia, no cotidiano das aulas, os valores e princípios da escola jesuíta serem aplicados pelos professores e demais educadores do colégio?
(1- Não vejo em nenhum momento [...] 5 – Percebo em todos os momentos)
8. O quanto você entende que o cultivo de amizade entre os seus colegas e educadores, permitindo que exista um clima de bem-estar e de cooperação, contribuiu com a sua formação?
(2- Não interfere na minha formação [...] 5 – Interfere totalmente)
9. O quanto você sente que estudar em uma escola jesuíta lhe ajudou a ser tornar uma pessoa comprometida, competente, consciente e compassiva?
(2- Não me ajudou [...] 5- Ajudou-me totalmente)
10. O quanto você entende que o Colégio São Francisco Xavier contribuiu com a escolha profissional ou da área de estudos que você escolheu?
(1 – Não contribuiu [...] 5 – Contribuiu de forma decisiva)

11. O quanto você julga que a formação humanística recebida no SANFRA permitiu a você ser a pessoa que você é hoje?
(1- Não afetará em nada [...] 5- Será de forma decisiva o meu diferencial)

Você participa atualmente do Núcleo de Egressos Xaverianos ou de algum outro grupo ligado ao SANFRA?
(Sim/Não)

12. O Regimento Escolar do SANFRA diz que o seu projeto educativo “tem por finalidade o pleno desenvolvimento do estudante, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Você pensa que este objetivo foi cumprido?
(1- Não foi cumprido [...] Foi cumprido por completo)

APÊNDICE X - QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO
(Modelo likert)

11. Nome

12. Em qual série do Ensino Médio você se encontra neste momento?

13. Qual importância você atribui para o fato de um colégio possuir uma dimensão humanista em sua proposta educativa?
(1 – sem importância [...] 5 – Muito importante)

14. O quanto o fato de o Colégio São Francisco Xavier ser um colégio de cunho humanista e com valores cristãos contribuiu para a sua escolha (e da sua família) acerca de onde estudar?
(2- Não influenciou a decisão [...] 5- Foi o fator decisivo para a escolha)

15. Você participou ou participa das atividades oferecidas pela Formação Cristã e Pastoral do colégio?
(3- Não participei de nada [...] 5- Participo de tudo o que eu posso)

16. Você percebe, no cotidiano das aulas, os valores e princípios da escola jesuíta serem aplicados pelos professores e demais educadores do colégio?
(2- Não vejo em nenhum momento [...] 5 – Percebo em todos os momentos)

17. O quanto você entende que o cultivo de amizade entre os seus colegas e educadores, permitindo que exista um clima de bem-estar e de cooperação, contribuiu com a sua formação?
(3- Não interfere na minha formação [...] 5 – Interfere totalmente)

18. Estando nos últimos anos da educação básica, o quanto você sente que estudar em uma escola jesuíta lhe ajudou a ser tornar uma pessoa comprometida, competente, consciente e compassiva?
(3- Não me ajudou [...] 5- Ajudou-me totalmente)

19. Quando você pensa sobre qual caminho profissional deve seguir (ou que área deseja estudar), o quanto você entende que o Colégio São Francisco Xavier contribuiu com esta escolha?
(1 – Não contribuiu [...] 5 – Contribuiu de forma decisiva)

20. O quanto você julga que a formação humanística recebida no SANFRA permitirá a você ser um bom profissional?

(2- Não afetará em nada [...] 5- Será de forma decisiva o meu diferencial)

21. O Regimento Escolar do SANFRA diz que o seu projeto educativo “tem por finalidade o pleno desenvolvimento do estudante, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Mesmo sabendo que ainda há um caminho a ser trilhado em seus estudos, você sente que este objetivo está sendo cumprido?

(1- Não está sendo cumprido [...] 5 – Está sendo cumprido totalmente)